



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Educação Física e Desportos

Flavia Fernandes de Oliveira

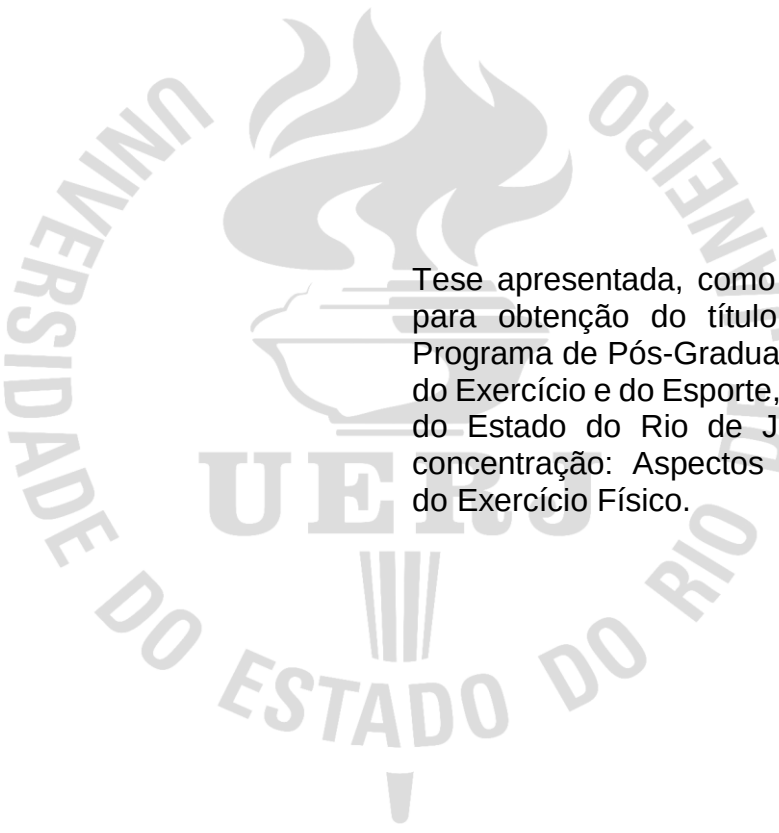
**O *Bullying* na culturalidade brasileira:
uma perspectiva da Educação Física escolar**

Rio de Janeiro

2024

Flavia Fernandes de Oliveira

**O *Bullying* na culturalidade brasileira:
uma perspectiva da Educação Física escolar**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico.

Orientador: Prof. Dr. Silvio de Cassio Costa Telles

Coorientadora: Prof.^a Dra. Giannina M. do Espírito Santo Wildhagen

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

O48 Oliveira, Flavia Fernandes de.
O bullying na culturalidade brasileira: uma perspectiva da
Educação Física escolar / Flavia Fernandes de Oliveira. –
2024.
180 f : il.

Orientador: Silvio de Cassio Costa Telles.
Coorientadora: Giannina Maria do Espírito Santo
Wildhagen.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Educação Física e Desportos.

1. Bullying nas escolas - Teses. 2. Educação física –
Estudo e ensino – Teses. 3. Educação física - Aspectos
sociais – Teses. 4. Violência na escola – Teses. I. Telles,
Silvio de Cassio Costa, 1971-. II. Espírito-Santo, Giannina do.
III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Educação Física e Desportos. IV. Título.

CDU 796(07):371.5

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta tese desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Flavia Fernandes de Oliveira

**O *Bullying* na culturalidade brasileira:
uma perspectiva da Educação Física escolar**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico.

Aprovada em 12 de setembro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Silvio de Cassio Costa Telles (Orientador)
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

Prof^a. Dra. Giannina Maria do Espírito Santo Wildhagen (Orientadora)
Comitê Nacional de Ética em Pesquisa

Prof. Dr. Mário Coelho Teixeira
Universidade de Évora

Prof^a. Dra. Elaine Prodócimo
Universidade Estadual de Campinas

Prof^a. Dra. Gabriela Conceição de Souza
Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Rafael da Silva Mattos
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai (*in memoriam*), porque me estimulou a estudar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me iluminar a cada dia.

À minha mãe, ao meu irmão e minhas sobrinhas, por acreditarem em mim e na concretização dos meus sonhos.

Aos meus familiares, por estarem sempre torcendo pela minha vitória.

Ao meu amigo e amiga orientador(a), Dr. Silvio Telles e Dra. Giannina Espírito Santo, pelas orientações, pelo acolhimento, pelo carinho e pelo incentivo durante essa jornada de cinco anos.

Ao meu amigo e ex-orientador Professor Sebastião Votre, pela apresentação do tema de estudo no mestrado e pelo incentivo no ingresso do doutorado.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte, pelo aconchego e a credibilidade, e aos professores do PPGCEE – UERJ, em especial ao professor Rafael Mattos, que me ajudaram com seus conhecimentos e indicações de materiais.

Aos amigos e as amigas do GPÉEsC, com quem aprendo e partilho conhecimentos todos os dias.

Aos membros da banca examinadora, pela disponibilidade e interesse.

À Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME- RJ) e à escola municipal que trabalho, pela oportunidade de desempenhar meu papel de professora diariamente.

Ao Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro - Anísio Teixeira (SME-RJ) e à Escola de formação Paulo Freire, pela bolsa de estudos concedida.

Ao Professor e à Professora de Educação Física, e Alunos(as) das escolas selecionadas para participação e enriquecimento desta pesquisa.

Aos meus amigos e amigas pelo apoio e incentivo, em especial a minha comadre Jaqueline pelas revisões.

RESUMO

OLIVEIRA, Flavia Fernandes de. **O bullying na culturalidade brasileira**: uma perspectiva da Educação Física escolar. 2024. 180 f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O *bullying* é um comportamento que aflige mundialmente muitos estudantes. Por ser um fenômeno que ocorre no espaço escolar, está presente também nas aulas de Educação Física, assim como outros episódios de violência que são produzidos e reproduzidos durante as atividades práticas. Desta forma, o objetivo da tese é compreender as características do *bullying* escolar nas aulas de Educação Física (EF) e compará-las às características clássicas propostas por Olweus. O *corpus* é constituído por quatro textos, sendo: no primeiro estudo o objetivo foi realizar um levantamento das principais características do comportamento *bullying* escolar em estudos do Brasil e do exterior, realizado através do *Scoping Review*, e conclui-se que as características mais presentes são as físico-corporais, comportamentais, de gênero, étnico/raciais e socioculturais, que se tornam um *habitus* devido à forma como os/as estudantes agem, percebem e as incorporam dentro do campo escolar; o segundo estudo buscou identificar as principais características do *bullying* nas escolas e nas aulas de EF, a partir do discurso dos professores/as de EF brasileiros/as com expertise no fenômeno. A análise do conteúdo foi o método de análise das entrevistas. Concluímos a partir do discurso dos/as expertises que as características de *bullying* presentes nas escolas são as diferenças socioeconômicas, a popularidade dos/as estudantes, as questões com relação à imagem corporal, as questões de gênero e o racismo, e nas aulas de EF são as diferenças de habilidades motoras e imagem corporal; no terceiro o objetivo é levantar as características do *bullying* que surgem nas aulas de Educação Física nas escolas do município do Rio de Janeiro em turmas do sétimo ano do ensino fundamental, verificando as possíveis relações com as estudadas por Olweus. Para tal foram realizadas observações de campo em duas escolas uma da rede pública e outra da rede privada sendo observado que as principais características do *bullying* nas aulas de EF são com relação à habilidade motora e à cor/raça das vítimas, que foram os meninos; o último estudo foi um ensaio que procurou apresentar e discutir ações pedagógicas acerca das situações de violência e *bullying* na EFE, partindo de uma escrevivência da autora da tese, que apresentou relatos de *bullying* e violência durante aulas de EF em uma escola pública municipal do Rio de Janeiro em turmas do ensino fundamental. A partir dos estudos apresentados, a tese defende que as características do *bullying* nas aulas de EF estão em consonância com as clássicas propostas por Olweus, entretanto à culturalidade do local onde as escolas estão inseridas remetem à diferença em relação aos atores nos eventos de *bullying*.

Palavras-chave: bullying; violência; habitus; educação física.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Flavia Fernandes de. **Bullying in Brazilian culture: a school perspective of Physical Education.** 2024. 180 f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Bullying is a behavior that threatens many students worldwide. Because it is a phenomenon observed everywhere at school, it also occurs during Physical Education classes, as well as some episodes of violence that are produced and reproduced during practical activities. From this perspective, this thesis aims to understand the characteristics of school bullying in Physical Education (PE) classes and compare them to the classic characteristics proposed by Olweus. This study divided into four parts: The first part aims to carry out a survey of the main characteristics of school bullying behavior from studies in Brazil and abroad, through the Scoping Review, and its conclusion was that the characteristics are physical-corporal, behavioral, gender, ethnic/racial and sociocultural, which become a habitus due to the way students act, perceive and incorporate them within the school field; the second study sought to identify the main characteristics of bullying in schools and PE classes, based on the discourse of Brazilian PE teachers with expertise in the phenomenon. Content analysis was the interview analysis method. We conclude from the experts' speech that the characteristics of bullying present in schools are socioeconomic differences, the popularity of students, issues regarding body image, gender issues and racism, and in classes and PE are the differences in motor skills and body image; in the third, the objective is to survey the characteristics of bullying that arise in Physical Education classes in schools in Rio de Janeiro, verifying possible relationships with those studied by Olweus. To this end, field observations were carried out in two schools, one public and other private school, and of which observed that the main characteristics in PE classes are in relation to the motor ability and color/race of the victims, who were boys; the last study was an essay that sought to present and discuss pedagogical actions regarding situations of violence and bullying in physical education scholar, based on a writing by the author of the thesis, who presented reports of bullying and violence during PE classes in a municipal public school in Rio de Janeiro in an elementary school class. Based on the studies presented, the thesis argues that the characteristics of bullying in PE classes are in line with the classic ones proposed by Olweus, however, the culturality of the place where the schools are located refers to the difference in relation to the actors in bullying events.

Keywords: bullying; violence; habitus; physical education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Diagrama da Tese.....	18
Tabela 1 –	Bases Pesquisadas.....	23
Figura 2 –	Diagrama de Fluxo.....	24
Gráfico 1 –	Local dos Estudos.....	26
Quadro 2 –	Características do <i>Bullying</i> Escolar.....	27
Quadro 3 –	Caracterização dos Informantes de Elite.....	48
Quadro 4 –	Elaboração das categorias.....	49
Figura 3 –	Fluxograma Protocolo de Prevenção, Proteção e Segurança Escolar ...	107

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	ESTUDO: CARACTERÍSTICAS DO BULLYING ESCOLAR: SCOPING REVIEW	20
1.1	Introdução	20
1.2	Métodos	22
1.2.1	<u>Identificações da questão de investigação</u>	<u>22</u>
1.2.2	<u>Identificações dos estudos relevantes</u>	<u>22</u>
1.2.3	<u>Seleções dos estudos.....</u>	<u>23</u>
1.2.4	<u>Mapeamentos dos dados</u>	<u>23</u>
1.2.5	<u>Agrupar, resumir e reportar os resultados</u>	<u>24</u>
1.3	Resultados	25
1.3.1	<u>Características físico corporais.....</u>	<u>27</u>
1.3.2	<u>Características comportamentais</u>	<u>28</u>
1.3.3	<u>Características quanto ao gênero.....</u>	<u>29</u>
1.3.4	<u>Características Étnico/Raciais</u>	<u>30</u>
1.3.5	<u>Características Socioculturais</u>	<u>30</u>
1.4	Discussão.....	32
1.5	Considerações finais.....	38
1.6	Referências	39
2	ESTUDO: BULLYING NAS ESCOLAS: O DISCURSO DOS(AS) PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	44
2.1	Introdução	44
2.2	Método	46
2.3	Análise e discussão dos resultados	47
2.3.1	<u>Conceito de <i>bullying</i> escolar</u>	<u>49</u>
2.3.2	<u>Diferenças do <i>Bullying</i> Escolar no Brasil X Exterior.....</u>	<u>52</u>
2.3.3	<u>Características do <i>bullying</i> escolar</u>	<u>56</u>
2.3.4	<u>Características do bullying nas aulas de EF.....</u>	<u>60</u>
2.4	Considerações finais.....	63
2.5	Referências	65
3	ESTUDO: CARACTERÍSTICAS DO BULLYING E EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	69

3.1	Introdução	69
3.2	Método	72
3.3	Análise e discussão dos dados	75
3.3.1	<u>O bullying relação de poder assimétrico</u>	75
3.3.2	<u>O bullying uma ação repetitiva</u>	79
3.3.3	<u>A intencionalidade do bullying</u>	83
3.4	Considerações finais	90
3.5	Referências	92
4	ENSAIO: ESCRIVÊNCIAS DAS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA E BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	97
4.1	Introdução	97
4.2	Parte inicial	99
4.3	Parte principal	104
4.4	Parte final	109
4.5	Referências	111
	CONSIDERAÇÕES FINAIS (da tese)	115
	REFERÊNCIAS	120
	APÊNDICE A – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética Em Pesquisa	124
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Informantes de Elite	128
	APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista com Informantes de Elite	130
	APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas	131
	APÊNDICE E – Autorização de Pesquisa Acadêmica na Escola Municipal	172
	APÊNDICE F – Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Professores de Educação Física	173
	APÊNDICE G – Modelo de Termo de Consentimento Livre do Responsável Legal	175
	APÊNDICE H – Modelo de Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	177
	APÊNDICE I – Alguns Registros do Diário de Campo das 102 Aulas Observada	179

INTRODUÇÃO

[...] como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que é além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento.

Freire, 1996, p.98

A partir da minha experiência de mais de 20 anos na Educação Física (EF) escolar, foi possível evidenciar o fenômeno do *bullying* se desenvolvendo. Esse fato motivou o artigo intitulado “*Bullying* nas aulas de Educação Física” (Oliveira; Votre, 2006) da dissertação. Para o doutorado, diante de indicativos de que o *bullying* na EF escolar ainda é pouco estudado no Brasil, a preocupação foi de ampliar uma pesquisa que possa contemplar tanto as vozes daqueles que estão sofrendo e praticando o *bullying* como as observações das realidades nas aulas de EF em escolas com diferentes cenários.

Durante a minha atuação em escolas privadas e públicas, com turmas separadas por sexo, mistas e com alunos/as com deficiência enturmados/as no mesmo grupo que os outros sem deficiência, percebo que a EF desenvolve as potencialidades dos/as alunos/as e favorece o desenvolvimento da solidariedade entre eles/elas, pois as relações entre os grupos sociais são fruto de conjunturas sociais que, em sua maioria, passam despercebidos por nós, docentes. Estudar o fenômeno *bullying* nas aulas de EF poderá proporcionar uma reflexão sobre as estruturas pedagógicas, pois permanece uma lacuna na formação docente desde a graduação até nos cursos de formação continuada¹ sobre o tema. Como a escola tem como compromisso a formação integral do educando, é necessário:

[...] desnaturalizar qualquer forma de violência nas sociedades contemporâneas, incluindo a violência simbólica de grupos sociais que impõem normas, valores e conhecimentos tidos como universais e que não estabelecem diálogo entre as diferentes culturas presentes na comunidade e na escola. (Brasil, 2018, p. 59)

¹ Bracht (2019, p.188) diz que “[...] a mudança da prática pedagógica na Educação Física depende em grande medida dos processos de formação inicial e continuada, com ênfase na última”.

Como professora de EF escolar, comecei a atuar em escolas privadas; depois de quatro anos, ingressei na rede pública municipal de ensino do Rio de Janeiro, onde tive dificuldade de lidar com as diferenças culturais apresentadas pelos/as alunos(as), pois a proposta curricular para aulas de Educação Física era semelhante à da rede privada naquela época, que tinham os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) como base para orientar na elaboração do planejamento das aulas. Porém, no início, eu não estava habilitada para reconhecer essas diferenças, porque acreditava que a mesma proposta de aula que eu dava na rede privada, com muitos recursos materiais, serviria para os/as alunos/as da rede pública que contava com poucos recursos materiais, sem recursos financeiros e sem conhecimento cultural amplo das múltiplas realidades dos/as estudantes. Foi nos dois anos de formação continuada em EF, oferecida pela própria rede pública de ensino, que pude compreender que a EF apresenta um espaço próprio em que as manifestações corporais e comportamentais são expressões da cultura do grupo. De acordo com Daólio (2004, p. 3), “o que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela educação física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza”.

Ao considerar a EF como um subcampo do campo escolar que tem suas regras, princípios e hierarquias bem definidas a partir das tensões construídas pelas relações de seus próprios agentes sociais, o ambiente das aulas de EF se torna ambiente fértil para casos de violência e, sobretudo, o *bullying*, pois as atividades envolvem exposições corporais e contato físico, além da análise das diferentes habilidades motoras e da performance esportiva, que acentuam as diversas formas de discriminações e/ou preconceitos que estão no campo escolar e no seio da sociedade. Sendo assim, a principal relevância desse estudo se dá através da hipótese de que há diferenças significativas entre as características do comportamento *bullying* nas escolas do Rio de Janeiro (sobretudo nas aulas de EF), que vão de encontro às propostas de análise do fenômeno internacionalmente, como as pesquisas de Olweus nas escolas da Noruega. Essas diferenças são culturais, pois variam de localidade, porque, de acordo com Geertz (2008), os padrões culturais (religiosos, filosóficos, estéticos, científicos, ideológicos) fornecem uma organização dos processos sociais, que é a forma como os agentes se relacionam uns com os outros.

Geertz (2008), ao interpretar a cultura do homem, diz que é “o estudo da maquinaria que os indivíduos ou grupos de indivíduos empregam para orientar a si mesmos num mundo que de outra forma seria obscuro” (Geertz, 2008, p. 150). Para esse autor, não há homem sem cultura, pois, desde a sua essência, ele transmite e produz cultura. Sendo assim, ao compreender a cultura humana, veremos que ela parte do comportamento e que implica significados para os que vivenciam.

Abordaremos, nesta tese, a culturalidade como a qualidade de uma determinada cultura², sendo as características, qualidades e idiossincrasias que constituem a cultura do homem na sociedade – nesse caso, no ambiente escolar. Essa culturalidade é o que propusemos fazer sobre o nosso estudo de *bullying* no Brasil, como diz Geertz (2008, p.10):

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade.

No Brasil, muito se tem falado sobre o aumento da violência nos últimos anos devido ao cenário político e ao crescimento das desigualdades econômicas, sociais e culturais. Historicamente, existe um mito da não violência brasileira (Chauí, 2017), que seria, ao longo do tempo, a crença do desconhecimento pelo povo de atos violentos, como os que violam as normas sociais (discriminar, roubar, furtar dentre outros) como, de fato, uma forma de violência, mesmo sendo atos percebidos como isolados ou esporádicos. Minayo (2006) advoga que, por se tratar de um conceito amplo, a violência é difícil de definir por ser um fenômeno vivido. Entender a violência é tratá-la como um fenômeno social complexo, de ordem política e econômica, dentre outras. Já Krug *et al.* (2002, p. 5) apresenta o conceito de violência segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) como:

Uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Diante dessa definição, não se deve deixar à parte que todas as formas de violência têm intencionalidade, consequências ou possíveis consequências. O termo violência nasce historicamente na modernidade, pós-revolução industrial, porém a

² <https://pt.wiktionary.org/wiki/culturalidade>

violência apresenta realidades diferentes de acordo com as épocas, locais e circunstâncias (Minayo, 2003). Como a origem da violência é sócio-histórica, pensa-se a violência no campo filosófico e sociológico, a fim de contribuir para entender o sujeito e suas subjetividades. Minayo (2006) traz as três fontes que explicam a violência: a primeira a retrata como fruto das expressões de crises sociais, levando a população à revolução, à sociedade ou ao estado; a segunda seria aquela exercida no campo político, como instrumento de poder; e a terceira cita a articulação entre a violência e a cultura, que se refere à violência como sendo instintiva do ser humano, e dá-se pela ideia da construção da identidade do ser humano. Entretanto, nessa última abordagem, segundo a Minayo (2006), não há intervenções políticas, sociais e subjetivas.

A violência está ligada ao cenário das desigualdades que estão impregnadas na sociedade: é a violência estrutural, que, de acordo com Minayo (1994), é gerada por estruturas organizadas e institucionalizadas (família e escola), naturalizada e oculta em estruturas sociais, e se expressa na injustiça e na exploração, conduzindo à opressão dos indivíduos. Na violência estrutural, existe uma interseção entre vários tipos de violência, como as de gênero, de raça, infantil, dentre outras.

Muito do que entendemos como violência escolar pode ser considerada como fruto da forma como a escola está organizada, sendo, portanto, estrutural visto que as transformações sociais influenciam na organização da escola a partir da ação de seus atores (alunos, professores e trabalhadores) (Bourdieu, 2004a). Na escola, são produzidas suas próprias violências, que afligem o cotidiano escolar, como a insegurança, os conflitos, as agressões físicas, verbais, as discriminações, as ameaças e outros eventos que agravam o clima escolar e as relações sociais dentro da escola (Blaya, 2006; Abramovay, 2013). Dessa forma, o principal objetivo das pesquisas sobre violência na escola é demonstrar que ela não é casual, pois é socialmente construída, podendo ser previsível.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE, 2021) – realizada com 11,8 milhões de estudantes de 13 a 17 anos, dos 26 estados e do Distrito Federal, sendo 85,5% de escolas públicas e 14,5% de escolas privadas –, 10,6% dos escolares se envolvem em brigas com luta física, sendo 14,6% de meninos e apenas 6,7% de meninas; os meninos adolescentes mais novos, de idade entre 13 a 15 anos, foram os mais envolvidos. Os adolescentes de escolas públicas apresentaram mais relatos de episódios violentos. Isso pode ter sido influenciado

pelas condições de vida que estão expostos. De acordo com Minayo (1990, p. 290), essa violência dos adolescentes brasileiros é a “estrutural”, que:

[...] nasce no próprio sistema social, criando as desigualdades e suas consequências, como a fome, o desemprego e todos os problemas sociais com que convive a classe trabalhadora. Estão aí incluídas as discriminações de raça, sexo e idade.

Essas desigualdades, que geram violência entre os escolares, são também fruto das tensões do campo (escolar) como as agressões e a indisciplina. Para Bourdieu (2015; 2003), o conceito de campo refere-se a um espaço estruturado de posições legítimas em que os indivíduos produzem um tipo de bem (capital), que é consumido e classificado por fazerem parte de uma determinada classe social com suas características (econômicas, culturais e sociais). Mediante as exigências do campo, os ocupantes possuem *habitus* que podem ser uma espécie de crença ou um modo de agir, como sendo dos/as estudantes, através de atos violentos.

O *habitus* sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquema geradores, é gerador de estratégias que podem estar objetivamente em conformidade com os interesses dos seus autores sem terem sido expressamente concebidos para esse fim. (Bourdieu, 2003, p. 125)

Adotamos como referencial teórico o sociólogo Pierre Bourdieu, pois implementamos o conceito de *habitus* para analisar as formas como os/as estudantes se expressam e, por consequência, alguns conceitos, como a teoria do campo, o capital, violência simbólica, *illusio* e poder simbólico.

Para Bourdieu (2004), o campo, por ser um espaço social de lutas simbólicas, é ocupado pelos agentes que mantém a estrutura do campo. Dessa forma, campo ou subcampo que esses agentes ocupam e incorporam um *habitus* lhes darão condições de disputar uma espécie jogo. Essa relação do campo e do *habitus* é o que Bourdieu (2001) denominou de sentido do jogo, ou seja, os agentes impõem seus objetivos e normas.

Diante dessa relação, surge a noção de *illusio*, que dá condições dos agentes serem “[...] capazes de impor suas exigências aos que os apreendem e os fazem funcionar, dotados de uma autonomia estreitamente ligada àquela do campo” (Bourdieu, 2001b, p. 137-138). A noção de *illusio* de Bourdieu (1996, p.139) surge em referência ao livro *Homo ludens* de Huizinga. Sua raiz é do *ludus* (jogo) e significa “estar no jogo, estar envolvido no jogo, levar o jogo a sério. [...] o jogo merece ser

jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos”.

Assim sendo, a *illusio* faz com que compreendamos a maneira pela qual os/as estudantes mantêm as agressões na escola e nas aulas de EF, pois aqueles que agridem detêm de um poder simbólico, que lhes é concedido. Bourdieu (2001a, p.15) diz ser o poder simbólico aquele “[...] poder, subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder [...], capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia”.

Dotado de um poder simbólico, Bourdieu (2016) diz que há uma violência simbólica com consentimento dos dominados, que é um meio de coerção em que o dominado dá poder de legitimação ao dominante, ou seja, essa relação de dominação é naturalizada e classificada pelos dominantes. Portanto, para Bourdieu (2016), a violência simbólica é sutil, quase sempre invisível, sendo ela fruto da uma reprodução.

A violência e as agressões a que os adolescentes são submetidos atualmente, como agressores ou vítimas, são problemas de saúde pública (Brasil 2021; Minayo,1990). Quando a agressividade se transforma em violência, reflete, ao mesmo tempo, um fato social e psicossocial, em que “[...] contribuem as circunstâncias sociais, o ambiente cultural, as formas de relações primárias e comunitárias e as idiossincrasias dos sujeitos” (Minayo, 2020, p. 23). Na parte da PeNSE (Brasil, 2021) que trata da questão da violência e seguranças com relação à agressão física, os estudantes de 13 a 15 anos foram os que mais afirmaram terem sofrido (23%) em relação aos de 16 a 17 anos (17,3%). Em comparação às regiões do Brasil, os escolares do Rio de Janeiro foram os que mais afirmaram (16%) terem sido agredidos por outros que não são pai, mãe ou responsável. Nesse mesmo censo, 48% dos escolares disseram ser agredidos pelos amigos. Contudo, a PeNSE (Brasil, 2021) deixou claro que não é uma pesquisa que tem como objetivo analisar a violência, mas sim compreender o fenômeno entre os estudantes adolescentes.

Diante do exposto, percebe-se que pode haver uma relação desse cenário de violência com o fenômeno *bullying* – que é um comportamento que tem a intenção de maltratar, desautorizar, amedrontar, intimidar e, até mesmo, humilhar os estudantes através de agressões físicas e verbais em que os mais fortes, detentores de poder (agressores) convertem os mais fracos (vítimas) em objetos de prazer e diversão (brincadeira). O *bullying* é caracterizado por ser um comportamento violento

sistemático entre estudantes e por se estender por longos períodos, por isso, pode causar danos psicológicos irreversíveis às vítimas (Olweus, 2005; Fante, 2005; Oliveira; Votre, 2006; Brasil, 2015; Silva, 2018).

De acordo com Olweus (1978, 1997, 2005, 2010), o *bullying* pode ser também tratado como vitimização entre pares no sentido geral: quando o(a) estudante está sendo agredido através de ações negativas, repetidas vezes, por um tempo indeterminado, por um ou mais estudantes na escola. As ações negativas podem ser por contato físico, por palavras ou outras formas, como fazer caretas e gestos maliciosos ou excluir intencionalmente de um grupo. Olweus (2010, p. 2, tradução nossa) afirma que, para usar o termo *bullying*, [...] “também deve haver um desequilíbrio de poder ou força (uma relação assimétrica): o estudante que é exposto às ações negativas tem dificuldade em se defender”. Por ser um comportamento que pode ocorrer sem provocação aparente, pode também ser considerado uma forma de abuso (abuso entre pares) – porém, diferentemente de abuso infantil e abuso sexual, por exemplo, devido ao contexto em que ocorrem características de relacionamento entre os pares.

Os dados da Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (*Teaching and Learning International Survey - TALIS*) realizada entre 2017 e 2018, coordenada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que levantou dados sobre as práticas em ambientes escolares de 48 países participantes, evidenciaram que as escolas brasileiras são mais suscetíveis ao *bullying*. O objetivo da pesquisa foi avaliar o ambiente de ensino e aprendizagem e as condições de trabalho dos(as) professores(as) e diretores(as) nas escolas.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Brasil, 2018) aplicou essa pesquisa no Brasil, com a participação de 2.447 professores(as) e diretores(as) de 185 escolas dos anos finais do fundamental (6º ao 9º ano) e de 2.883 professores(as) e diretores(as) de 186 escolas do ensino médio, das redes pública e privada. Foi possível verificar que as escolas dos anos finais do ensino fundamental foram as que mais declaram situações de *bullying* e intimidação entre os(as) estudantes, sendo semanal ou diariamente.

Para a PeNSE (Brasil, 2021), com relação ao *bullying*, os(as) escolares de idade entre 13 a 15 anos foram os que mais declararam terem sido maltratados³

³ Sobre ser esculachado, zoadado, mangado, intimidado ou caçoado pelos colegas tanto que ficaram magoados, incomodados, aborrecidos, ofendidos ou humilhados, 23,0% dos escolares

pelos seus colegas, sendo meninas 27,7% e meninos 20,4%. Com relação às escolas da rede pública (23,0%) e da rede privada (22,9%) de estudantes que disseram que foram maltratados. Os maiores motivos que levaram a sofrerem *bullying* foram: aparência do corpo (16,5%), aparência do rosto (11,6%) e cor ou raça (4,6%).

As duas pesquisas demonstraram que o *bullying*, tanto em escolas públicas quanto em escolas privadas, ocorre mais nos anos finais do ensino fundamental, nos anos em que os(as) estudantes apresentam idades de 12 a 15 anos, fase que os(as) adolescentes estão passando pela “crise da identidade”, caracterizada por uma confusão de identidade e pela preocupação em buscar um papel social, mudando o tempo todo as suas atitudes. Estes precisam pertencer a um grupo da mesma faixa etária, para ser a sua base segura de identidade e pertencimento, como o grupo dos(as) colegas de escola, que fazem com que eles se identifiquem enquanto pares (Erikson, 1987; Bee, 1997).

De acordo com Oliveira e Votre (2006), nos casos analisados de *bullying*, foi possível identificar que os(as) estudantes que são vítimas carregam estereótipos não aceitos pelo grupo dos quais eles/elas fazem ou querem fazer parte na escola, sendo discriminados/as, violentados/as e excluídos/as durante as atividades da aula de EF. Há outros estudos que tratam da temática como as de Da Silva e Martins (2022) que buscaram compreender como o *bullying* e o *cyberbullying* praticado em aulas de EF podem influenciar no processo de formação da autoestima dos alunos; Cortez *et al.* (2021) que analisaram a contribuição da EF no contexto da inclusão para minimizar as práticas de *bullying*; Araújo e Magalhães Neto (2021) que investigaram a prevalência do fenômeno *bullying* nas aulas de EF e identificaram os tipos de *bullying* praticados pelos estudantes durante as aulas; Nobre *et al.* (2019) que investigaram os conhecimentos básicos dos alunos acerca do *bullying* na escola e nas aulas de EF; Correa *et al.* (2018) que identificaram e caracterizaram o *bullying* nas aulas de EF em escolas do município do Rio de Janeiro.

As pesquisas aqui apontadas utilizam as mesmas características do comportamento *bullying* propostas por Olweus, sejam as pesquisas do Brasil ou as do exterior. Ordakowski *et al.* (2021) buscaram questionar se as aulas de EF podem ser utilizadas para combater e prevenir o *bullying* na escola, chegando à conclusão

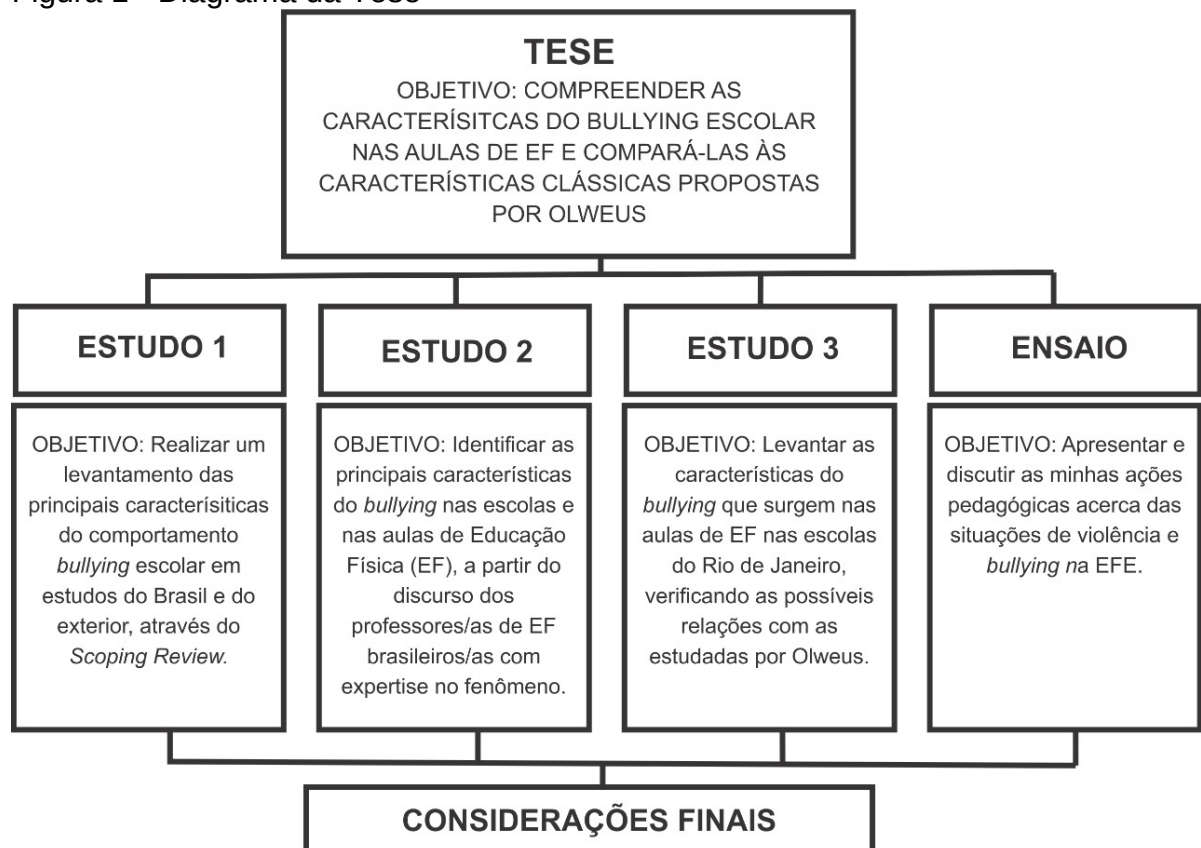
afirmaram que duas ou mais vezes se sentiram humilhados por provocações dos colegas nos 30 dias anteriores à pesquisa (Brasil, 2021).

de que sim, através da análise do grupo de docentes pesquisados, que acreditam ser nessas as aulas quando mais ocorre esse comportamento e, nelas, podem ser feitas intervenções. Desse modo, o presente estudo teve como intenção compreender as características do *bullying* escolar nas aulas de EF e compará-las às características clássicas propostas por Olweus.

O desenho da tese se apresenta no modelo escandinavo, também conhecido como modelo de tese *multipaper*, no qual cada estudo terá seu próprio objetivo, seu método de pesquisa, resultados, discussões e conclusões (Bauer; Gaskell, 2003). Sendo assim, este projeto se estrutura por meio de três estudos e um ensaio, além das considerações finais.

Cada uma das partes da tese, excetuando as considerações finais, terá o seu objetivo geral que corresponde aos objetivos específicos que compõem a pesquisa. Essa sinergia entre os estudos confere à tese maior unidade. Apesar de únicos e individuais, correspondem às características da totalidade da pesquisa. Portanto, os estudos se apresentam da seguinte maneira com seus respectivos objetivos:

Figura 1 - Diagrama da Tese



O ensaio final consistiu em uma escrivivência (EVARISTO, 2020) baseada em relatos de experiência da pesquisadora em uma escola pública municipal do Rio de Janeiro. Para tal, foram discutidas e analisadas as ações pedagógicas apresentadas nas aulas de EF, que tiveram o propósito de mitigar os episódios de violência e de *bullying*. Os mais vulneráveis (as vítimas), os agressores e os demais discentes tiveram um aprendizado acerca do fenômeno.

A tese que sustenta este estudo é que as características do *bullying* escolar e os episódios de violência que ocorrem nas aulas de EF são *habitus*⁴ que os(as) alunos(as) incorporam nos meios sociais em que vivem e reproduzem nas atividades práticas dessas aulas, sendo também as percepções, ações e pensamentos vivenciados por esses estudantes fora da escola, e que eles as fazem com ou sem intencionalidade na escola. Dá-se aí a contribuição deste estudo para a área de concentração “Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico”, em que as linhas de pesquisa são as abordagens psicossocioculturais do Exercício Físico.

Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto – HUPE- UERJ em 27 de agosto de 2019, através da plataforma Brasil, e foi aceito e aprovado em 19 de novembro de 2019, sob o número CAAE: 25686919.2.0000.5259.

⁴ “O *habitus* mantém, com o mundo social que o produz, uma autêntica cumplicidade ontológica, origem de um conhecimento sem consciência, de uma intencionalidade sem intenção e de um domínio prático das regularidades do mundo que permite antecipar seu futuro, sem menos precisar colocar a questão nesses termos.” (Bourdieu, 2004a, p. 24)

1 ESTUDO: CARACTERÍSTICAS DO BULLYING ESCOLAR: SCOPING REVIEW

1.1 Introdução

O *bullying* escolar é uma forma de violência ambientada na escola que não difere das formas de violência praticadas na sociedade. As manifestações de violência são consequências da fragmentação cultural e de mudanças que resultam de rupturas sociais, como o respeito, os valores e a ética. Esse comportamento violento praticado pelos/as alunos/as na escola – que é um espaço de reprodução das desigualdades sociais (Bourdieu; Passeron, 2014a, 2014b), de gênero, de raça e de classes – sempre existiu, porém, nessas últimas décadas, vem obtendo maior atenção por parte da sociedade e dos poderes públicos devido ao seu reconhecimento científico e às reincidências de tragédias nas escolas apontadas pela mídia.

A violência na escola é a compreensão do campo escolar como um espaço social de produções de tensões pelos diferentes agentes sociais: alunos(as), professores(as), trabalhadores(as) da escola, órgãos do governo e a família. De acordo com Bourdieu (1996), o campo é um espaço global de forças e lutas em que os agentes se enfrentam com objetivos e meios diferenciados para conservar as estruturas desse campo ou transformá-lo. As transformações são influenciadas pelas relações sociais que, por sua vez, alteram a estrutura do campo escolar. Os agentes desse campo incorporam um *habitus*, que é a teoria que permite unificar e gerar práticas para “compreender que a durabilidade, a transferibilidade e a exaustividade de um *habitus* que esteja fortemente ligado aos fatos” (Bourdieu, 1996, p. 50). Pode-se dizer que os fatos são diferentes formas de violências do campo escolar que têm o seu próprio *habitus*.

O principal objetivo das pesquisas sobre violência na escola é demonstrar que ela não é casual, pois é socialmente construída, podendo ser até previsível, porém o *bullying* é um tipo de violência que, em sua maioria, não é percebido e nem notado por acontecer longe das vistas dos adultos, entre estudantes, causando danos físicos, morais, materiais e principalmente emocionais.

A primeira definição de *bullying* surgiu nos anos 1970 das pesquisas de Dan Olweus em escolas da Suécia com meninos. O psicólogo pesquisador Dan Olweus (1978, p. 5) chamou de:

um comportamento de um grupo de pessoas, que é temporário e situacional, os ataques são sutis e imprevisíveis, apreendido pelo clima do momento, contra um indivíduo só, [...] tal surtos emocionais temporários de um grupo de crianças certamente ocorre e são de curso, extremamente desagradável sem objetivo.

De origem inglesa, a palavra *bullying* foi adotada em muitos países principalmente a partir da década de 1980 e significa o ato consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. *Bullies* ou *bully* é traduzido como "valentões" e como os verbos "amedrontar" e "tiranizar" (Fante, 2005; Oliveira; Votre, 2006; Oliveira, 2007; Fante; Prudente, 2015). O termo sofreu algumas alterações, podendo ser conhecido e compreendido como assédio entre pares e/ou assédio escolar. Para Olweus (2005), o *bullying* é a situação em que há assédio individual ou coletivo a outra pessoa.

Em outros países, o *bullying* também é chamado de *Harcèlement Scolaire* (França), *Acoso escolar* (Espanha, Colômbia, Venezuela, México e outros países da América Latina) e *Maus-tratos entre pares* (Portugal). Nos estudos sobre a fenomenologia do *bullying*, há dificuldade de encontrar termos que correspondam ao sentido da palavra por diferentes pesquisadores em diferentes países (Fante, 2005). Dão-se aí as peculiaridades desse comportamento em diferentes países, pois a cultura interfere na linguagem, que é um conjunto de símbolos que se materializam em comportamentos transformados e transmitidos historicamente pelos homens (Geertz, 1989).

A cultura escolar é produzida e reproduzida pelos agentes sociais, que diferem de uma região para outra, de uma classe social para outra. Desse modo, o comportamento *bullying* é fruto das ações culturais que influenciam esses agentes. De acordo com Freire (2021), esses agentes são invadidos culturalmente à medida que estruturas dominadoras vão oprimindo, levando-os a não pensar em seus atos, sendo eles violentos. Sendo assim, as características do *bullying* são as diferentes causas de agressões sistemáticas contra um(a) aluno(a), podendo resultar em efeitos emocionais gravíssimos. Com isso, nesta pesquisa, o objetivo foi realizar um levantamento das principais características do comportamento *bullying* escolar em estudos do Brasil e do exterior, através do Scoping Review.

1.2 Métodos

Ao analisarmos a produção científica, teremos um indicador para compreender melhor o estado atual das pesquisas sobre a temática. Este *Scoping Review* (revisão de escopo) baseou-se no método descrito por Arksey e O'Malley (2005), que inclui cinco estágios: identificação da questão de investigação, identificação dos estudos relevantes, seleção dos estudos, mapeamento dos dados e, por fim, agrupamento, sumário e apresentação dos resultados. Diferentemente das outras revisões sistemáticas, a revisão de escopo não visa avaliar a qualidade das evidências, mas mapear o conhecimento de uma determinada área de pesquisa (Arksey; O'Malley, 2005).

1.2.1 Identificações da questão de investigação

Para este estudo de revisão do escopo, focamos na principal questão a investigar: quais são as principais características do comportamento *bullying* escolar de acordo com os estudos?

1.2.2 Identificações dos estudos relevantes

Realizamos uma revisão do escopo do *bullying* escolar, pesquisando nas seguintes bases: PubMed (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online), Scielo BR (Scientific Eletronic Library Online- Brasil), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e ERIC (Education Resources Information Center). Os estudos selecionados foram revisados por pares. O período da pesquisa foi de fevereiro a maio de 2021, com atualização em junho de 2024. Para as buscas nos bancos de dados, utilizamos a expressão “*School bullying AND Characteristic*”, que foi ajustada para cada banco de dados.

Inicialmente, a pesquisa não foi limitada por temporalidade, pois desejávamos identificar o período em que se iniciaram as pesquisas sobre a temática em questão, obtendo, assim, maior abrangência. Com isso, observamos que o primeiro estudo sobre a temática surgiu em 1997, cabendo ressaltar que ocorreu após o segundo livro do Olweus (“*Bullying at School*”).

1.2.3 Seleções dos estudos

Quanto ao idioma, incluímos artigos publicados em português, espanhol, inglês e francês, e publicados com o original na íntegra. Como critérios de inclusão, só foram analisados estudos que envolveram as características do comportamento *bullying* escolar. Utilizamos como critérios de exclusão todos os estudos que abordaram somente *cyberbullying*; estudos que abordaram somente o *bullying* escolar associado a um gênero (masculino ou feminino); estudos sobre as consequências do *bullying* para com as vítimas e/ou agressores.

1.2.4 Mapeamentos dos dados

Como resultado da pesquisa realizada, foram encontradas 728 publicações científicas, conforme descrito na Tabela 1. Para a análise dos títulos e resumos que cumpriram os critérios de seleção, houve 191 publicações com 23 duplicatas. Após leitura dos títulos e resumos, algumas publicações foram excluídas por não apresentarem elementos que atendessem aos critérios de inclusão. Com isso, as 75 publicações que permaneceram foram lidas na íntegra.

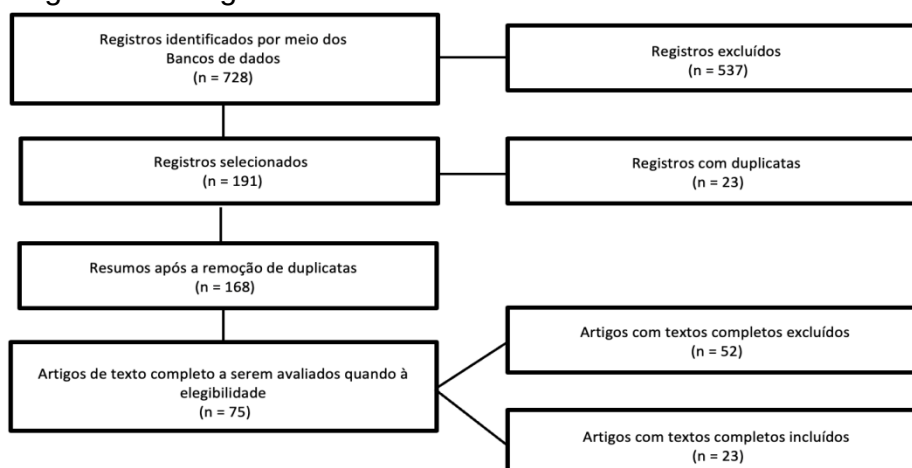
Tabela 1 – Bases Pesquisadas

Bases	Publicações	Títulos e Resumos	Artigos Completos
ERIC	143	56	18
LILACs	24	13	3
Scielo	7	3	3
PUBMED	554	119	51
Total	728	191	75

Fonte: os autores

A Figura 2 representa o fluxograma construído especificamente para este estudo a partir da recomendação Prisma (Tricco *et al.*, 2018).

Figura 2 – Diagrama de Fluxo



Fonte: Os autores

1.2.5 Agrupar, sumariar e reportar os resultados

Os 20 estudos selecionados para esta revisão estão mapeados no Quadro 1, com as seguintes informações: ano de publicação, autor(es), título e país de origem.

Quadro 1 – Artigos incluídos na revisão de escopo

ANO	AUTOR(ES)	TÍTULO	PAÍS
2002	Gofin, R. Palti, H. Gordon, L.	Bullying in Jerusalem schools: victims and perpetrators	Israel
2004	Kim, Y. Koh, Y. Leventhal, B.	Prevalence of School Bullying in Korean Middle School Students	Coréia
2007	Bauer, N. Lozano, P. Rivara, F.	The Effectiveness of the Olweus Bullying Prevention Program in Public Middle Schools: A Controlled Trial	EUA
2008	Cepeda-Cuervo, E. et al	Acoso Escolar a Estudiantes de Educación Básica y Media	Colômbia
2008	Obrdalj, E. Rumboldt, M.	Bullying among school children in postwar bosnia and Herzegovina: cross-sectional study.	Bosnia e Herzegovina
2009	Barboza, G. <i>et al.</i>	Individual characteristics and the multiple contexts of adolescent bullying: an ecological perspective.	EUA
2009	Wang, J. Iannotti, R. Nansel, T.	School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber	EUA
2011	Sentenac, M. <i>et al.</i>	Victims of bullying among students with a disability or chronic illness and their peers: a cross-national study between Ireland and France.	Irlanda/ França
2011	Moura, D. Cruz, A. Quevedo, L.	Prevalence and characteristics of school age bullying victims	Brasil
2013	Georgiou, S. <i>et al.</i>	Cultural value orientation and authoritarian parenting as parameters of bullying and victimization at school.	Chipre
2014	Zhang, L. Osberg, L. Phipps, S.	Is all bullying the same?	Canada

Quadro 1 – Artigos incluídos na revisão de escopo

ANO	AUTOR(ES)	TÍTULO	PAÍS
2014	Malta, D. <i>et al.</i>	Bullying e fatores associados em adolescentes brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012)	Brasil
2014	Sentse, M. <i>et al.</i>	A Longitudinal Multilevel Study of Individual Characteristics and Classroom Norms in Explaining Bullying Behaviors.	Holanda
2015	Oliveira, W. <i>et al.</i>	The causes of bullying: results from the National Survey of School Health (PeNSE)	Brasil
2015	Lee, S. Smith, P. Monks, C.	Participant Roles in Peer-Victimization Among Young Children in South Korea: Peer-, Self-, and Teacher-Nominations	Coréia/ Reino Unido
2017	Mazur, J. Tabak, I. Zawadzka, D.	Determinants of Bullying at School Depending on the Type of Community: Ecological Analysis of Secondary Schools in Poland.	Polônia
2018	Ritchie, K. Bora, S. Woodward, L.	Peer Relationship Outcomes of School-Age Children Born Very Preterm.	Austrália/ Nova Zelândia
2019	Zhao, Y. <i>et al.</i>	The Characteristics of Targets of Bullying Among Chinese Youth Attending Key Versus Non-Key Schools: A Mixed-Methods Analysis.	China
2019	Zequinão, M. <i>et al.</i>	Associação entre bullying escolar e o país de origem: um estudo transcultural.	Portugal/ Brasil
2019	Nabors, L. <i>et al.</i>	Predictors of victimization among youth who are overweight in a national sample.	EUA
2021	Zequinão, M. <i>et al.</i>	Desempenho escolar e diferentes papéis de participação no bullying: Um estudo transcultural	Portugal/ Brasil
2021	Saldiraner, M. Gizir, S.	School Bullying from the Perspectives of Middle School Principals	Turquia
2023	Pirc, T. <i>et al.</i>	Perceived Parenting Styles and Emotional Control as Predictors of Peer Bullying Involvement	Eslovênia

Fonte: Os autores

Para a etapa de sumarização dos elementos essenciais de cada estudo, realizou-se uma análise qualitativa de todos os conteúdos, o que possibilitou a criação de categorias para análise mais aprofundadas das publicações que foram selecionadas. A apresentação dos resultados desta revisão constituiu-se de artigos completos que sintetizaram a pesquisa.

1.3 Resultados

Os 23 estudos analisados foram publicados no período entre 2002 e 2023, como consta no Quadro 1. Com exceção de Saldiraner e Gizir (2021), que utilizaram roteiro de entrevista semiestruturada desenvolvido pelos pesquisadores por meio da revisão da literatura, todos os outros estudos utilizaram o questionário como instrumento de investigação, sendo que cinco utilizaram dados e/ou o próprio

documento do *Health Behaviour in School-aged Children*⁵ (HBSC), e três se basearam no *The Revised Olweus Bully/Victim Questionnaire* (Olweus, 1996). Desses três, os estudos de Georgiu *et al.* (2013) e Zequinão *et al.* (2019) utilizaram o documento para pesquisa na íntegra, e o de Bauer, Lozano e Rivara (2007), que tinha o intuito de examinar a eficácia do programa anti-bullying, aplicou apenas uma parte do questionário.

Como participantes, todos os estudos contaram com crianças/adolescentes em fase escolar que variavam da educação infantil ao ensino médio, de idades entre 4 e 18 anos. Na pesquisa de Saldiraner e Gizir (2021), participaram diretores de escolas, na de Lee, Smith e Monks (2015), seis professores também participaram; no de Ritchie, Bora e Woodward (2018), também foram aplicados questionários para os pais e professores. As escolas dos participantes foram tanto de ensino público quanto privado, de zonas rurais e urbanas de diferentes cidades.

Quanto ao local, os estudos (Gráfico 1) estão distribuídos entre quatro continentes: América com 11 estudos, Ásia com três, Europa com 11 e Oceania com apenas um. Cinco estudos tiveram cooperação entre diferentes países como: França/Irlanda, Coreia/Reino Unido, Austrália/Nova Zelândia e Portugal/Brasil. A maior prevalência dos estudos se deu no continente americano, com quatro estudos dos Estados Unidos da América (EUA) e cinco do Brasil.

Gráfico 1 – Local dos Estudos



Fonte: Os autores

⁵ O HBSC é um órgão colaborativo da Organização Mundial da Saúde (OMS) que estuda a saúde e o bem-estar do adolescente. As pesquisas são feitas através de questionários, que são aplicadas em escolas de 45 países da Europa e América do Norte. Um dos dados do questionário é com relação “Comportamento de Risco: bullying”. (<http://www.hbsc.org>)

Apesar da diversidade cultural entre os países, os estudos analisados apresentaram categorias semelhantes, que caracterizaram o *bullying* escolar conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Características do *Bullying* Escolar

CATEGORIAS	RESULTADOS
Físico-corporais	- Deficiência; - Doenças crônicas; - Aparência corporal; - Aparência facial; - Sobrepeso/Obesidade.
Comportamentais	- Isolamento social; - Exclusão do grupo social; - Exclusão das atividades; - Apelidos; - Desempenho acadêmico; - Problemas de desatenção e hiperatividade; - Muito tempo no computador e tv.
Gênero	- Meninos – São mais agressores e mais envolvidos no <i>bullying</i> físico ou verbal - Meninas – São mais vítimas e envolvidas com <i>bullying</i> relacional.
Étnico-raciais	- Diferentes grupos étnicos - Os afro-americanos se envolveram mais <i>bullying</i>; (EUA) - Negros/indígenas vítimas (Brasil)
Socioculturais	- Status socioeconômico; - Estrutura familiar; - Capital social⁶ da vizinhança - Clima social⁷

Fonte: Os autores

1.3.1 Características físico corporais

De acordo com os resultados do estudo de Sentenac *et al.* (2011), na França e na Irlanda, os adolescentes com alguma doença crônica ou deficiência têm mais probabilidade de serem vítimas de *bullying*. No estudo de Zhang, Osberg e Phipps (2014), também foi identificado que os estudantes com deficiência podem estar envolvidos em alguma situação de *bullying*. Na pesquisa de Ritchie, Bora e Woodward (2018), os que apresentam problemas de visão têm maiores chances de *bullying*. Zhao *et al.* (2019, p. 7, *tradução nossa*) ressaltam que “a magreza e características corporais imperfeitas, como pequeno e magro, deficiente, doente e

⁶ Para Mazur, Tabak e Zawadzka (2017), o capital social da vizinhança está relacionado ao fator de proteção e laço da comunidade com a escola.

⁷ De acordo com os estudos de Barboza *et al.* (2009), o déficit de clima social corresponde a falta de apoio dos colegas de classe, de professores e pais, além de escolas em ambientes desfavoráveis.

obeso, e estão relacionados ao aumento do risco de os estudantes sofrerem *bullying*”.

Com relação à obesidade e sobrepeso, crianças/adolescentes nessa categoria são mais propensas a serem vítimas de *bullying* do que agressores, de acordo com os estudos de Zhang; Osberg e Phipps (2014) e Nabors *et al.* (2019). Além do excesso de peso, Ritchie, Bora e Woodward (2018) também destacam que ter atraso no desenvolvimento púbere faz com que os estudantes tenham dificuldades de se relacionar com seus pares. No estudo de Oliveira *et al.* (2015), os alunos e alunas relataram que a aparência corporal e facial são causas de *bullying*, esse dado levou os autores a interpretarem que os padrões sociais são culturalmente valorizados, e as diferenças e diversidades não são toleradas. No estudo de Gofin, Palti e Gordon (2002), a mudança de aparência e a autoimagem são os fatores pessoais que estão associados às causas de *bullying* entre os meninos.

1.3.2 Características comportamentais

Para Gofin, Palti e Gordon (2002), os fatores associados ao *bullying* foram a falta de apoio dos professores para ambos os sexos e problemas de saúde mental entre os meninos. Já em relação a sofrer *bullying*, a exclusão social entre as meninas (ser ignorada por outras pessoas e ser rejeitada) e isolamento social entre os meninos (sentimento de solidão e dificuldade de fazer amigos entre os meninos) foram os aspectos mais associados. O isolamento social também foi característica comportamental presente no estudo de Zequinão *et al.* (2019), que estava relacionado aos estudantes serem vítimas-agressoras tanto no Brasil quanto em Portugal. Para Lee, Smith e Monks (2016), a exclusão social foi a característica marcante entre os participantes da pesquisa, as crianças e os professores.

De acordo com o estudo de Cepeda-Cuervo (2008, p. 521, tradução nossa), todos os estudantes relatam “[...] situações de *bullying* ‘Eles não falam comigo’, ‘Eles não contam comigo para as atividades de aula’, ‘Eles me culpam por tudo de ruim que acontece’ e ‘Eles me chamam de apelidos que eu não gosto’ [...]”, que são comuns em todos os anos escolares pesquisados. Zhao *et al.* (2019) apresentaram como características dos alvos de *bullying* alunos e alunas com desempenho escolar muito alto e excelente engajamento escolar e assim como os com desempenho escolar muito baixo e pouco engajamento escolar (os absenteístas). Também, nesse

mesmo estudo, destacou-se que os estudantes que apresentam problemas psicológicos e comportamentais sofrem *bullying*. No estudo de Zequinão *et al.* (2021), que comparou o desempenho escolar entre os participantes do *bullying* no Brasil e em Portugal, percebeu-se que os estudantes portugueses com melhores notas eram as vítimas, já no Brasil, não houve essa diferença.

Na pesquisa de Sentse *et al.* (2014), que tinha como objetivo examinar a interação entre as características individuais (posição social na sala de aula) e as normas descritivas e injuntivas da sala de aula (comportamento e atitudes, respectivamente) na explicação do comportamento de *bullying*, os resultados apontaram que quanto mais popularidade ou impopularidade tiver o aluno ou aluna há maior prevalência do comportamento em sala de aula.

1.3.3 Características quanto ao gênero

Alguns estudos apresentaram diferenças significativas com relação ao gênero feminino e masculino no *bullying* escolar. Obrdalj e Rumbolt (2008) conduziram um estudo que tinha como objetivo comparar a prevalência do *bullying* em duas cidades na Bósnia e na Herzegovina, uma exposta ao conflito com arma de fogo durante a guerra de 1992-1995 e outra fora da zona de combate. Em ambas as cidades, o estudo revelou que os meninos são mais agressores, e as meninas, mais vítimas. Cabe ressaltar que não houve diferença quanto ao *bullying* nessas cidades, exceto no caso dos alunos mais velhos que, na cidade fora do combate, eram mais violentos do que na outra.

Nos estudos de Malta *et al.* (2014) e Oliveira *et al.* (2015), em que ambos utilizaram o PeNSE (2012)⁸, o comportamento *bullying* estava associado aos meninos. Já Moura, Cruz e Quevedo (2011) tiveram o intuito de descrever a prevalência de vítimas de *bullying*, suas características e os sintomas associados nas áreas emocionais, de conduta, hiperatividade e relacionamento. Eles verificaram que o *bullying* estava associado aos meninos com hiperatividade e problemas de relacionamento com os colegas. Para Wang, Iannotti e Nansel (2009), que

⁸ Pesquisa Nacional da Saúde Escolar (PeNSE), realizada em 26 capitais dos estados do Brasil e no Distrito Federal, com total de 109.104 adolescentes de 13 a 15 anos (como preconiza a OMS para aplicação de questionário autoaplicável) do 9º ano do ensino fundamental, de escolas públicas e privadas (Brasil, 2013).

pesquisaram as formas do comportamento *bullying* em escolares norte-americanos, os meninos estavam mais envolvidos com físico ou verbal, e as meninas, com o *bullying* relacional que, de acordo com os autores, é o isolamento social (excluir de um grupo de amigos ou ser ignorado) e a disseminação de boatos (mentir).

1.3.4 Características Étnico/Raciais

Com relação às questões étnico-raciais e ao comportamento *bullying*, o estudo de Bauer, Lozano e Rivara (2007), que tinha como objetivo examinar a eficácia de um programa⁹ de prevenção ao *bullying* amplamente divulgado, dividiu seis grupos étnico-raciais: negro, afro-americano, hispânico-latino, asiático, branco e americano nativo. Como resultado, apontou que, nas escolas que tiveram intervenção do programa, houve menos relatos de estudantes brancos terem sido vítima de *bullying* físico e relacional em comparação as outras etnias/raças.

Na pesquisa de Wang, Iannotti e Nansel (2009), os adolescentes afro-americanos foram identificados mais como envolvidos em *bullying* físico, verbal ou virtual do que como vítimas de *bullying* relacional. Para Malta *et al.* (2014) e Oliveira *et al.* (2015), estão mais associados ao *bullying*, como vítimas, os meninos negros ou indígenas. As questões religiosas e a região de origem também foram apontadas, dentre outros contextos socioculturais, como motivos e causas do comportamento.

1.3.5 Características Socioculturais

O *bullying* relacional está associado também com status socioeconômico como mostra o estudo de Kim, Koh e Levental (2004): os estudantes pesquisados da Coreia com alto status socioeconômico são mais agressores, enquanto os estudantes com baixo status são mais propensos a serem vítimas. Já o estudo de Cepada-Cuervo *et al.* (2008) tinha o intuito de determinar as características e o nível de *bullying* dos colégios da localidade de Bogotá (Colômbia). Nele, identificou-se que o *bullying* se manifesta nas escolas independentemente do nível socioeconômico dos alunos e alunas.

⁹ “The Olweus Bullying Prevention Program”

Outro dado é com relação à influência familiar, que para Kim, Koh e Levental (2004), os estudantes cuja estrutura familiar seja intacta têm menor probabilidade de se envolver em *bullying*, ou seja, aqueles que convivem com pai e mãe. Com relação à influência familiar, a pesquisa de Georgiu *et al.* (2013) – que tinha como objetivo examinar a associação existente entre orientação de valores culturais, pais autoritários e o *bullying*/vitimização na escola – verificou que alunos com situações de paternidade autoritária e de ambientes familiares de valores individualistas estão mais envolvidos com *bullying* na escola. No estudo de Zhao *et al.* (2019), os contextos familiares e sociais problemáticos também estão associados aos estudantes alvos de *bullying*. Ainda sobre a estrutura familiar, o estudo de Pirc *et al.* (2023), com 202 estudantes de idade entre 12 anos, mostrou que os envolvidos com algum tipo de *bullying* físico ou relacional, apresentam também a paternidade autoritária.

Malta *et al.* (2014) – em seu estudo, que teve por objetivo analisar a associação entre *bullying*, variáveis sociodemográficas, comportamentos de risco individuais, características da saúde mental e de contexto familiar –, verificou que os escolares brasileiros que sofriam violência doméstica eram mais vulneráveis ao *bullying*. Barboza *et al.* (2009) concluem, em sua pesquisa, que o comportamento *bullying* apresenta características complexas, por exemplo, a falta de apoio social¹⁰ e muitas horas assistindo televisão com conteúdo violento dos programas aumentam as chances de praticarem *bullying*.

Na pesquisa de Mazur, Tabak e Zawadza (2017) – que teve o intuito de discutir os determinantes do *bullying* escolar dependendo do tipo de comunidade, da região que localizava as escolas na Polônia – evidenciou-se que, nas escolas localizadas em grandes cidades, o índice de *bullying* era maior do que em cidades menores e áreas rurais. De acordo com os autores, o fator de proteção, o capital vizinhança está relacionado com o clima escolar.

Saldiraner e Gizir (2021), em seu estudo, tiveram o intuito de examinar as opiniões dos diretores do ensino médio sobre os fatores associados ao *bullying* em suas escolas. Analisaram, através do discurso desses diretores, que existem alguns fatores como familiares e ambientais. Com relação ao familiar, estudantes com família de status socioeconômico e descuidada da prole são propensos a terem

¹⁰ Os estudantes que têm apoio emocional dos pais são menos agressores. (Barboza *et al.*, 2009)

filhos(as) agressivos; já com relação aos fatores ambientais, apresentaram que o comportamento negativo se deu pelo modelo de agressões nas mídias sociais, programas de televisão, colegas e vizinhança, principalmente aqueles que são oriundos de bairros pobres. Esses autores também mencionaram que a imigração acarreta o *bullying*, sendo os (as) imigrantes as vítimas em potencial, por conta da falta de conhecimento do idioma e da cultura.

1.4 Discussão

Os resultados apontaram que as principais características do *bullying* estão associadas aos preconceitos: de classe social, de gênero, de raça, em relação à constituição física/corporal e de comportamento. Isso ocorre porque há desigualdades dentro do ambiente escolar. Cabe ressaltar que existe uma diferença entre preconceito e *bullying*, na medida em que o primeiro se refere a um julgamento prévio, influenciado pela cultura e pelas práticas sociais; e o *bullying* se refere a um comportamento com uma intencionalidade. Por vezes, essas características do *bullying* podem ser uma forma de violência simbólica, ou seja, atos conhecidos tanto pelos agressores (*dominante*) quanto pelas vítimas (*dominado*) como uma maneira de falar, de pensar e de agir, que resulta em incorporações classificatórias e simbólicas (Bourdieu, 2016). As agressões no meio escolar são mais atribuídas como brandas e naturais, já que os agressores as fazem, muitas vezes, por meio de brincadeiras, sendo reconhecidos pelas vítimas. O *bullying* tem como característica uma relação de poder desigual entre os pares em que os mais fortes reconhecem as diferenças nos outros e as utilizam para maltratar os mais frágeis.

As características físico-corporais estão associadas à percepção de diferenças do grupo e seguem o padrão por ele estipulado como 'normal'¹¹, os que se desviam são refutados pelo próprio grupo. Bourdieu (1996) diz que o *habitus* de um grupo é o princípio gerador de práticas distintas e distintivas, que identificam as disposições corporais dos agentes do grupo no campo escolar. Os *habitus* dos estudantes que estão envolvidos com *bullying* apresentados nos estudos dessa categoria são vistos como pensamentos e divisões do grupo através dos

¹¹ Estas características estão carregadas de estigma que de acordo com Goffman (2008, p. 7) é “[...] a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena.” Os estigmas se associam aos estereótipos, preconceitos e as discriminações atribuídos aos sujeitos pelos outros.

comportamentos, que aprova e desaprova as formas corporais apresentadas, julgando-as como sendo as que não são dos padrões sociais.

Os/as estudantes reproduzem os critérios estipulados na sociedade em seus grupos na escola, como os padrões corporais. Assim, observa-se que os escolares estão preocupados com um modelo de corpo perfeito (performático), gerando entre eles/elas agressividades, violência – sobretudo o *bullying* – e a exclusão dos membros do grupo que têm um corpo fora do padrão, como os corpos obesos, extremamente magros e deficientes. Para Ortega (2006, p. 30), “a *biossociabilidade* é uma forma de sociabilidade apolítica, constituída por grupos de interesses privados, [...] segundo critérios de saúde, performances corporais, doenças específicas, longevidade, entre outros”, que são os novos valores com base nessa ideologia da saúde e do corpo perfeito. Essa ideologia associada às formas comportamentais do *bullying* faz com que os que não têm o corpo perfeito para pertencer e realizar as atividades com o grupo fiquem isolados, ou seja, deixados de lado pelos membros do grupo, pois todos têm que ter a mesma identidade corporal.

Bourdieu (2004) aponta que o corpo é determinado socialmente a partir da imagem que se tem de si e da sua ocupação no espaço social. Dessa feita, podemos considerar que, na escola, há uma espécie de capital corporal, uma vez que os estudantes utilizam de seus atributos corporais para obter vantagens sobre seus pares. A exigência de certos atributos (habilidades físicas, beleza, dentre outros) é moldada conforme as mudanças culturais e sociais do grupo. Uma vez que um corpo não está adaptado ao grupo, há uma espécie de rejeição, como é o caso dos(as) alunos(as) que sofrem *bullying*, pois esse corpo é oprimido no espaço escolar, fazendo-os se sentirem marginalizados.

A escola tem um papel importante de coibir essa espécie de opressão quando se pensa em uma educação para a diversidade, pois, do contrário, tem-se o aumento das violências nas escolas. Essa tarefa recai sobretudo aos professores. Para Freire (2021, p. 139), uma vez que a relação seja opressora, está implantada a violência causada “pelos que exploram, os que não se reconhecem nos outros [...]”. A opressão nas escolas se dá através dos que têm um poder dado pelo grupo, ocorrendo uma espécie de violência horizontal (Freire, 2021). Esse é o caso do *bullying*: os/as estudantes acabam por agredir seus pares e excluí-los por não aceitarem suas diferenças.

As características comportamentais – como apelidar os outros, excluir os colegas do grupo e de atividades – são práticas sociais transmitidas e incorporadas pelo grupo. Essas práticas são o *habitus* construído socialmente (Bourdieu 1983), elas acontecem devido às experiências que os estudantes têm uns com os outros na escola. Com isso, acabam por afastar, rechaçar, humilhar e ofender os que eles/elas acham que não se identificam com o grupo, sendo o *habitus* que demonstra que a vítima do *bullying* é inferior aos demais membros do grupo, sejam meninos, meninas, com deficiência, sem deficiência, com problemas psicológicos ou não.

As características de *bullying* associadas a gênero, raça/etnia e fatores socioculturais foram aqui analisadas a partir da perspectiva da interseccionalidade¹², visto que se relacionam entre si. A interseccionalidade tem como objetivo compreender a complexidade das relações de poder nas diferentes práticas sociais, que podem convergir e divergir, afetando a convivência social.

Para destacar a relevância dessa abordagem interseccional, verifica-se que, nos estudos de Olweus (2010, 2005, 1997, 1994, 1980, 1978), houve uma concentração maior de análise da prática do comportamento somente entre os meninos, sem que fosse dado destaque para a vitimização de meninas, negros(as), diferentes etnias ou LGBTQIAPN+¹³. Esses indivíduos estão mais sujeitos aos agressores, demonstrando, assim, a necessidade de mais estudos que destaquem essa realidade e possam proporcionar reflexões e ações que venham dar maior proteção a essas vítimas em potencial.

Nos estudos desse *scoping*, aparece uma interseção de categorias em que se relacionam gênero, etnia, raça, idade e classe, sobretudo nos estudos do continente americano (Brasil, Canadá e EUA). Nos estudos do Brasil, por exemplo, os que se declaram vítimas de *bullying* são os estudantes do sexo masculino, negros (pretos e pardos), indígenas e mais jovens do que os demais colegas de classe. Esses países passaram por colonizações e têm características étnico-raciais¹⁴

¹² A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. (Collins; Bilge, 2020 p. 20).

¹³ Evitando o anacronismo estas discussões e transições foram de forma contundente para este autor.

¹⁴ De acordo com Dortier (2010, p. 189), “[...] o termo ‘etnia’ designa um grupo humano estável na história e no tempo, que compartilha as mesmas origens e as mesmas tradições, a mesma língua, a mesma cultura e por vezes, os mesmos traços morfológicos.”. “[...] do ponto de vista

marcantes dentro dos seus grupos sociais devido a razões históricas e culturais. As colonizações deixaram prejuízos para as civilizações que, de acordo com Silva (2021, p.107), “[...] baseado na ideia da raça, permite que aqueles/as que foram escravizados/as no passado, ainda hoje são vistos como inferiores, segregados/as e desumanizados”. O racismo¹⁵ é a ideia de que uma raça se sobrepõe a outra, e é observado nos estudos desses três países que os mais envolvidos com o comportamento *bullying* são os de raça negra.

O *bullying* e o racismo são distintos, apesar de serem ações sistemáticas. Porém o *bullying* tem uma intencionalidade, e uma das ações desse comportamento entre os estudantes nas escolas é a discriminação através de atitudes preconceituosas (xingamentos, apelidos, piadas etc.) de cunho racista (Oliveira; Votre, 2006). Talvez seja essa a razão de muitos estudantes que já são discriminados por conta da sua cor de pele, da sua forma de falar, da sua etnia – como é o caso dos imigrantes – sofrerem *bullying*. Essa situação se perpetua até mesmo entre aqueles que estudam na mesma escola, mas têm posições econômicas diferentes ou estão fora da idade de seus colegas de sala de aula.

Essas características de *bullying* demonstram a interseções da pobreza com o patriarcado e a supremacia branca (Collins; Bilge, 2020), que oprime os estudantes de diferentes culturas e nacionalidades, convergindo na violência estrutural (Minayo, 1990) presente em instituições como a família e a escola. Esse tipo de violência promove as desigualdades e causa sofrimentos, pois os escolares envolvidos com *bullying* apresentam-se em condições socioeconômicas desfavoráveis, como o nível de baixa escolaridade de seus pais e a convivência com apenas uma figura parental.

Essas desigualdades são também evidenciadas nos estudos de Bourdieu (2015b), que legitima a escola como sendo uma espécie de reprodução social em que os(as) alunos(as) que pertencem às classes desfavorecidas têm menos vantagens escolares que os privilegiados. A partir desse pensamento, o autor faz uma crítica aos sistemas de ensino que conservam as hierarquias sociais, mesmo mantendo a ideia de igualdade de educação, o que “serve como máscara e

biológico, o conceito de raça apresenta, pois, pertinência, na medida em que designa um conjunto de indivíduos que possuem uma parte significativa de seu patrimônio genético em comum. Essa noção de raça sucede à antiga concepção da antropologia física, que estabelecia a raça com base em características físicas (cor de pele, morfologia etc.)” (Dortier, 2010, p. 527)

¹⁵ “O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo.” (Ribeiro, 2019, p.15)

justificação para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou, melhor dizendo, exigida” (Bourdieu, 2015b, p. 59).

Esse processo de manutenção das desigualdades sociais é visto também por Bourdieu (2015a) como os capitais econômico, cultural e social, que se referem às vantagens que os estudantes herdam de suas famílias ao longo das gerações. O capital econômico corresponde aos bens materiais, como patrimônios (casas, automóveis etc.) e aos recursos financeiros (salários, investimentos etc.); já o capital cultural corresponde às classificações intelectuais, que podem ser, de acordo com Bourdieu (2015d), incorporadas (valores herdados das famílias), objetivadas (bens culturais: quadros, livros etc.) ou institucionalizadas (certificação escolar). Esses capitais demonstram o entendimento de que o desempenho escolar depende da origem social, fazendo com que escola reforce que os estudantes pobres não obterão êxito escolar, visto que a herança cultural escolar pertence à classe dominante e é passada pelas famílias.

O capital social não é independente dos capitais cultural e econômico: ele é/está ligado aos agentes por trocas que instituem a confiança mútua e que exercem um efeito multiplicador sobre o capital possuído, ou seja, o capital social é a base da existência de um grupo social (Bourdieu, 2015c). Os grupos sociais do campo escolar são formados por agentes que reproduzem culturalmente e socialmente a classe dominante, os privilégios e o uso de poder nas relações sociais, legitimando a exclusão dos menos privilegiados que, por sua vez, são submetidos à dominação (Bourdieu, 2015b). No *bullying* escolar, é comum perceber alguns aspectos com relação às formas de poder dos/as alunos/as, como os que têm mais poder aquisitivo agredirem os que não tem o mesmo capital.

A cultura escolar, por ser da classe dominante, menospreza os saberes dos(as) estudantes de classes menos favorecidas, sobretudo das meninas, dos negros, dos indígenas e de outras etnias que, conforme Bourdieu (2015b, p. 59), “[...]tratando todos os educandos por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura”. De certo modo, é necessário que a escola repense as práticas pedagógicas, os conteúdos de ensino e as formas de avaliação para que não continue privilegiando a cultura de uma classe abastada e sendo injusta com as demais classes.

Bourdieu e Passeron (2014a, 2014b), em suas análises sociológicas do sistema de ensino francês na década de 1960, legitimam a reprodução da dominação de uma classe sobre a outra. Demonstrem uma outra forma de violência simbólica que a escola exerce sobre os estudantes através da ação pedagógica, considerando a cultura de elite como válida, causando “relações de forças” (Bourdieu; Passeron, 2014a, p. 31) entre as classes que, de alguma maneira, tentam manter a ordem social, desvalorizando os saberes dos grupos dominados, que acabam sendo diminuídos pelos seus pares.

Para que não continue se perpetuando essa reprodução cultural e social nas escolas, que causam mais desigualdades, discriminações, violências e, sobretudo, *bullying*, é importante implementar uma educação crítica (Freire, 2021) que seja problematizadora e leve os discentes a uma consciência crítica, refletindo acerca da realidade. Do contrário, continuará a se reproduzir uma educação bancária¹⁶ em que os oprimidos são subordinados a aceitarem a cultura dominante, desprezando a sua diversidade. Algumas escolas fazem ou partem para uma pedagogia crítica, porém ainda há muitos professores que transmitem, através de suas práticas pedagógicas, a cultura predominante. Hooks (2017) afirma que é importante que os professores vigiem as suas práticas pedagógicas para não silenciar as vozes dos(as) alunos(as) que são de fato oprimidos(as).

Talvez haja uma insegurança por parte dos docentes em trabalhar dentro da perspectiva de uma educação crítica, sobretudo aquela que inclua e aceite todos os saberes. É o que Hooks (2017, p. 55) supõe como “a falta de disposição de abordar o ensino a partir de um ponto de vista que inclua uma consciência da raça, do sexo e da classe social que tem em suas raízes, muitas vezes, no medo de que a sala de aula se torne incontrolável [...]”. Porém, por um outro lado, se os docentes derem espaço a escuta de voz e empoderarem seus/suas alunos/as, poderão mudar a vida de muitos (também de toda comunidade) dentro do campo escolar e minimizar os efeitos das desigualdades nos grupos sociais da escola que acarretam violências e sobretudo o *bullying*.

¹⁶ “[...]um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante. [...] se para concepção bancária a consciência é, em sua relação com o mundo, [...] ao educador não cabe nenhum outro papel que não o de disciplinar a entrada do mundo dos educandos. Seu trabalho será também imitar o mundo. O de ordenar o que já se faz espontaneamente. O de ‘encher’ os educandos de conteúdos. É o de fazer depósito de comunicados – falso saber – que ele considera como verdadeiro saber.” (Freire, 2021, p.160-167)

A partir das mudanças nas escolas para uma educação crítica e democrática, em que “[...] todos se beneficiam de uma melhor compreensão da dinâmica das desigualdades sociais interseccionais, bem como dos tipos de pensamento crítico e das habilidades de resolução de problemas que podem remediá-las” (Collins; Bilge, 2020 p. 305), surgirão novos *habitus* nos estudantes, assim como novas formas de se pensar os currículos escolares para valorizar as formas culturais, classes, raças, etnias e gênero nas escolas.

1.5 Considerações finais

Os resultados deste estudo apontaram as características do *bullying* escolar como sendo as físico-corporais, comportamentais, de gênero, étnico-raciais e socioculturais. Essas características estão associadas a um *habitus* incorporado no campo escolar, sendo fruto das relações sociais que discriminam, segregam e diferenciam seus agentes alunos(as), que percebem e agem de forma violenta. A escola, por ser um local de reprodução dessas características, acaba por fortalecer formas de preconceitos como racismo, gordofobia, dentre outros, que prejudicam a vida escolar das crianças e dos jovens.

Este escopo demonstrou a relevância de dar continuidade aos estudos sobre o *bullying* escolar, haja vista que o campo científico está se estruturando devido às demandas da sociedade contemporânea, que geram políticas públicas, projetos e programas de intervenções, seja na área da saúde ou na educacional. É importante também notar que este estudo apontou algumas lacunas na área científica para futuros estudos sobre *bullying* escolar, como os programas de prevenção ao *bullying*, programa socioemocional, disciplinas escolares que tratem de questões do cotidiano de vida. Esses elementos podem minimizar os efeitos das características apontadas, principalmente aquelas que acabam prejudicando os estudantes menos favorecidos por conta das suas condições sociais que ainda são pouco exploradas pelos pesquisadores desse campo de estudo.

1.6 Referências

- ARKSEY, H.; O'MALLEY, L. Scoping studies: towards a methodological framework. **International journal of social research methodology**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005.
- BARBOZA, G. E.; SCHIAMBERG, L.; OEHMKE, J.; KORZENIEWSKI, S.; POST, L.; HERAUX, C. Individual Characteristics and the Multiple Contexts of Adolescent Bullying: An Ecological Perspective. **J Youth Adolescencem**, [S.l.], v. 38, p. 101-121, 2009. DOI:10.1007/s10964-008-9271-1
- BAUER, N.; LOZANO, P.; RIVARA, F. The Effectiveness of the Olweus Bullying Prevention Program in Public Middle Schools: A Controlled Trial. **Journal of Adolescent Health**, [S.l.], v. 40, p. 266–274, 2007. DOI:10.1016/j.jadohealth.2006.10.005
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 7. ed. Petropolis: Vozes. 2014a.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **Os Herdeiros**: os estudantes e a cultura Elementos para uma teoria do sistema de Ensino. Florianópolis: Editora UFSC, 2014b.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015a.
- BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A., (org.) **Escritos de Educação**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2015b.
- BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). **Escritos de Educação**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015c.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). **Escritos de Educação**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015d.
- BOURDIEU, P. **Dominação Masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2016.
- BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, P. A procura de uma sociologia da prática. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1983. p. 7-36.
- CEPEDA-CUERVO, E.; PACHECO-DURÁN, P.; GARCÍA-BARCO, L.; PIRAQUIVE-PEÑA, C. Acoso Escolar a Estudiantes de Educación Básica y Media. **Rev. salud pública**, [S.l.], v. 10, n. 4, p. 517-528, 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S012400642008000400002&lng=en&tlng=es. Acesso em: 20 nov de 2018

COLLINS, P.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

DORTIER, J. F. **Dicionário de ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FANTE, C. **Fenômeno bullying como prevenir a violência nas escolas e educar para paz**. Campinas: Versus, 2005.

FANTE, C.; PRUDENTE, N. **Bullying em debate**. São Paulo: Paulinas, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEORGIOU, S.; FOUSIANI, K.; MICHAELIDES, M.; STAVRINIDES, M. Cultural value orientation and authoritarian parenting as parameters of bullying and victimization at school. **International Journal of Psychology**, [S.l.], v. 48, n. 1, p. 69-78, 2013. DOI: 10.1080/00207594.2012.754104

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFIN, R.; PALTI, H.; GORDON, L. Bullying in Jerusalem schools: victims and perpetrators. **Public Health**, [S.l.], v. 116, p. 173–178, 2002. DOI:10.1038=sj.ph.1900843.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64436.pdf>

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>

KIM, Y.; KOH, Y.; LEVENTHAL, B. Prevalence of School Bullying in Korean Middle School Students. **Arch Pediatr Adolesc Med.**, [S.l.], v. 158, n. 8, p. 737-41, Aug. 2004. DOI: 10.1001/archpedi.158.8.737.

LEE, S.; SMITH, P.; MONKS, P. Participant Roles in Peer-Victimization Among Young Children in South Korea: Peer-, Self-, and Teacher-Nominations. **Aggressive Behavior**. [S.l.], v. 42, p. 287-298, 2015. DOI: 10.1002/ab.21623

MALTA, D.; PRADO, R.; DIAS, A.J.; MELLO, F.; SILVA, M.A.; COSTA, M.; CAIAFFA, W. *Bullying* e fatores associados em adolescentes brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [S.l.], v. 17, p. 131-145, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4503201400050011>

MAZUR, J., TABAK, I.; ZAWADZKA, D. Determinants of Bullying at School Depending on the Type of Community: Ecological Analysis of Secondary Schools in

Poland. **School Mental Health.**, [S.l.], v. 9, p. 132–142, 2017.
<https://doi.org/10.1007/s12310-017-9206-7>

MINAYO, M. C. A violência na adolescência: um problema de saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública** [online]., [S.l.], v. 6, n. 3, p. 278-292, 1990.
<https://doi.org/10.1590/S0102-311X1990000300005>.

MOURA, D.; CRUZ, A.; QUEVEDO, L. Prevalence and characteristics of school age bullying victims. **J Pediatr (Rio J)**, [S.l.], v. 87, n. 1, p. 19-23, 2011.
 DOI:10.2223/JPED.2042

NABORS, L.; ODAR STOUGH, C.; GARR, K.; MERIANOS, A. Predictors of victimization among youth who are overweight in a national sample. **Pediatric Obesity**, [S.l.], v. e12516, p. 1-7, 2019. <https://doi.org/10.1111/ijpo.12516>

OBRDALJ, E.; RUMBOLDT, M. Bullying Among School Children in Postwar Bosnia and Herzegovina: Cross-Sectional Study. **Croat Med J.**, v. 49, p. 528-35, 2008.
 DOI: 10.3325/cmj.2008.4.528

OLIVERIA, F. **Agressividade nas aulas de Educação Física**. 2007. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, F.; VOTRE, S. Bullying nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, 2006.

OLIVEIRA, W.; SILVA, J.; SAMPAIO, J.; SILVA, M. A. Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e bullying. **Ciência & Saúde Coletiva [online].**, [S.l.], v. 22, n. 5, 2017. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017225.09802015>.

OLIVEIRA, W.; SILVA, M. A.; MELLO, F.; PORTO, D.; YOSHINAGA, A. C.; MALTA, D. The causes of bullying: results from the National Survey of School Health (PeNSE). **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, [S.l.], v. 23, n. 2, p. 275-82, Mar.-Apr. 2015. DOI: 10.1590/0104-1169.0022.2552

OLWEUS, D. Bullying in schools: facts and intervention. **Kriminalistik**, [S.l.], v. 64, p. 11-29, 2010.

OLWEUS, D. **Bullying at school: what we know and what we can do**. New Jersey: Blackwell Publish, 2005.

OLWEUS, D. Bully/victim problems in school: Facts and intervention. **European Journal of psychology of Education**, [S.l.], v. XII, n. 4, p. 495-510, 1997.
<https://doi.org/10.1007/BF03172807>

OLWEUS, D. **The Revised Olweus Bully/Victim Questionnaire**. Bergen: Research Center for Health Promotion, 1996. DOI:10.1037/t09634-000

OLWEUS, D. Annotation. Bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. **J. Child Psychol. Psychiatry**, [S.l.], v. 35, p. 1171–90, 1994. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1994.tb01229.x>

OLWEUS, D. Familial and temperamental determinants of aggressive behavior in adolescent boys: A causal analysis. **Developmental Psychology**, [S.l.], v. 16, p. 644-660, 1980. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.16.6.644>

OLWEUS, D. **Aggression in the school: bullies and whipping boys**. Washington: Hemisphere Publishing Corporation, 1978.

PIRC, T.; PECJAK, S.; PODLESEK, A.; ŠTIRN, M. Perceived Parenting Styles and Emotional Control as Predictors of Peer Bullying Involvement. **International Electronic Journal of Elementary Education**, v. 15, n. 4, p.333-342, mar. 2023. DOI: 10.26822/iejee.2023.304

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RITCHIE, K.; BORA, S.; WOODWARD, L. J. Peer Relationship Outcomes of School-Age Children Born Very Preterm. **J Pediatr.**, [S.l.], v. 201, p. 238-244, Oct. 2018. DOI: 10.1016/j.jpeds.2018.05.034.

SALDIRANER, M.; GIZIR, S. School Bullying from the Perspectives of Middle School Principals. **International Journal of Progressive Education**, v. 17, n. 1, p. 294-313, 2021. DOI: 10.29329/ijpe.2020.329.19.

SENTENAC, M.; GAVIN, A.; ARNAUD, C.; MOLCHO, M.; GODEAU, E.; GABHAINN, S. Victims of Bullying Among Students with a Disability or Chronic Illness and Their Peers: A Cross-National Study Between Ireland and France. **Journal of Adolescent Health**, [S.l.], v. 48 p. 461-466, 2011. DOI:10.1016/j.jadohealth.2010.07.031

SENTSE, M.; VEENSTRA, R.; KIURU, N.; SALMIVALLI, C. A Longitudinal Multilevel Study of Individual Characteristics and Classroom Norms in Explaining Bullying Behaviors. **J Abnorm Child Psychol.**, [S.l.], v. 43, n. 5, p. 943-55, Jul. 2014. DOI: 10.1007/s10802-014-9949-7

SILVA, R. C. Formação de professores/as e racismo: discussões a partir da decolonialidade. In RIBEIRO, W.; SILVA, R. C.; DESTRO, D. (org.) **Educação Física e diferença: perspectivas e diálogos**. Curitiba: CRV, 2021.

TRICCO, A. *et al.* PRISMA Extension for Scoping Reviews PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. **Annals of Internal Medicine**. Philadelphia, v. 169, p. 467-473, 2018. DOI:10.7326/M18-0850.

WANG, J.; IANNOTTI, R.; NANSEL, T. School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. **Journal of Adolescent Health**, v. 45, p. 368-375, 2009. DOI:10.1016/j.jadohealth.2009.03.02

ZHAO, Y.; LEE, Y.T.; TANG, Y.; YORK, M. The Characteristics of Targets of Bullying Among Chinese Youth Attending Key Versus Non-Key Schools: A Mixed-Methods Analysis. **J Interpers Violence**, [S.l.], v. 36, n. 15-16, p. 6911-6930, Aug. 2019. DOI: 10.1177/0886260519845729.

ZHANG, L.; OSBERG, L.; PHIPPS, S. Is all bullying the same? **Archives of Public Health**, [S.l.], v. 72, n. 19, p. 1-8, 2014. DOI:10.1186/2049-3258-72-19

ZEQUINÃO, M.; MEDEIROS, P.; LISE, F.; TREVISOL, M. T.; PEREIRA, M. T. Associação entre bullying escolar e o país de origem: um estudo transcultural. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], v. 24, n. e240013, p. 1-22, 2019. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240013>.

ZEQUINÃO, M. A.; MEDEIROS, P. de; SILVA, J. L. da; OLIVEIRA LOPES, L.; PEREIRA, B. O. Desempenho escolar e diferentes papéis de participação no bullying: Um estudo transcultural. **Revista Portuguesa de Educação**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 237–251, 2021. DOI: 10.21814/rpe.1733019240013.

2 ESTUDO: BULLYING NAS ESCOLAS: O DISCURSO DOS(AS) PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA

[...] quando um interlocutor bem-intencionado expõe com toda boa-fé suas reticências ou resistências, ou quando assume, como advogado do diabo, objeções ou críticas que leu ou ouviu, ele pode fornecer a oportunidade de que enunciem seja proposições absolutamente fundamentais – que às elipses da altivez acadêmica ou os pudores do decoro científico levam a silenciar [...]

Bourdieu, 2004, p.10

2.1 Introdução

Atualmente o comportamento *bullying* vem sendo muito discutido nas escolas. Esse fato se dá por ser um fenômeno que vem chamando a atenção da sociedade. Tragédias de violência frequentes nas escolas têm sido apresentadas pela mídia, como a que ocorreu em abril de 2024, quando um aluno com autismo, vítima de *bullying*, morreu devido às agressões sofridas na escola, em Praia Grande – São Paulo. Os pais do aluno, em março desse ano, quando souberam que ele estava sendo alvo de *bullying*, procuraram a escola para que tomassem as devidas providências. Porém nada foi feito, ele continuou sendo agredido até o dia em que filmaram os agressores lhe batendo. Ao chegar à casa, o pai da vítima gravou um vídeo dele chorando, com dores nas costas e relatando que foi agredido na escola. No mesmo dia, o adolescente sofreu três paradas cardiorrespiratórias e veio a óbito¹⁷.

Essa forma de violência – o *bullying* que ocorre nas escolas – se dá pelo fato de que muitos não veem esse comportamento como uma violência, considerando que é uma simples brincadeira entre estudantes, que acontece no interior e aos arredores do espaço escolar, sem motivação aparente. Para os/as alunos/as, esse

¹⁷ Reportagem do Metrôpoles em 20/04/2024 12:13 <https://www.metrolopes.com/sao-paulo/ultimas-palavras-jovem-morto-sp-familia-faz-bo-apos-jovem-de-13-anos-voltar-da-escola-com-fratura-no-punho-chega-de-bullying.ghml>

tipo de brincadeira (galhofa, ironia, sarcasmo e zoação), faz parte da cultura daquele grupo em que, de acordo com Bourdieu e Passeron (2014), as significações são o que definem a sua cultura, sejam elas presentes ou passadas, por um imaginário constitutivo daquela cultura, ligadas às condições sociais que perpetuam as ações ali criadas [pelo grupo]. Fazem parte desse grupo os agentes (estudantes) que ocupam posições sociais distintas no grupo a que pertencem, como no caso do comportamento *bullying*: os que agredem (agressores); os que assistem (espectadores); e os que sofrem (vítimas). Todos são agentes do grupo que produz um *habitus*¹⁸.

Os modos de pensar e agir constituem o *habitus* (Wacquant, 2007) dos/as alunos/as no campo escolar se manifesta por serem práticas sociais dentro do grupo a que eles/elas pertencem. Bourdieu (2004a, 2008, 2015) diz que o campo é um espaço de posições legítimas em que as práticas e as estratégias destes ocupantes são o que conservam e causam as relações de forças, disputas entre os dominantes e dominados. A prática do *bullying* no campo escolar entre estudantes passa por não ser percebida, pois a sua durabilidade entre os agentes faz com que esse tipo de violência seja apenas um *habitus* daquele grupo.

O *bullying*, também chamado de vitimização, de acordo com Olweus¹⁹ (2010, 2005, 1997, 1994, 1978), é se dá quando o estudante é agredido repetidas vezes por ações negativas por um ou mais estudantes. Essas ações negativas podem (ou tentam) infligir lesões ou trazer algum desconforto ao outro. Basicamente é o que está implícito na definição de comportamento agressivo. Também pode ser verbal como, por exemplo, ameaçando, insultando, provocando e xingando; ou físico, quando alguém bate, empurra, chuta, belisca ou agride o outro pelo contato físico. Outra forma é a agressão sem o uso de palavras ou contato físico, como fazer caretas ou gestos, excluir intencionalmente alguém de um grupo.

No Brasil, a partir dos anos 2000, começou um movimento em políticas públicas devido às tragédias divulgadas pela mídia, como o caso da Escola Municipal

¹⁸ É um sistema autorregulador de princípios implícitos e explícitos da ação, ligados aos fatos. (Bourdieu; Passeron, 2014)

¹⁹ Dan Olweus (18 de abril de 1931 - 20 de setembro de 2020) era um sueco-norueguês psicólogo. Ele foi professor pesquisador de psicologia na Universidade de Bergen, Noruega. Olweus é reconhecido mundialmente como pioneiro da pesquisa sobre *bullying*, que se iniciou em 1970 em escolas da Suécia com meninos. https://en.wikipedia.org/wiki/Dan_Olweus

Tasso da Silveira²⁰, em que um ex-aluno entrou na escola armado e atirou contra vários estudantes e depois se matou. Esse atirador disse ter sido vítima de *bullying* naquela escola em carta deixada, justificando a chacina. Com esse episódio, cinco anos depois instituiu-se o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência Escolar.²¹

Em 2015, foi sancionada a Lei nº 13.185, que institui o Programa Nacional de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*), em que prevê:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**) em todo o território nacional. [...] Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (**bullying**) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda: I - ataques físicos; II - insultos pessoais; III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; IV - ameaças por quaisquer meios; V - grafites depreciativos; VI - expressões preconceituosas; VII - isolamento social consciente e premeditado; VIII – pilhérias (Brasil, 2015).

Diante desta lei e das características do *bullying* aqui no Brasil conceituadas pelo Olweus em sua pesquisa em escolas da Suécia e Noruega, este estudo tem como objetivo identificar as principais características do *bullying* nas escolas e nas aulas de Educação Física (EF) a partir do discurso dos professores/as de EF brasileiros/as com expertise no fenômeno.

2.2 Método

A abordagem metodológica deste estudo é de cunho qualitativo, visando trabalhar com “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2012, p. 21). Para tanto, foram aplicadas entrevistas individuais²² para obter o levantamento dos discursos sobre as principais características do *bullying* nas escolas. De acordo com Bourdieu (2004a), é nas falas, na lógica das conversas, que o diálogo é verdadeiro; já na escrita, há uma censura por pertencer a um campo científico.

²⁰ Escola pública municipal localizada no bairro de Realengo, na zona Oeste do município do Rio de Janeiro.

²¹ Lei nº 13.277/2016

²² Para Gaskell (2002, p. 68), a finalidade da entrevista em uma pesquisa qualitativa é “[...] explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações de um determinado assunto”.

Os sujeitos deste estudo são professores/as de EF, doutores/as e pesquisadores/as do tema *bullying* escolar. A escolha por estes informantes se deu através do sistema busca da Plataforma Lattes²³, no qual foram utilizadas as seguintes estratégias: palavra-chave – “*bullying* escolar”, colocando os filtros – formação acadêmica doutorado, nacionalidade brasileira e área de atuação EF. Como critério de inclusão para a seleção dos/as professores/as de EF, usamos as publicações sobre *bullying* e EF, considerando artigos, livros e projetos de pesquisa. Foram encontrados 437 doutores, sendo que apenas seis informantes (4 mulheres e 2 homens) atenderam aos critérios para este estudo. Também foi utilizado o Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil - CNPq²⁴, em que encontramos apenas um docente apto a pesquisa, porém, ele não aceitou ser entrevistado.

As entrevistas foram realizadas via *Zoom Meetings*, que é uma plataforma de videoconferência, e que se destaca pela estabilidade de conexão via navegador e aplicativos para Windows, MacOS, Linux, iPhone (iOS) e Android. Antes do início, os entrevistados receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), via link do *Google Forms*. Cabe ressaltar que este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto – HUPE- UERJ, aceito e aprovado sob o número CAAE: 25686919.2.0000.5259.

O referencial utilizado para analisar as entrevistas foi análise de conteúdo da Bardin (2020, p. 40) que é “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Como esse método visa compreender o sentido das falas através do texto, optou-se pela abordagem de análise temática, que é a modalidade que se baseia na significação do texto.

2.3 Análise e discussão dos resultados

Para caracterizar a amostra, apresentaremos o quadro com as informações dos/as docentes.

²³ Sistema de currículos virtual criado e mantido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo qual se integram as bases de dados curriculares, grupos de pesquisa e instituições em um único sistema de informações, das áreas de Ciência e Tecnologia, atuando no Brasil.

²⁴ O diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) consiste em ser um inventário dos grupos de pesquisa científica e tecnológica em atividade no país.

Quadro 3 – Caracterização dos Informantes de Elite

INFORMANTES		E1	E2	E3	E4	E5	E6
GÊNERO		Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino
REGIÃO DO BRASIL		Sul	Sul	Sudeste	Sudeste	Sudeste	Sul
FORMAÇÃO DOCENTE	Graduação	Educação Física	Educação Física	Educação Física.	Educação Física.	Educação Física.	Educação Física.
	Especialização	----- -	-----	Psicopedagogia	-----	-----	Ciência da Natação e da Hidroginástica
	Mestrado	Ciências do Movimento Humano	Ciências do Movimento Humano	Educação.	Educação Especial (Educação do Indivíduo Especial).	Educação Física.	Educação.
	Doutorado	Estudos da Criança	Ciências do Movimento Humano	Educação.	Educação Física.	Educação Física.	Estudos da Criança.
TEMPO DE EXPERIÊNCIA		14 anos	9 anos	19 anos	34 anos	31 anos	27 anos
PRODUÇÕES SOBRE BULLYING E EF		- Tese; - Dissertação; - Projeto de Pesquisa; - Artigos.	- Projeto de Pesquisa; - Artigos.	- Projeto de Pesquisa; - Livro; - Artigos.	- Projeto de Pesquisa; - Artigos.	- Projeto de Pesquisa; - Livro; - Artigos.	- Tese; - Livro; - Artigos; - Curso.
TEMPO DE ENTREVISTA (Minutos' e Segundos")		22'e12"	13'e 39"	24'e 38"	32'e14"	36'e 13"	12'e 51"
DATA DA ENTREVISTA		6/12/2021	21/12/2021	8/12/2021	14/12/2021	12/01/2022	18/01/2022

Fonte: os autores

De acordo com os dados apresentados no Quadro 1, todos os informantes são estudiosos que atuam nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, visto que a partir dos critérios estabelecidos – considerar ter a expertise no tema –, não foram localizados pesquisadores de outras regiões. É também interessante destacar que quatro dos seis pesquisadores buscaram realizar cursos de formação mestrado ou doutorado na área da Educação.

Os estudos dos docentes entrevistados formam uma espécie de capital científico²⁵ (Bourdieu, 2004a), que é definido no campo científico e por ser aquilo que eles/elas acumulam coletivamente. São exemplos desse capital: produção de livros, artigos e trabalhos científicos; e participação em projetos de pesquisa, que garantem a eles/elas a notoriedade na área, desde a experiência na prática docente às pesquisas que variam em temáticas que emergem da EF, EF escolar e da educação, como violência escolar e o *bullying*.

²⁵ “[...] o capital científico é uma espécie particular do capital simbólico (o qual, sabe-se, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico.”(p.26)

Assim sendo, as categorias que emergiram das entrevistas desses pesquisados(as) por meio da análise do conteúdo (Bardin, 2020) foram as seguintes: conceito de *bullying* escolar; diferenças do *bullying* no Brasil X exterior; características do *bullying* escolar; características do *bullying* nas aulas de EF. Essas categorias serão apresentadas no quadro abaixo, juntamente com as unidades de contexto e unidades de registro.

Quadro 4 – Elaboração das categorias

CATEGORIAS	UNIDADE DE CONTEXTO	UNIDADE DE REGISTRO
Conceito de <i>bullying</i>	- O significado do conceito de <i>bullying</i>	- Olweus/Teoria; - Idade escolar; - Não aceitação das diferenças.
Diferenças do <i>bullying</i> no Brasil X Exterior	- Casualidades que difere os países	- Desigualdade social; - Diferenças culturais; - Preconceito/ discriminação.
Características do <i>bullying</i> escolar	- Elementos que compõem (estão presentes) o <i>bullying</i> escolar	- Diferenças socioeconômicas; - Popularidade; - Imagem corporal; - Questões de Gênero; - Racismo.
Características do <i>bullying</i> nas aulas de EF	- Elementos que compõem (estão presentes) o <i>bullying</i> nas aulas de EF	- Habilidade Motora; - Imagem Corporal.

Fonte: os autores

2.3.1 Conceito de *bullying* escolar

Esta categoria é baseada na literatura e apoiada pelos resultados. No entanto, o primeiro conceito que surge é de Dan Olweus, depois muitos/as estudiosos/as passaram a referenciá-lo, como diz o (E5) – que chamou de teoria a afirmação de que “[...] *bullying* seria uma forma repetida, continuada de uma agressão que pode ser física ou verbal, com várias nuances, praticado por um ou mais agentes, isso é o que diz respeito a teoria do *bullying*.” A teoria, de acordo com Dortier (2020, p. 610), é o “conjunto de conceitos, de preposições e de modelos articulados entre si cujo objetivo é explicar um fenômeno”. Dessa forma, a notoriedade dos estudos sobre *bullying* fazem com que esse se torne uma área de conhecimento para o campo científico, tendo a função de explicitar o fenômeno. Diante dessa configuração, o conceito de *bullying* elaborado por Olweus com o passar do tempo apresenta modificações, conforme diz o (E6):

Dan Olweus foi precursor a ele que iniciou todos os estudos, mas o bullying também teve uma evolução, como o bullying de antigamente era um, o

bullying de hoje é outro, tudo evolui [...] acho que até a própria maldade e as intenções mudou-se muito a forma de se fazer bullying

Ao concordar com o docente no sentido de que houve uma evolução nas formas de se fazer *bullying*, como também nos atos agressivos, percebemos que o fenômeno, por ser inserido na sociedade civilizada, sofre alterações por ser o comportamento dos indivíduos. Dessa forma, quando buscamos entender agressividade com base em Freud (2010), que diz ser um comportamento inerente ao homem, porém uma ameaça à convivência social e que seus atos prejudicam a si e aos outros, levando à violência. Na visão de Elias (1994), a mudança na agressividade civiliza as emoções, fazendo com que as formas de agressão sejam socialmente aceitas. Portanto, apoiado por esses autores, as ações agressivas se tornam violência na medida que “[...] as manifestações provocam ou são provocadas por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia.” (Minayo, 2006, p.14).

As formas de violência são influenciadas pelo avanço das transformações culturais, surgindo novas maneiras de cometer agressões devido ao fato da evolução da sociedade em aceitar ou não as diversidades (gênero, raça, idade, dentre outras) e, mais recentemente, com o advento do uso da tecnologia (cibercultura), por exemplo. Alguns dos entrevistados optaram por definir o que acham ser o conceito de *bullying* escolar como a (E1):

Eu até criei um conceito partir de tudo o que eu venho estudando [...] porque do meu ponto de vista o termo às vezes é utilizado até de forma equivocada [...] eu não considero por exemplo bullying no trabalho, porque eu vejo que o bullying é um fenômeno restrito a idade escolar [...] num ambiente de trabalho apesar de ter características semelhantes ao bullying, o adulto ele ainda tem algumas capacidades a mais e recursos a mais para se defender; [...] então eu só considero aquilo que ocorre em idade escolar não precisa ser necessariamente dentro da escola porque a gente sabe que existe o cyberbullying existe em outras relações mas ela tem que acontecer entre os pares, então assim também não considero o bullying uma violência entre aluno e professor porque é um outro tipo de violência então para mim o bullying ele é uma agressão entre os pares em idade escolar.

Apesar do conceito de *bullying* ser também reconhecido como uma forma de assédio, não podemos configurar o que acontece entre adultos como *bullying*, o que acontece é assédio moral ou sexual, que tem como objetivo desrespeitar, subjugar, abusar e ofender o outro. A agressão que o(a) estudante faz contra o professor ou vice-versa também não é *bullying* e sim outra forma de violência. O que acontece é que o termo se popularizou, e esse tipo de conotação faz com que ele se vulgarize

e não se perceba o que, de fato, as vítimas crianças e adolescentes estejam passando, mesmo quando o *bullying* acontece fora da escola, conforme a (E1) exemplifica: o *cyberbullying*²⁶, que causa consequências graves às vítimas.

A (E1) diz que *bullying* é um comportamento restrito à idade escolar, que, no Brasil, inicia-se a partir dos 4 anos, sendo denominado Educação Infantil; e vai até o final do Ensino Médio, fase que não se pode determinar o seu término, variando entre 17 e 18 anos, salvo se o(a) estudante não tenha se evadido da escola.²⁷ De acordo com a (E4) o *bullying* é um comportamento que não aceita as diferenças.

É o bullying escolar para mim é uma forma de violência [...] é um tipo de violência que segundo as definições acontece cotidianamente ou com uma certa frequência e é isso que distingue o bullying das outras formas de violência. [...] eu entendo como uma forma de violência que acontece de maneira repetitiva em relação a uma pessoa ou um grupo de pessoas. [...] agora para mim o que está por trás disso é uma não aceitação da diferença, quando o bullying acontece é uma forma de se autoafirmar ou afirmar-se num contexto de uma padronização em relação àquele que não é considerado desse mesmo padrão.

A padronização estipulada em algumas escolas faz com que os/as alunos/as sigam o mesmo modelo, organizado pelas estruturas sociais, reafirmando assim normas culturais, fazendo com que um ou um grupo de indivíduos aceitem ou não os que fogem do padrão da maioria do grupo. Nesse caso, nos reportamos a Bourdieu e Passeron (2014) quando dizem que o *habitus* está na relação de diferentes condições sociais dos/as estudantes. Então, mesmo que um se apresente como de uma determinada classe social, por exemplo, mas está junto de outros/as estudantes de outra classe, pode ocorrer que as diferenças sejam aceitas ou não. Dessa forma, pode-se considerar que *bullying* é um comportamento agressivo/violento que acontece por conta da percepção que um ou um grupo de indivíduos tem de que alguém esteja fora do padrão da maioria e não o aceitem, fazendo com este sofra, para que o agressor ou o grupo de agressores possa se afirmar sobre a maioria.

É importante pontuar que diante das falas dos/as entrevistados/as surgiram características do conceito de *bullying*, como a identificação sendo somente entre

²⁶ Recentemente, no Brasil, foi sancionada a Lei nº 14.811 de 12 de janeiro de 2024 que penaliza a “intimidação sistemática”, o *bullying* e o *cyberbullying*.

²⁷ Em um estudo da realizado pelo Fundo das Nações Unidas pela Infância (UNICEF, 2019), mais 150 milhões de adolescentes de 13 a 15 anos em diferentes países tiveram experiência de violência fora ou dentro da escola e, no Brasil, 7,4 % dos entrevistados mencionaram terem sido vítimas de bullying, que pode ter sido um dos motivos de evasão escolar.

estudantes em idade escolar e por conta da não aceitação das diferenças. Groff *et al.* (2022) dizem que há uma dificuldade em categorizar o que seja violência escolar – o *bullying* –, pois, na visão desses autores, que são da área da psicologia, há uma tendência em reproduzir epistemologicamente práticas que psicologizam fenômenos que são socialmente construídos. Portanto, buscamos compreender, através da abordagem da sociologia, o que vem a ser este comportamento, ressaltando que, a cada local, há uma construção de práticas culturais específicas e que é por isso que o *bullying* tem nuances diferentes.

2.3.2 Diferenças do *Bullying* Escolar no Brasil X Exterior

A segunda categoria nos mostra que quando questionados se o *bullying* escolar é igual em todos os lugares, somente uma docente disse que sim (E4): “o bullying como um fenômeno sim, porque para mim o que está por trás do bullying é uma sociedade que padroniza, que traz modelos para que as pessoas sigam.” Os/as outros/as disseram que não é igual em todos os lugares, pois existem fatores que estão na sociedade e que motivam a prática do *bullying* nas escolas, que são: desigualdades sociais, questões culturais e preconceito/discriminação.

O *bullying* – independentemente do local, da região e do país – é um fenômeno que acontece entre estudantes de diferentes faixas etárias, e níveis socioeconômico. Na pesquisa da Organização das Nações Unidas (ONU, 2017), no Brasil, a taxa de estudantes que diz ter sofrido algum tipo *bullying* é de 43%, sendo alta e semelhante à dos países vizinhos como Argentina (47,8%), Chile (33,2%), Uruguai (36,7%) e Colômbia (43,5%).

[...] em alguns estudos a gente percebe que existe na questão socioeconômica, então países com melhor desenvolvimento econômico maior investimento em educação tendem a ter uma taxa menor do que aqueles que não têm esse investimento, [...] o que vai diferenciar é justamente as motivações são diferentes e os perfis dos envolvidos são diferentes, mas a existência do bullying vai ter em todo lugar. (E1)

O relatório sobre a situação global de prevenção da violência contra as crianças da Organização Mundial da Saúde²⁸ (OMS, 2020) mostrou que os países da região do sudoeste da Ásia (n=8) e os países da região da Europa (n=45)

²⁸ Relatório mundial teve a participação de 155 países, incluindo o Brasil, com a meta abordar as medidas que os governos de todo o mundo tomam para eliminar a violência contra as crianças. O (n) representa o número de países participantes de cada região.

investem de 55% e 44% respectivamente em programas anti-*bullying* em comparação aos países da região da África (n= 34) e das Américas (n=31), que apresentaram o menor percentual de 18% e de 16%. Esses dados mostraram que tanto nos países da África quanto nos das Américas havia poucos investimentos em políticas educacionais contra o *bullying*.

As desigualdades sociais nos países da África e das Américas refletem na educação, influenciando no aumento da violência escolar devido à pobreza e à falta de acesso aos bens de direitos (alimentação, saúde, moradia e lazer), que fazem com que os/as estudantes sofram com a falta de estrutura nos estabelecimentos de ensino no que diz respeito a lidar com estas desigualdades.

De acordo com os dados da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o governo brasileiro investiu US\$ 4.306 por estudante do ensino fundamental ao ensino superior, muito abaixo da média da OCDE que é de US\$ 11.560 (Brasil, 2023).

Portanto, se, no Brasil, há poucos gastos em educação, também haverá um menor investimento em políticas de combate e prevenção a violência escolar, sobretudo o *bullying*. Diante do discurso da (E1), não podemos justificar que os países em que há um maior investimento em educação não haja *bullying*, mas o que ocorre é que, nos países que investem mais em políticas educacionais, sobretudo em programas e leis que visam combater a violência e os casos de *bullying*, a taxa é menor.

No Brasil, a Lei nº 13.185, de 2015, prevê no Art. 5º que os estabelecimentos de ensino no país assegurem “[...] medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (***bullying***)” e para ratificar esta lei, em 15 de maio de 2018, foi publicada a Lei 13.663/2018, que inclui entre as atribuições das escolas a promoção da cultura da paz e medidas de conscientização, prevenção e combate a diversos tipos de violência, como o *bullying*. Esta lei foi acrescentada em dois incisos do art.12 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-Lei 9.394/1996). Assim sendo, a existência dessas leis não garante dar condições às escolas ou a criação de projetos e programas de combate ao *bullying*.

No estudo realizado por Oliveira, Mattos e Telles (2022), em que buscaram identificar em quais cidades da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro foram criados projetos ou programas oficiais de combate ao *bullying* em suas

respectivas escolas a partir da Lei 13.185/2015, verificou-se que de 19 municípios, apenas seis responderam que realizam projetos e/ou programas de combate ao *bullying em suas escolas*, incorporados aos projetos educacionais de diferentes segmentos e modalidades de ensino das redes municipais, conferindo às escolas autonomia na execução dos projetos. Contudo, os resultados o que os remeteram a refletir que há uma necessidade de realização de outras pesquisas em que se busque identificar quais as causalidades que fazem com que as outras secretarias municipais e escolas não realizem projetos conforme descritos na Lei.

[...] o bullying seja ele um fenômeno global, ele não é um fenômeno padronizado porque as variáveis, os fatores motivadores para que o bullying aconteça varia de um local para outro local, e ele também se relaciona com a construção cultural desse local,[...] então embora seja um fenômeno global por exemplo o um bullying aqui numa escola urbana, numa escola rural ou numa escola do sul do Brasil numa escola do norte do Brasil ou na Europa esses fatores que vão construir essas características e elas acabam variando. (E2)

Ao pensarmos no *bullying* como um fenômeno global, remetemos à globalização que, para Bauman (1999, p.66), se dá “[...] do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais.” O *bullying*, por ser um fenômeno mundial, discorre de mudanças sociais, que trazem incertezas no que diz respeito a ações desse comportamento. Porém, para Lourenço (2014), a globalização tem uma relação com o local, que traz as conexões com as práticas sociais cotidianas. Por mais que o comportamento *bullying* seja mundial, as peculiaridades locais deste variam conforme a localidade, como diz a (E2), ou seja, a cultura local é que vai diferenciar as formas que motivam esse comportamento.

A relação global-local é o que Bauman (1999) chama de glocalização, em que as causas de origem local podem ter influência global ou ao contrário. Pensando nesse termo, nos remetemos à questão da cultura local que é determinante, como no caso das escolas brasileiras com uma variedade de sistemas de ensino (tradicionais, religiosas, indígenas, quilombolas, dentre outras), em que os agentes (estudantes, professores, gestores, funcionários e a comunidade escolar) que deveriam determinar a cultura daquela escola seguem uma única ou mesma legislação nacional, que sofre influência global.

Gadotti (2023, p. 38), baseado nas ideias de Paulo Freire, diz que é necessária uma reinvenção da educação atual, que para tal ele propõe a elaboração das novas políticas públicas de educação com “[...] um esforço coletivo, colaborativo,

plural, não sectário, pensando numa transição gradual para outras formas de conceber os sistemas educacionais, [...]”, pois o que está ocorrendo hoje é o que ele chama de “colapso do pacto educativo global”, em que os órgãos mundiais como OCDE e o Banco Mundial determinam o que deve e o que não deve ser ensinado nas escolas, cuja a preocupação não é com a educação voltada para os estudantes, mas sim para o mercado. Isso gera nos docentes a competição, ou seja, preparar discentes para lógica do mercado, esquecendo-se que a educação está ligada à cultura deles e ao ato de conviver.

Bourdieu e Passeron (2014) chamavam a atenção quando diziam que os agentes do campo, sobretudo os estudantes, sofrem uma violência simbólica dos sistemas de ensino, dos professores, através das ações pedagógicas que reproduzem uma cultura dominante, como o caso dos sistemas de ensino aqui no Brasil que são regidos por uma legislação nacional, que atuam de forma autoritária e, por vezes, coíbem a cultura dos(as) estudantes, impondo a cultura de uma classe dominante que nem sempre é a que os(as) representam. Assim, acabam ocorrendo nas escolas várias formas de violência, até mesmo *bullying* por não haver uma aceitação das diferenças culturais.

Esteves (2017, p. 446) assevera que o *bullying* parte da dificuldade que os discentes têm em conviver em um ambiente multicultural, que é “[...] um ambiente onde várias identidades culturais apresentam suas características, seus valores, suas crenças, suas simbologias e demandam reconhecimento social”. O multiculturalismo como projeto educacional considera as diversidades (raça, gênero, religiões, linguagens dentre outras), que são características identitárias culturais da sociedade e faz com que elas sejam parte das práticas pedagógicas escolares. Para tal, Esteves (2017) diz que é necessário que, no espaço escolar, haja uma política de reconhecimento das diferenças como estratégia para lidar com o *bullying* por conta do modelo de escola que tende a uniformizar os currículos escolares.

Para o docente (E5), a “questão do *bullying* nessa diversidade cultural que nós temos no Brasil mostra como é evidente uma agressão verbal, oral, uma zoação em um contexto escolar, que pode ser diferente da outra”. Dependendo da escola em que o/a estudante estiver e se ele/ela apresentar algo em si que difere da maioria do grupo como a forma de falar (sotaque), por exemplo, esse/a pode ser alvo de agressões verbais que, dependendo do local da escola, passará por uma simples brincadeira, porém com chance de se tornar uma violência, que passa despercebida.

As formas de violência que motivam o *bullying* são oriundos de preconceito e discriminação que estão escondidos na sociedade. Para a (E4), “O Brasil é um país preconceituoso embora viva uma ideia falsa [...] a gente tem visto a partir dos governantes parece que cada vez mais os preconceituosos estão saindo das suas tocas dos seus armários.” A docente entrevistada se referia à causa dos atos de violência que ocorriam no país a partir das atitudes preconceituosas do antigo governo federal, durante os anos de 2018-2021, que reforçava e excitava a sociedade através da disseminação do ódio vindo desde a discriminação racial, de gênero, religiosa, homofobia dentre outras, e que, aos poucos, foram ganhando força chegando até nas escolas.

Para Crochick e Crochick (2017), *bullying* e preconceito são fenômenos que podem estar associados, pois o alvo (vítima) tem dificuldade de se proteger da violência “[...], mas mesmo nisso há uma distinção: o alvo do *bullying* é qualquer um que possa ser submetido; e do preconceito em geral precisa de uma justificativa para discriminação” (p.28). Ratificando esta ideia, a (E3) coloca que: “[...] a gente pode pensar (eu acho) que a essência do *bullying* é a mesma, isto é, são relações fomentadas por preconceito ou algum tipo de discriminação e algum conflito.”

Os diferentes tipos de discriminações como de raça, gênero, religião, dentre outros, que estão no ambiente escolar, sobretudo nas escolas brasileiras, são frutos das questões sociais que os(as) alunos(as) carregam para esse espaço. Por isso é que se dá a importância de elencar as características do *bullying* escolar, sendo elas as principais causas deste fenômeno.

2.3.3 Características do *bullying* escolar

Essa categoria emergiu da questão que versava sobre quais seriam as características do *bullying* em escolas brasileiras, em que os/as docentes responderam que seriam as diferenças socioeconômicas, a popularidade, a imagem corporal, as questões de gênero e o racismo. Com relação às diferenças socioeconômicas dentro do espaço escolar, (E4) diz que as vítimas não possuem o mesmo padrão dos outros colegas de classe:

[...] quem é o alvo do bullying que os estudos mostraram são todos aqueles que saem de um determinado padrão, então ou é a criança ou adolescente de uma classe social que não lhe permita um poder aquisitivo de ter aquilo

que os colegas têm em termos de material escolar uniformes, celular, tênis, mochila que são objetos do desejo do adolescente.

Trazendo esse fato para compreensão de Bourdieu, podemos dizer que os/as agressores/as são de uma classe dominante e que seu poder está pautado no capital econômico que eles possuem, como dinheiro e bens materiais, e que rejeitam os que não os têm agredindo-os/as. O grupo social é o que dá poder aos seus membros, poder esse que pode ser reconhecido como simbólico, que é exercido por cumplicidade daqueles que são sujeitados a esse poder (Bourdieu, 2001b).

Bourdieu (2001a, p. 14) esclarece sobre o poder simbólico como uma espécie de “[...] poder quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário”. Portanto, esse poder é identificado pelo grupo, independente da vontade do grupo em que ele é exercido.

O poder simbólico também se relaciona no que Bourdieu (2001a) chama de capital simbólico, que seria uma espécie de honraria e prestígio que é dado a uma pessoa ou um grupo de pessoas dentro de um espaço social, como o caso dos agressores, por serem populares²⁹ e praticarem *bullying*. O fato é que os detentores desse capital simbólico (que são populares) são reconhecidos por todos, que acabam por validarem como sendo superiores aos demais, conforme diz a (E1):

[...] o agressor ser popular também dificulta em termos de intervenção porque como que eu vou dizer para uma criança, um adolescente o que está fazendo é errado, se aquilo que ele faz está trazendo um benefício que é essa questão da popularidade, então é um problema que a gente precisa ficar bem atento aqui no Brasil.

De acordo com esta entrevistada e com os estudos de Zequinão *et al.* (2020) e Rufo, Reginaldo e Crochik (2023), que pesquisaram acerca da relação da popularidade e do *bullying*, percebemos que é uma característica bem peculiar dos/as estudantes do Brasil. Os estudos também evidenciaram que muitos/as destes/as alunos/as populares apresentam baixo desempenho escolar e se destacam nas atividades físicas e esportivas, ou seja, nas aulas de EF. Em contrapartida, as vítimas são aquelas com bom desempenho escolar, que acaba sendo comprometido devido à violência que sofrem.

²⁹ “[...] a popularidade decorre da imposição da vontade de alguns sobre os outros, e os que assim são considerados, tendem a ser os autores do *bullying*.” (Rufo; Reginaldo; Crochik, 2023, p. 3)

Um outro dado importante apresentado em pesquisas que têm envolvimento com a popularidade e o *bullying* é o perfil dos autores e das vítimas. No estudo de Meneses *et al.* (2021) em escolas públicas e particulares em Campo Grande/ MS, os autores são fortes, magros, populares, bons na prática esportiva e com rendimento escolar ruim; já as vítimas são fracas, gordas, impopulares, com mau desempenho esportivo e com bom rendimento escolar. Diante desse estudo, observa-se que tanto os/as autores/as quanto as vítimas apresentam uma imagem corporal que influencia e é influenciada pelo grupo ao qual eles pertencem, tornando assim mais uma característica, como nos apresenta a (E4) “[...] o padrão é corporal também é ditado como sendo o adequado para a sociedade, então aquele um pouco mais alto, um pouco mais magro, um pouco mais baixo, um pouco mais obeso[...] acaba sendo alvo”.

A imagem corporal que os/as estudantes reproduzem nas escolas é o reflexo que eles/elas têm da sociedade; pode-se dizer que a imagem corporal que o grupo dita como padrão é uma produção de um *habitus* que Wacquant (2007, p. 66), ao explicar o conceito baseado em Bourdieu, diz ser a maneira como a sociedade coloca na pessoa, sendo estas treinadas a “[...] pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente”.

Percebemos que as ações de *bullying* que são configuradas a partir da imagem corporal são fruto do *habitus* incorporado da imagem que se tem na sociedade do corpo belo e os que estão fora daquele padrão ditado de beleza não são aceitos e, por vezes, até rechaçados. Wacquant (2017, p. 215) diz que *habitus* são ações passadas (estruturadas) e ações/representações recentes (estruturantes) nos meios sociais. Sendo assim, o autor destaca que o *habitus* se dá através do princípio da sociação e de individuação:

Sociação porque nossas categorias de juízo e de ação, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares (assim, podemos falar de um *habitus* masculino, de um *habitus* nacional, de um *habitus* burguês etc.); individuação porque cada pessoa, tendo uma trajetória e uma localização únicas no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas.

A partir desses princípios, podemos refletir que o *habitus* é um marcador identitário dentro do grupo social em que os agentes desse grupo compartilham de um mesmo pensamento. Ele é incorporado individualmente como, por exemplo, o

comportamento dos papéis sexuais, em que há um *habitus* masculino, que determina que certas atividades são para os homens e que as mulheres não podem exercer. Dessa forma, outra característica pontuada pelos/as entrevistados/as é com relação as questões de gênero.

[...]eu tenho estudos também no interior do estado aqui de Santa Catarina, onde a gente tem uns altos índices de preconceito por exemplo com relação as questões de gênero, questões de sexualidade, então como é uma é um lugar muito fechado, muito conservador com influências religiosas, isso faz com que por exemplo uma criança que tenha uma identidade de gênero que não é igual a sua orientação sexual, e seu sexo biológico, se torne um fator de risco. (E1)

Os/as estudantes que são alvos de *bullying* são aqueles que fogem do padrão de heteronormatividade da sociedade, sobretudo em certas regiões e localidades no Brasil, como mostrou o estudo de Meneses *et al.* (2021), em que aparecem como sendo alvo de *bullying* afeminados/masculinizadas, sendo a maior frequência em escolas particulares do que nas públicas em Campo Grande/MS. Portanto, as agressões relacionadas aos estereótipos de gênero são devido às normas sociais que pregam que a figura do homem se sobreponha a das mulheres e de outros gêneros. Por conta disso, o (E5) diz que “[...] é muito importante para a gente entender esse fenômeno a própria questão do gênero tenha que ser contextualizada”.

Como aponta esse entrevistado, a questão de gênero no espaço escolar deve ser debatida por todos – estudantes, professores(as), funcionários(as), gestores, responsáveis, ou seja, toda comunidade escolar – para que possa ser contextualizada nas aulas e para que haja uma desconstrução dos estereótipos e dos padrões que geram os preconceitos, que devem ser minimizados, pois do contrário acabarão ocorrendo mais violências e, sobretudo, o *bullying*.

Para uma educação mais igualitária em que não haja homofobia ou LGBTfobia, é necessário que se pense em uma pedagogia crítica e pós-crítica³⁰ que quebre as barreiras da injustiça social, da dominação e da opressão que afetam incisivamente na cultura escolar. Para Freire (2021), se faz necessário uma prática educativa problematizadora que critique a realidade, para que se tenha uma melhor compreensão do mundo aceitando as diversidades, como o fato das diferenças

³⁰ Sousa (2023) diz que a pedagogia pós crítica é a ampliação da pedagogia crítica. Essas pedagogias se aproximam a medida que elas problematizam fenômenos sociais que as afetam como as desigualdades sociais.

raciais, que foi apontada como sendo outra característica deste estudo, conforme diz a (E2) “[...] *as crianças negras, por exemplo, as ruivas que todas aquelas que estão fora dali, do dito padrão [...] são as crianças que sofrem mais é bullying.*”

De acordo com Atlas da Violência (2023), a maior parte de pessoas vítimas de violência são negras. Na Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (IBGE, 2021), um dos motivos que os/as alunas que sofreram *bullying* relatam como causa foi a sua cor/raça. Portanto, não podemos descartar que existe um racismo estrutural, que para Pinheiro (2023, p. 47) a escola carrega marcas estruturais por ser gestada no interior da sociedade, portanto para autora, “[...] Isso não significa que, como a escola reproduz racismo, não há nada a ser feito.”

Para que as práticas racistas não sejam reproduzidas nas escolas, faz-se necessário que haja a criação de mecanismos para a promoção do respeito à diversidade racial, fazendo com que, em diferentes momentos, nas escolas, durante as aulas, as questões de racismo sejam identificadas e problematizadas. Para Pinheiro (2023, p. 47), “[...]sendo a escola um espaço de reprodução dessas estruturas de opressão, precisamos pensar em mecanismos de superação dessas mazelas também, principalmente por meio do sistema educacional formal.” Assim sendo, a educação deverá levar os/as alunos/as a uma consciência crítica para que haja a diminuição da violência contra as pessoas de raça e etnias minoritárias que sofrem devido ao seu apagamento social.

Diante destas principais características que ocasionam o *bullying* nas escolas brasileiras, serão apontadas como as que ocorrem nas aulas de EF.

2.3.4 Características do *bullying* nas aulas de EF

Essa última categoria surgiu da questão que versava sobre as características do *bullying* presentes nas aulas de EF e que, mediante a fala dos/as docentes, ficaram focados/as na habilidade motora e na imagem corporal. Daólio (2013) diz que a EF difere das demais disciplinas escolares, pois sua prática curricular cotidiana é o que parece dificultar a forma como os/as professores/as lidam com as diferenças manifestadas pelos/as estudantes.

Educação física é o momento que as crianças se expõem em relação por exemplo as habilidades e as capacidades motoras que por vezes acabam sendo alvo da agressão, então aquelas crianças que mostram por exemplo uma baixa competência motora, elas são as crianças que constantemente

são excluídas das brincadeiras, são excluídas dos grupos, não são as primeiras a serem chamadas por exemplo para montar um time e acaba que essas crianças são a as das vítimas do próprio bullying (E2).

Antigamente as aulas de EF nas escolas do Brasil selecionavam os mais habilidosos e excluía os menos habilidosos. No final do século passado, com a redemocratização política³¹ e com um movimento por parte dos/as acadêmicos/as da EF – que buscaram conhecimentos em outros campos científicos, como os das ciências sociais e humanas –, esse modelo hegemônico pautado no rendimento e desempenho motor começou a se romper. Surgiram, então, novas abordagens pedagógicas para o ensino da EF, que não tinham mais esse objetivo.

Com o surgimento das diferentes abordagens do ensino da EF (Psicomotricidade, Desenvolvimentista, Construtivista, dentre outras), houve a prevalência dos esportes como sendo conteúdos/temas a serem ensinados nas aulas de EF, fazendo com que permanecesse o desenvolvimento das habilidades e competências motoras, deixando de lado a relação do conhecimento do esporte como fenômeno cultural. Para Bracht (2021), o esporte passa a ter importância na EF escolar, sendo essa confundida com esporte, devido ao discurso que o legitimou no final do século XX e início do século XXI.

Nos anos de 1990, surgiram as abordagens da EF sob influência da pedagogia crítica da educação, que tiveram o intuito de debater as propostas de EF estabelecidas até aquela época e pautar o ensino das práticas corporais baseado em ações reflexivas pelos/as estudantes. Porém, nessas abordagens, não se pensou em problematizar “[...] as desigualdades sociais existentes na sociedade, nem valorizar as diferenças culturais ou analisavam marcadores sociais que atravessam as práticas corporais.” (Maldonado, 2020, p. 27) Contudo, isso faz com que muitos professores/as ainda avaliem seus alunos quanto ao padrão de habilidade e não leve em conta as suas diferenças.

[...] nem todo mundo tem a mesma habilidade e a gente acaba exigindo que todo mundo tenha o mesmo padrão de habilidade e aí aqueles que não têm, eles acabam sofrendo violência por parte dos colegas se não for o bullying mesmo que são outras formas de violência que acontecem na aula de educação física (E4).

[...] fizemos mais uma pesquisa em que acreditávamos que as pessoas menos habilidosas na educação física escolar eram as pessoas mais sujeitas à prática do bullying, da zoação, e não é, [...] então cabe ao

³¹ Movimentos políticos que contavam com a participação de professores de EF, através de encontros e debates entre esses profissionais. (Darido; Rangel, 2005)

professor um procedimento didático da pedagógico saber lançar mão daquelas oportunidades que o aluno possa se perceber potencializado além de aprender a conviver com as diferenças (E5).

Tendo em vista que as aulas de EF em turmas mistas (contemplando todos os gêneros) e inclusivas – no que diz respeito para todos (alunos/as com e sem deficiência e atendendo as diversidades³²) – sempre observarão diferenças com relação aos níveis de habilidades motoras, temos um fato importante que pode ser problematizado durante as atividades das aulas, independente dos temas/conteúdos que estejam sendo lançados para os/as alunos/as. Daólio (2013, p. 93) afirma que a aula de EF escolar deve respeitar o princípio da alteridade, pois:

Saberá reconhecer as diferenças – não só as físicas, mas também culturais – expressas pelos alunos, garantindo assim o direito de todos à sua prática. A diferença deixará de ser critério para justificar preconceitos, que causam constrangimentos e levam à subjugação dos alunos, para tornar condição de igualdade, garantindo, assim, a afirmação do seu direito à diferença, condição do pleno exercício da cidadania.

Portanto, faz-se necessário repensar na prática pedagógica da EF, levando em consideração que o ensino das práticas corporais e, até mesmo do esporte, não seja padronizado, pois, do contrário, os/as professores/as reforçam esse paradigma em suas aulas de EF e farão com que haja mais exclusão, agressão e até mesmo *bullying* entre os/as alunos/as.

A imagem corporal foi outra característica apontada pelos entrevistados/as, já que os/as estudantes que são as vítimas de *bullying* nas aulas de EF são aqueles/as que apresentam uma aparência corporal que destoa da maioria do grupo. Para a (E3), “[...]a aula de educação física é um ótimo espaço para chamar o coleguinha para ser do time e falar eu não quero chamar você porque você é gordo”. A noção do corpo perfeito é fruto das normas sociais que estigmatizavam os/as alunos/as dentro de um padrão corporal para que se praticasse uma determinada atividade física/esportiva.

Ao determinar o padrão corporal que deve ser aceito pelo grupo, nos remetemos a Ortega (2008, p. 211), que associa a noção de *habitus* de Bourdieu ao corpo e a sociedade, que “[...] se forma no envolvimento do agente num domínio prático já estruturado, e uma vez formado funciona como princípio que gera e organiza novas práticas”, ou seja, a prática de determinar “certos padrões corporais”

³² De classe, raça, religião, dentre outras.

já é determinada socialmente, o que ocorre é que, nas aulas de EF, por serem evidentes, há novas formações de padrões para aquele espaço.

O estudo de Meneses et al. (2021) mostrou que os padrões estéticos que são difundidos na sociedade estão associados à violência escolar e, sobretudo, ao *bullying*, pois nesse estudo, tanto os/as estudantes que apresentavam magreza quanto os/as que tinham obesidade foram vítimas de violência, que se inicia por conta da discriminação, resultando em agressões.

[...] a gente tem alguns estudos que mostram que aquelas crianças que sofrem algum tipo de bullying em relação ao seu peso corporal, os estados nutricionais ou a sua imagem corporal, que um dos principais locais onde isso mais acontece é justamente nas aulas de educação física, ou nos espaços destinados para tal (E1).

Atualmente, nas aulas de EF, deve-se levar a reflexão crítica sobre o corpo e movimento considerando a cultura dos/as estudantes para que sejam evitadas as discriminações por padrões corporais. Pereira, Silva e Lüdorf (2022) apontam que os/as professores/as de EF lidam com corpos que variam conforme os contextos socioculturais. Por isso, a importância da sua intervenção pedagógica, para que se possa compreender as noções de corpos construídas pelos alunos/as nas aulas.

Sendo assim, a imagem corporal e a habilidade motora como características de *bullying* pontuadas pelos/as entrevistados/as presentes nas aulas de EF se dão devido ao fato de como os corpos são expostos, tanto fisicamente como em movimento, e como ficam sujeitos às críticas. Essas críticas são as que geram agressões entre pares de forma repetida e intencional e que ocasionam o *bullying*.

2.4 Considerações finais

Diante desse estudo que buscou identificar as principais características do *bullying* nas escolas e nas aulas de EF a partir do discurso dos/as acadêmicos/as brasileiros/as da EF, foram encontradas as seguintes características que levam o *bullying* nas escolas: as diferenças socioeconômicas, a popularidade dos/as estudantes, as questões com relação à imagem corporal, as questões de gênero e o racismo. Para esses *experts*, as características são a causa do fenômeno, que parte da reprodução social dos/as alunos/as dentro espaço escolar.

Algumas dessas características já foram pontuadas em estudos anteriores a essa pesquisa, principalmente aqueles estudos que buscavam saber quais eram os

fatores associados às práticas do *bullying* nas escolas brasileiras, como: imagem corporal, questões de gênero, diferenças socioeconômicas e raça. Porém, o que difere dos estudos internacionais talvez seja o fato do Brasil ser um país multicultural, com uma diversidade étnico-racial importante e que sofre preconceito e discriminação por conta dos traços identitários como religião, línguas, dentre outros que ocasionam a violência e o *bullying*.

O que observamos através desse estudo é que, para uma efetiva minimização das diferentes formas de violência que causam o *bullying*, seria importante a implementação de programas dentro da realidade sociocultural em que a escola está inserida no Brasil, pois os programas internacionais podem não ser adequados às realidades locais. Dan Olweus, em seus diferentes estudos (que foram primeiramente realizados em escolas da Noruega e Suécia), sempre buscou verificar os fatores psicológicos da casualidade do *bullying*, atentando para as vítimas e agressores. Os outros estudos procuravam mensurar os efeitos do seu programa anti-*bullying* e dos questionários (*Olweus Bullying Questionnaire*) implementados por ele. Portanto, esses documentos, ao serem utilizados, devem ser adaptados à realidade local.

Nas escolas, atualmente, é necessário que se tenha um olhar para a educação interseccional atendendo às demandas da sociedade com relação à classe, ao gênero e à raça, pois não cabe mais uma escola que não seja problematizadora, sem um diálogo com relação às diversidades. O debate coletivo é importante a fim de combater as desigualdades que geram a opressão, a violência e o *bullying* na escola.

As mesmas características do *bullying* nas escolas estão também presentes nas aulas de EF, porém, as diferenciações por habilidades motoras e imagem corporal foram as principais pontuadas pelos/as docentes dessa pesquisa. Em seus discursos, mostrou-se que métodos e/ou abordagens de ensino da EF nas escolas continuam reforçando os/as que têm um melhor desempenho esportivo ou os/as que têm perfil corporal para executar determinadas práticas corporais. Isso é o que eles/elas percebem dos comportamentos dos/as estudantes diante de suas pesquisas.

As diferenciações com relação à habilidade motora e à imagem corporal são características que foram marcantes na disciplina no passado e não devem ser protagonizadas, pois, do contrário, continuará havendo absenteísmo, exclusão,

discriminação, agressão e violência durante as práticas nas aulas de EF. Portanto, deve-se pensar em novos métodos/abordagens de ensino para superar essas características, principalmente práticas pedagógicas em que haja um diálogo com a realidade social dos/as discentes para assim aplicar, de forma democrática, os conteúdos/temas específicos da EF, descartando todas as formas de conservadorismo (racismo, machismo, homofobia e elitismo) que impactam no desenvolvimento das diferentes práticas corporais.

Corroborando com a visão sociológica de Bourdieu, as características do *bullying* transmitidas representam o *habitus* do grupo (alunos/as), do campo (escola) e do subcampo (aulas de EF). Repensar as práticas pedagógicas fará com que não haja reforço dessas características, tendo em vista que o *bullying* não acontece somente dentro da escola, há também o *cyberbullying*. Desse modo, esses dois comportamentos têm consequências graves e irreversíveis, como as doenças psíquicas e comportamentais, podendo levar certos/as alunos/as a cometer suicídio e homicídio.

2.5 Referências

BARDIN, L. **Análise do Conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2020.

BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BAUMAN, Z. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOURDIEU, P. **Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais das ciências: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004a.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004b.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas**. Campinas: Papirus, 2008

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRACHT, V. **Educação Física Escolar no Brasil**: O que vem sendo e o que pode ser (Elementos de uma teoria pedagógica para Educação Física). Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Education at a Glance 2023**: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2023.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano CLII 213, p. 1, 9 nov. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20152018/2015/Lei/L13185.htm. Acesso em: 20 nov de 2018

BRASIL. Lei nº 13.277 de 29 de abril de 2016. Institui o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola. **Diário Oficial da União**. 2 de maio, 2016 Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/332508325/lei-13277-16> Acesso em: 20 nov de 2018.

BRASIL. Lei nº 14.811 de 12 de janeiro de 2024. Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares. **Diário Oficial**, Brasília. 12 jan. 2024.

CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (coord.). **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>

CHOCRICK, J.; CHOCRICK, N. **Bullying, preconceito e desempenho escolar**: uma nova perspectiva. São Paulo: Benjamin Editorial, 2017.

DAOLIO, J. **Da cultura do Corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

DARIDO, S.; RANGEL, I.C. **Educação física na escola**: implicações para prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

DORTIER, J. **Dicionário de Ciências Humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ESTEVES, P. S. O (não) reconhecimento da diferença: o bullying como um desafio das sociedades multiculturais. **Revista eletrônica pesquiseducu**, [S. l.], v. 8, n. 16, p. 440–457, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseducu/article/view/606>. Acesso em: 6 maio. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREUD, S. **O mal-estar da civilização, novas conferências introdutórias a psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GADOTTI, M. Retomar o sonho interrompido para esperar e educar em tempos de barbárie. In: VASCONCELOS, J.; MENDES, M.; MUSSI, D. **Paulo Freire e a educação popular: esperar em tempos de barbárie**. São Paulo: Elefante, 2023. Edição do Kindle.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p.64-89.

GROFF, A. R.; LEANDRO, G.; LOBO, J.; ALVES, J. *Bullying* como categoria de análise da violência em contexto escolar: Efeitos epistemológicos e políticos. **Revista Psicologia Política**. [online], v. 22, n. 53, p. 91-104, 2022. ISSN 2175-1390. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2022000100007. Acesso em: 20 de dezembro, 2023.

IBGE. **Pesquisa nacional de saúde escolar**: 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

LOURENÇO, N. Globalização e glocalização. O difícil diálogo entre o global e o local. **Mulemba Revista Angolana de Ciências Sociais** [Online], v. 4, n. 8, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/mulemba/203>. Acesso em: 26 out. 2023.

MALDONADO, D. **Didática(s) da educação física**: novas perspectivas pedagógicas na educação básica brasileira. São Paulo: USP, Faculdade de Educação, 2020. Relatório do estágio pós-doutoral.

MENESES, B. M.; PEDROSSIAN, D. R.; SOUZA, R.; COSTA, R.; FERRO, A. L. Autores e alvos da agressão: um estudo da violência escolar em escolas públicas e particulares de Campo Grande/MS. **Olhares**: Revista do Departamento de Educação da Unifesp, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 129-149, 2021. DOI: 10.34024/olhares.2021.v9.11236. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/11236>. Acesso em: 6 jan. 2024.

MINAYO, M.C. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

OLIVEIRA, F.; MATTOS, R.; TELLES, S. C. A efetivação da lei 13.185/2015 (programa de combate à intimidação sistemática - bullying) nas secretarias municipais de educação da região metropolitana do estado do rio de janeiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2022, Rio de Janeiro, **Anais do Congresso Internacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Instituto de Educação Física e Desportos**. Revista de Educação Física, Journal Physical Education v. 91, n. 2, Suplemento Especial 5-1, p. 5-83, 2022.

OLWEUS, D. Bullying in schools: facts and intervention. **Kriminalistik**, v. 64, 2010.

OLWEUS, D. **Bullying at school**: what we know and what we can do. New Jersey: Blackwell Publish, 2005.

OLWEUS, D. Bully/victim problems in school: Facts and intervention. **European Journal of psychology of Education**. v. XII, n. 4, p. 495-510, 1997. <https://doi.org/10.1007/BF03172807>

OLWEUS, D. Annotation. Bullying at school: basic facts and effects of a school-based intervention program. **J. Child Psychol. Psychiatry** v. 35, p. 1171–1190, 1994. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1994.tb01229.x>

OLWEUS, D. **Aggression in the school: bullies and whipping boys**. Washington: Hemisphere Publishing Corporation, 1978.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Global status report on preventing violence against children**. Geneva: WHO, 2020 Disponível em: <https://www.who.int/teams/social-determinants-of-health/violence-prevention/global-status-report-on-violence-against-children-2020>. Acesso em: 16 nov.2023.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Ending the torment: tackling bullying from the schoolyard to cyberspace**. Disponível em: https://violenceagainstchildren.un.org/sites/violenceagainstchildren.un.org/files/documents/publications/tackling_bullying_from_schoolyard_to_cyberspace_low_res_fa.pdf. Acesso em: 16 nov.2023.

ORTEGA, F. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PINHEIRO, B. C. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. Edição Kindle.

RUFO, D.; REGINALDO, F.; CROCHICK, J. L. Bullying, maus-tratos e desempenho escolar. **Teoria e Prática da Educação**, v. 26, n. 1, p. e67926, 16 maio 2023.

SOUSA, G. Pela Não Classificação das Pedagogias Críticas e Pós-Críticas: Diálogos Provocativos com Tomaz Tadeu da Silva. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 21, p. 1-20, 2023 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2023v21e56874>. Acesso em: 5 jun. 2024.

WACQUANT, L. Habitus. In: CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem**, São Bernardo do Campo, ano 10, n. 16, p. 63-71, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/126/136>. Acesso em: 04 ago. 2023.

ZEQUINÃO, M.; MEDEIROS, P.; SILVA, J. L.; PEREIRA, B.; CARDOSO, F. Sociometric Status of Participants Involved in School Bullying. **School and Educational Psychology - Paidéia**, v. 30, p. 1-9, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3011>

3 ESTUDO: CARACTERÍSTICAS DO *BULLYING* E EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

[...] quem analisa os eventos violentos descobre que eles se referem a conflitos de autoridade, a lutas pelo poder e a vontade de domínio, de posse e de aniquilamento do outro ou de seus bens. Suas manifestações são aprovadas ou desaprovadas, lícitas ou ilícitas, segundo as normas sociais mantidas por usos e costumes ou por aparatos legais da sociedade.

Minayo, 2006, p. 13

3.1 Introdução

A pandemia do COVID-19³³ e o isolamento social refletiram no aumento da violência no contexto das escolas, visto que houve um período prolongado de pouca socialização, com o retorno totalmente presencial às aulas, no Brasil, apenas em 2022³⁴. Charlot (2002, p. 434) diz que a *violência na/dentro da escola* é aquela em que, quando há violência fora, o outro a traz para dentro da escola; “quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local”; a *violência à escola* é aquela ligada às questões de indisciplinas e à instituição, “quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam”. A violência da escola é também é uma violência institucional, violência simbólica, pois está diretamente ligada às questões pedagógicas da escola (do ensinamento), quando os estudantes aguentam a forma “[...] como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas,

³³ A COVID-19 é uma doença infectocontagiosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), do inglês, severe acute respiratory syndrome-associated coronavirus (Brito *et al.*, 2020). Disponível em: <https://doi.org/10.22239/2317-269x.01531>.

³⁴ Pesquisa da Nova Escola.Org (Organização que possui uma plataforma digital composta de reportagens, cursos, formações, planos de aula e materiais educacionais para fortalecer os professores brasileiros) em julho de 2022.

de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas.)” (Charlot, 2002, p. 435).

Para Bourdieu e Passeron (2014), o conceito de violência simbólica na educação é como a violência oculta, que os sistemas de ensino e seus agentes legitimam socialmente para a manutenção da ordem. A escola exerce através da sua ação pedagógica uma violência simbólica ao impor um “arbitrário cultural”, ou seja, uma cultura de elite como sendo uma cultura legítima, fazendo com que haja uma naturalização, em que as relações de forças entre as classes sociais, mantêm os modos de reprodução social. Há uma hierarquia social que é reproduzida na escola e que impede que a maioria dos dominados chegue ao topo da hierarquia escolar por conta do arbitrário cultural. Sendo assim, é a violência simbólica com consentimento dos dominados.

Na visão de Freire (2021, p.142), os dominados, que são por ele chamados de oprimidos, sofrem violência dos opressores, que repassam as formas de ser e comportar-se de uma classe dominante, pois a “[...] violência, como um processo, passa de geração a geração de opressores dela e formando-se no seu clima geral”. Os estudantes na posição de oprimidos agredem seus pares, sendo uma espécie de “violência horizontal” que, para Freire (2021, p. 148), seria uma forma de reprodução dos atos dos opressores. Esses atos podem ser devido a não aceitação das diferenças culturais, que são as étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosas, econômicas dentre outras que geram desigualdades e discriminação no espaço escolar (Candau, 2011).

A violência interfere na convivência escolar dos estudantes, causando impacto no desempenho escolar e no bem-estar da escola. O clima escolar ruim é fruto das incivildades que, segundo Blaya (2006, p. 23), são o “[...] conjunto de fatos acumulados, penalizáveis ou não, de pequenos delitos ou infrações não tidos em conta e que, repetidos, induzem no meio escolar a uma impressão de desordem, um sentimento de não respeito”. São exemplos de incivildades o não respeito às normas como: agressões verbais (gritaria, xingamentos), agressões físicas, depredações na escola (pichações; danificações de cadeira, mesa, quadro, armário dentre outros materiais), o mau uso do uniforme, a não permanência em sala de aula, não entrar na escola no horário etc. Ou seja, o não cumprimento também das normas estabelecidas pode acarretar as microviolências (Abramovay, 2013).

Esse tipo de violência, por contradizer as regras da boa convivência, pode indicar outro tipo de violência como o *bullying*, iniciado, frequentemente, como uma simples brincadeira com apelidos pejorativos (músicas com *jingles*), brincadeiras de esconder material (furtos), dentre outros, que se assemelham com os tipos de *bullying*.

Segundo a Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, em seu Art. 3º:

A intimidação sistemática (***bullying***) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como: I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente; II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores; III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar; IV - social: ignorar, isolar e excluir; V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar; VI - físico: socar, chutar, bater; VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem; VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social (Brasil, 2015).

O *bullying*, por ser também caracterizado por incivildades, faz com que haja uma crise na moral do sujeito (aluno/a) que agride e/ou ameaça. Segundo Tognetta *et al.* (2017), falta nesses sujeitos agressores/as (alunos/as) valores do bem que nas escolas, por falta da prática desses valores, tornam-se ambientes com espaços (sala de aula, banheiros, quadra etc.) privilegiados para atos de violência e preconceitos.

De acordo com os estudos de Oliveira *et al.* (2021), Lodewyk (2018), Pernía *et al.* (2017) e Bejerot *et al.* (2013), nas aulas de EF as manifestações de *bullying* que ocorrem estão associadas: às habilidades nas práticas das atividades física/esportivas, fazendo com que os estudantes que não possuem habilidade ou com a habilidade abaixo da média do grupo para uma determinada prática se tornem alvo, sendo até excluídos da atividade; ao *gênero*, como, por exemplo, a prática de jogar futebol só com os meninos, e as meninas que praticam futebol são por vezes discriminadas, assim como os meninos que não gostam de futebol.

Ainda para esses autores há outras associações com relação ao *bullying* como a *imagem corporal*, destacando os que possuem obesidade são vítimas em potencial porque não estão dentro do padrão corporal dos demais colegas de classe; ao comportamento, como os daqueles estudantes que são introvertidos ou impopulares nas aulas de EF também sofrem *bullying*.

Há uma dificuldade por parte dos(as) estudantes em lidar com as diferenças nas aulas de EF, pois essas são produzidas e reproduzidas no grupo social ao qual eles/elas pertencem, através das interações – sejam essas dentro do campo escolar ou das aulas de EF. Nas interações dos agentes no campo, Bourdieu (1983) diz

formar um '*habitus*', que são ações, percepções, atitudes e pensamentos dos indivíduos incorporados através da vivência deles. A noção de "*habitus*"³⁵ ajuda a compreender que não há uma dissociação da dinâmica das aulas de EF para as ações dos agentes (alunos/as), pois há "o duplo processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade" (Bourdieu, 1983, p. 47).

Se pararmos para refletir que o *habitus* de alguns estudantes nas aulas de EF reforçam certas atitudes violentas e preconceituosas que estão em seu cotidiano, e que, para Bourdieu (2003, p.18), "as estruturas de um *habitus* logicamente anterior comandam, portanto, um processo de estruturação de novos *habitus* a serem produzidos por novas agências pedagógicas", o *habitus* que eles/elas têm da família (de casa) se estrutura com as experiências da escola e é transformado pela escola e diversificado, formando novos *habitus*.

Há uma dualidade com relação à prática docente que, ao mesmo tempo em que transmite os valores, conceitos, conteúdos e métodos através da disciplina (Daólio, 2013), não conseguem lidar com as diferenças desenvolvidas pelos estudantes, que causam discriminação, preconceitos, violência e, sobretudo, o *bullying*. Sendo assim, o objetivo deste estudo é levantar as características do *bullying* que surgem nas aulas de EF nas escolas do Rio de Janeiro, verificando as possíveis relações com as estudadas por Olweus.

3.2 Método

Para alcançar o objetivo deste estudo, utilizamos como método de coleta de dados a observação participante. Essas observações foram sistematizadas através de um diário de campo que, de acordo com Minayo (2007), contém as informações anotadas pelo pesquisador que observa um determinado objeto com suas impressões que se modificam com o tempo. No caso, o diário foi um caderno em que se realizaram anotações compostas de: Data; Tema da aula; Local da aula; Etapas da aula (em que eram descritas quais eram as atividades que estavam sendo realizadas nos dois tempos de aula de EF); Ocorrências (em que eram redigidos os episódios de violência e *bullying*); Relação Professor(a) x Aluno(a) (ações do(a) docente); Relação Aluno(a) x Aluno(a) (ações dos(as) estudantes).

³⁵ "[...] se apresenta, pois, como social e individual: refere-se a um grupo ou a uma classe, mas também ao elemento individual" (Bourdieu, 2003, p. 17).

É importante salientar que os critérios de inclusão elaborados para as observações de campo foram: turmas mistas de 7º ano que tivessem dois tempos de 50 minutos de EF no mesmo dia e um(a) docente por gênero para cada escola. A eleição da faixa etária se deu devido ao último PENSE (Brasil, 2021), em que os alunos que mais se queixaram de serem maltratados por seus pares foram os da faixa etária entre 13 e 15 anos, sendo a faixa predominante para o 7º ano.

A realização das observações se deu no período letivo do ano de 2022, durante os meses de março a dezembro, sendo que, nesse mesmo ano, ocorreram alguns eventos que interromperam as atividades, alterando o calendário escolar como: Carnaval, do dia 20 ao dia 30 de abril; “Eleições”; e “Copa do Mundo de Futebol”; além dos eventos escolares como: Semana de Avaliações, Olimpíadas interna nas escolas e/ou festas escolares que, em alguns momentos, suspenderam um ou dois tempos de aulas práticas de EF.

As escolas selecionadas para participação desse estudo foram as do bairro de Vila Valqueire e Campo dos Afonsos, do município do Rio de Janeiro, em que a taxa de frequência escolar é igual ou superior a 90% conforme o censo (IBGE, 2010), com IDH (índice de Desenvolvimento Humano) igual ou superior a do município do Rio de Janeiro, que é de 0,799³⁶, considerado elevado de acordo com o Atlas do desenvolvimento humano no Brasil³⁷. Localizadas na Zona Oeste desse mesmo município, são escolas de fácil acesso para a pesquisadora na realização do trabalho de campo. É importante ressaltar que esses bairros são bem próximos geograficamente.

A escola pública elegida fica localizada no bairro Campos dos Afonsos, tem o IDH 0,856³⁸ e atende estudantes que residem na Vila Militar dos Afonsos e de outros bairros como: Deodoro, Marechal Hermes, Bento Ribeiro, Vila Valqueire, Sulacap, Realengo e Bangu. Com 70 anos de existência, a escola já atendeu todo o ensino infantil desde a antiga pré-escola, primário e ginásio.

³⁶ Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é um índice estatístico composto de expectativa de vida. O IDH do município corresponde ao ano de 2010 disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>. Até a presente data, os dados do último Censo de 2022, correspondente aos municípios, distritos e bairros, não encontram-se disponíveis.

³⁷ Fonte: Pnud Brasil, Ipea e FJP, 2022.

³⁸ Disponível em: <https://www.data.rio/documents/PCRJ::o-índice-do-desenvolvimento-humano-idh-no-município-do-rio-de-janeiro-dezembro-2003/explore>

Atualmente, a escola é de turno único³⁹, atendendo 390 alunos(as), com turmas do 6º aos 9º anos do ensino fundamental. Em 2022, a escola atendeu e contava com uma equipe de direção com: uma diretora geral, uma adjunta e uma coordenadora pedagógica; equipe de 21 professores(as) de diferentes disciplinas, sendo três de EF. A turma selecionada para o estudo tem 34 alunos(as), de idades de 12 a 15 anos.

Já a escola privada é uma rede de ensino nacional. Para este estudo, a unidade pesquisada foi a localizada no bairro de Vila Valqueire, com IDH 0,904⁴⁰. Sua abertura se deu no ano de 2009, com turmas de ensino médio e dos anos finais do ensino fundamental. Atualmente, a escola compõe-se da educação infantil ao ensino médio. No ano de 2022, a escola atendeu 1300 estudantes, com uma equipe de: um diretor geral da unidade, um coordenador para o ensino fundamental 1, um coordenador de educação infantil, uma coordenadora para o ensino fundamental 2 e ensino médio, um coordenador do preparatório militar (curso) e 70 professores(as) de diferentes disciplinas, sendo cinco de EF. Todos os professores contaram com uma central pedagógica com coordenador por disciplina que atende toda a rede no Rio de Janeiro.

A turma da escola privada selecionada para as observações sistematizadas foi a turma de 7º ano do turno da tarde, com 48 alunos(as), de idade que variam de 12 a 14 anos.

O início da fase exploratória da pesquisa se deu na eleição dos professores de EF participantes, que foi devido à organização das suas aulas e ao contato com a pesquisadora. Na escola pública, a aproximação se deu através das observações das práticas de todos os professores, e apenas uma professora se dispôs a aceitar a presença da pesquisadora. Os demais diziam estarem se aposentando e um deles inclusive sempre propunha caminhadas para suas turmas nas ruas entorno da escola, o que dificultava a observação de uma prática pedagógica. Já na escola privada, as aulas de EF das turmas do 6º ao 9º ano do turno da tarde eram dois tempos seguidos, sendo essas dadas pelo mesmo professor, o que facilitou a observação.

³⁹ O modelo de turno único adotado pela secretaria municipal de educação do Rio de Janeiro, fazendo com que os(as) alunos(as) permaneçam, na escola, durante o período de sete ou oito horas diárias. <https://www.rio.rj.gov.br/web/rioeduca/exibeconteudo?id=14010607>

⁴⁰ Disponível em: <https://www.data.rio/documents/PCRJ::o-índice-do-desenvolvimento-humano-idh-no-município-do-rio-de-janeiro-dezembro-2003/explore>

A coleta de dados realizou-se com os seguintes procedimentos: aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com os responsáveis legais dos adolescentes e professores das turmas; aplicação do Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) com os adolescentes. Cabe ressaltar que só foram participantes da pesquisa aqueles cujos responsáveis legais e adolescentes aceitaram participar.

As aulas efetivamente práticas de EF observadas se deram durante o ano letivo de 2022 e foram: 24 dias na escola privada, sendo em dois tempos, totalizando 48 aulas; e na escola pública, 27 dias, sendo dois tempos, completando 54 aulas. No total, foram observadas 102 aulas de 50 minutos. As observações na escola privada se deram em menos dias por conta das semanas de avaliações em que não houve aula.

Para análise dos dados, buscamos apresentar os temas que caracterizam o *bullying* escolar por Dan Olweus (2012), comparando com as características que surgiram nas aulas de EF das duas escolas pesquisadas.

Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE-UERJ), sob o número CAAE: 25686919.2.0000.5259.

3.3 Análise e discussão dos dados

Em todas essas aulas, identificaram-se episódios de violência que, em sua maioria, foram de forma verbal através de xingamentos, apelidos e deboches entre os/as discentes. O *bullying* foi perceptível durante as aulas de EF no segundo semestre do ano letivo nas duas escolas. Olweus (2012) diz que o *bullying* é um comportamento agressivo que apresenta características específicas que o classifica como: a relação de poder assimétrico, a repetitividade e a intencionalidade. O foco dos estudos de Dan Olweus se mostrara mais expressivo com relação aos fatores psicológicos do fenômeno, neste estudo buscaremos compreender os fatores socioculturais.

3.3.1 O bullying relação de poder assimétrico

A relação de desequilíbrio de poder é o que distingue o *bullying* dos outros comportamentos agressivos que, para Olweus (2012), está marcado pelas

diferenças em que os/as agressores/as buscam identificar nos seus alvos (vítimas). Oliveira e Votre (2006, p. 174), em seu estudo sobre o *bullying* nas aulas de EF, demonstraram que essa relação é “[...] perpetrada pelos mais fortes, mais velhos, detentores de mais poder, de mais controle sobre os demais; sobre os mais frágeis, mais novos, menos poderosos, que são convertidos em objetos de diversão e prazer [...]”. Sendo assim, os mais frágeis são vítimas coagidas e dominadas.

Bourdieu (2001b) diz que a dominação se dá pelas relações de poder da sociedade, em que um grupo exerce dominação sobre o outro. Dessa forma, para ele, a dominação, que tem dimensão simbólica, repassa a ideia de que aqueles que são “os dominados contribuem, com frequência à sua revelia, outras vezes contra sua vontade, para sua própria dominação, aceitando tacitamente, como que por antecipação, os limites impostos” (Bourdieu, 2001b, p.20) Essa assimetria da relação de poder que há no comportamento do *bullying* é justificada, pois se tratam de agressões entre pares, ou seja, entre estudantes que estão em uma mesma posição, sendo que os que dominam são “investidos de poderes de coerção” (Bourdieu, 1996, p. 52) contra as vítimas.

Nas aulas de EF das duas escolas, observamos que as vítimas típicas eram os meninos que foram expostos aos ataques de forma direta, através do *bullying* físico e verbal, como apresentado nos estudos de Olweus (1994, 1997, 2005, 2010, 2012). Essas vítimas eram estudantes com obesidade, usavam óculos, mais novos que os agressores, introvertidos e apresentavam uma fraqueza física, como Olweus (1997) também comprovou em seus estudos.

Muito desses ataques às vítimas ocorriam principalmente durante as aulas em que a prática era de esportes e jogos que faziam com que as vítimas fossem alvos, como nos jogos de queimado⁴¹, que também é conhecido como *dodgeball*. O jogo de *dodgeball* nas aulas de EF, de acordo com Butler, Burns e Robson (2020), faz com que os/as alunos/as desenvolvam mais seus atos agressivos, ao invés de educá-los/las para além desses atos, e ainda faz com que os/as jogadores/as que são mais fortes e mais rápidos aumentem suas habilidades, enquanto os/as outros/as permanecem fracos/as.

Na escola pública, durante o jogo de queimado (que era treino para as Olimpíadas internas), ocorriam muitas agressões verbais entre os/as jogadores/as.

⁴¹ Atualmente no Brasil o queimado ou queimada é reconhecido como modalidade esportiva sob a Lei nº 2810/21.

Nesse jogo, Pedro⁴², que era menos habilidoso e obeso, foi queimado e o aluno Michael gritava: “*Vai, gordo*”. Depois, os ataques a Pedro não paravam, todas as vezes que Pedro pegava a bola no campo dos queimados, um grupo começava a gritar e repetir com Michael: “*Vai, gordo*”. Houve momentos em que jogavam a bola distante e gritavam: “*Corre, seu gordo*”. Até que uma das alunas da turma percebeu que Pedro estava ficando triste com a situação gritou: “*Parem com isso! Isso que vocês estão fazendo com ele é bullying*”. Pedro resolveu sair do jogo e ficou sentado olhando enquanto o grupo continuava jogando.

A habilidade motora é o principal fator de discrepância entre os/as discentes nas aulas de EF, pois eles/elas conseguem distinguir durante as aulas aqueles que não têm habilidade e nem destreza de movimentos para executar determinada prática esportiva de maneira exitosa. Ao considerarmos que essas aulas são um campo de disputa (reportando à teoria de Bourdieu para compreender o *bullying* nas aulas de EF) em que o *habitus* dos/as alunos/as são percepções, pensamentos e ações transmitidas e reproduzidas entre eles/as, sendo aceitos inconscientemente agregando regras e valores naquele campo social, temos o que Bourdieu chamou de *illusio*⁴³ (Bourdieu, 1996), que é a relação que eles/elas têm dentro do campo, como jogos sociais⁴⁴.

A *illusio* faz com que os/as estudantes normalizem as regras e valores do campo, mesmo que essas estejam em disputas subentendidas por eles/elas, como é o caso dos/as habilidosos/as quererem o espaço no jogo, ou seja, as atividades das aulas de EF, somente para eles/as, oprimindo e refutando quem não tem a mesma habilidade motora que as deles/as para obter uma espécie de vantagem. Sendo assim, a *illusio* é uma libido que proporciona “prazer de jogar” dentro do campo em que o *habitus* já está incorporado (Bourdieu, 1996) e, nesse caso, as ações de *bullying* dirigem-se contra os que têm obesidade, são introvertidos, são mais jovens e apresentam menos habilidade motora.

Ao compreender a dinâmica do fenômeno *bullying* nessas aulas de EF, que se deram por conta da diferença de habilidade motora, percebeu-se que a prática

⁴² Os nomes das/os discentes são fictícios.

⁴³ A noção de *illusio* para Bourdieu (1996) está associada ao *habitus* de um campo (espaço social), que um interesses, um investimento e uma *illusio* específica.

⁴⁴ “Os jogos sociais são jogos que se fazem esquecer como jogos e a *illusio* é essa relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do espaço social” (Bourdieu, 1996, p.139).

pedagógica desses dois professores mantinha uma reprodução social por meio das suas atividades, reforçando uma cultura dominante, em que as práticas esportivas estão pautadas nos que são mais habilidosos e os que possuem um padrão corporal esperado para um determinado grupo social.

As atividades de cunho meramente esportivizante que o professor da escola privada elaborara são formas didáticas em que “[...] parte principal das aulas passa a ser ocupada com ensino sistemático das técnicas esportivas[...]” (Bracht, 2020), deixando de garantir aos alunos(as) o conhecimento de outros conteúdos/ temas, que fazem parte da cultura corporal. Já a professora da escola pública buscou no início do ano letivo garantir diferentes práticas da cultura corporal (Ginástica, Jogos e Lutas), mas se rendeu, na maior parte do tempo de suas aulas, ao desenvolvimento do ensino da prática dos esportes.

Lutz (2024) percebeu, através das respostas do questionário eletrônico de 144 dos/as docentes em sua tese acerca do Momento Pactual⁴⁵ da prática pedagógica de professores de EFE do Ensino Fundamental em escolas municipais do Rio de Janeiro, que brincadeiras/jogos e esportes são as práticas que eles/elas mais ensinam/tematizam em suas aulas, e o futebol e o queimado são as atividades mais pedidas pelos estudantes.

Uma das práticas das aulas de EF que a professora optara para o início do ano letivo foi o de jogos cooperativos, que visam romper com a competitividade entre os/as alunos/as. Porém, essa alternativa de atividades não faz com que não haja violência dentro do espaço dessas aulas. O que foi observado é que tinha um grupo que não participava das aulas e ficava de fora da atividade, o que não é a intenção desse tipo de jogos⁴⁶. Aqueles e aquelas que estavam sempre fora das atividades praticavam agressões verbais, que pode ser o *bullying* verbal, e é uma das formas de *bullying* direto que tem a intenção de insultar, ofender, xingar, fazer gozação, zoar, por apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas (Silva, 2015; Olweus, 2005).

Mehl e Malfatti (2016) realizaram um estudo em que aplicaram jogos cooperativos nas aulas de EF com intuito de conscientizar os/as alunos/as, socializando-os/as e minimizando os problemas com relação à prática do *bullying*.

⁴⁵ Refere-se ao tempo e espaço da aula de EF que o/a docente dispõe em acordo com os/as discentes para realizarem as práticas (Lutz, 2024).

⁴⁶ Nos jogos Cooperativos, todos jogam juntos e por período maior, tendo mais tempo para desenvolver suas capacidades, aprendendo ter senso de unidade (Brotto, 2001).

Os autores perceberam que, em uma das turmas, houve problemas, pois havia alunos indisciplinados, agressivos e inquietos, mesmo com a implementação dessas atividades, tanto de forma prática como teórica.

Um outro fator com que os dois docentes tiveram que lidar foi com o tempo livre durante as suas aulas, em que tanto o professor quanto a professora destinavam uma parte da aula para deixar os/as estudantes fazerem as atividades que quisessem. Geralmente, durante o tempo livre nas aulas da professora, os meninos se agrediam menos, porém optavam por jogar futebol; as meninas ficavam sem jogar, apenas algumas pegavam uma bola para brincar, mas ficavam xingando, gritando, fazendo intrigas umas com as outras e até indo à professora para comentar e pedir a ela que tomasse uma posição quanto aos xingamentos.

Nas aulas do professor na escola privada, ele costumava deixar o tempo livre para os/as estudantes em algumas de suas aulas, porém em alguns momentos ele costumava dividir a quadra: de um lado ficavam os meninos jogando futsal, e do outro alguns meninos e meninas jogando queimado ou minivoleibol. Para Lutz, Triani e Telles (2021, p.132), o tempo livre se caracteriza “[...] como uma estratégia de gratificação ou sistema de recompensa que é garantido aos alunos caso aceitem participar da aula proposta pelo professor”. Ainda para esses autores, o investimento no tempo livre nas aulas de EF se dá também pela falta de motivação dos professores, falta de material e o aumento da violência dentro das escolas.

Os conflitos regulares entre pares, *bullying* (Olweus, 2012), que são por vezes despercebidos dentro do espaço escolar, sobretudo nas aulas de EF, partem de pequenas ações de violência por parte de alunos/as que têm alguma forma de popularidade/status no grupo ou até mesmo força física maior do que os demais da sua turma. Portanto, a posição de alguns professores/as em deixar o tempo livre se deva a minimizar as agressões que ocorrem nas aulas de EF.

3.3.2 O bullying uma ação repetitiva

Para Olweus (2012), o critério da repetitividade das agressões por um tempo longo sobre a mesma vítima é o que lhe deu certeza de que o *bullying* é um comportamento negativo. No Brasil, de acordo com a PENSE (Brasil, 2021), os/as estudantes da faixa etária de 13 a 15 anos afirmaram se sentir humilhados duas ou mais vezes por seus colegas nos 30 dias anteriores à pesquisa, sendo as meninas

em maior proporção que os meninos; e em comparação com os/as estudantes das escolas públicas, o percentual é maior do que das escolas privadas.

Nas duas escolas observadas, haviam agressões repetidas sobre as mesmas vítimas ao longo do ano nas aulas de EF, principalmente agressões verbais. As agressões físicas nem sempre aconteciam na aula, pois os/as agressores/as agiam em grupo, durante o recreio ou após o término da aula. Para Silva (2018), as agressões físicas (bater, chutar, espancar, empurrar, ferir dentre outras) são uma das formas de *bullying* que normalmente não são isoladas, pois os agressores costumam agir em bando e utilizar mais de uma forma de agressão para atingir as vítimas, fazendo com que essas se isolem da turma.

O caso de Pedro, uma das vítimas de *bullying* da escola pública, foi bastante representativo, pois, no início do ano letivo, ele havia sido agredido por um dos colegas após a aula de EF, caiu e fraturou o braço. Na semana seguinte ao ocorrido, a professora comentou que todos deveriam ter mais respeito uns com os outros. Nas semanas posteriores, mesmo Pedro licenciado das práticas por estar com braço imobilizado, houve um episódio em que todos estavam jogando queimado, sempre com xingamentos e gritaria, e uma menina que estava participando do jogo xingou Pedro de “escroto”. Yan, que era o aluno mais alto e mais velho da turma, percebeu e disse: “Deixe o moleque quieto, sua desgraça”, e a menina respondeu: “Cala boca, seu molambo”.

E os ataques contra Pedro não pararam, sempre durante o jogo de queimado, uma das atividades em que havia maior participação da turma. Na escola privada, também foram perceptíveis os ataques contra as vítimas de *bullying*, sobretudo na saída da quadra para o recreio, após o primeiro tempo da aula de EF, como foi o caso de Gabriel (o menor da turma e que usava óculos). Ele havia sido pressionado contra o portão no momento de empurra-empurra para saída da quadra e acabou se acidentando. Sozinho, foi buscar ajuda na coordenação da escola. No segundo tempo de aula, o professor não percebeu a sua ausência até que o inspetor chegou à quadra e pediu que ele fosse até a coordenação, pois havia um aluno acidentado.

Em diversas aulas, Gabriel era o último a ser escolhido nos jogos pelos colegas, sempre sofrendo agressões físicas (empurrões, tapas e “pescotapas”⁴⁷) ou verbais durante as atividades práticas de EF. O professor notou essa atitude dos

⁴⁷ Brincadeira de tapa no pescoço

meninos da turma contra ele e, em uma aula em que a turma havia sido suspensa do primeiro tempo de prática, o professor explicou sobre os motivos da suspensão do tempo de aula, dizendo: “Eu sei que vocês gostam de fazer bullying com Gabriel; inclusive na última aula, durante a brincadeira de “Ameba”, um grupo de alunos lhe machucou”. Na brincadeira, dois meninos jogaram a bola com força contra Gabriel, acertando no rosto dele.

Nas aulas de EF em que havia o jogo do queimado ou *dodgeball*, os ataques eram perceptíveis contra as vítimas, sobretudo com os meninos, que foram as vítimas em potencial neste estudo. Sempre iniciavam com as agressões verbais, como xingamentos e apelidos pejorativos. Para Oliveira e Votre (2006, p. 174), a manifestação do *bullying* se inicia com xingamentos, que “[...] têm na linguagem gestual e verbal sua concretização mais comum, pois geralmente começa pela chacota e humilhação verbal, podendo ou não vir acompanhada de ações que discriminam e atemorizam”. Cada vez mais os apelidos eram depreciativos como meio de atingir o outro causando sofrimento, como ‘*molambo*’, que significa “*roupa velha, em mau estado*”, ou seja, em função de o menino ser o mais velho da turma; “*gordo retardado*” para o menino que era obeso e, no momento do jogo, era mais lento que os demais; e o caso de xingar o menino de “*veado*”, para discriminá-lo por apresentar traços que, para eles, eram afeminados.

Butler, Burns e Robson (2020, p. 6) afirmam que “*dodgeball*” ou queimado tem como objetivo aniquilar o/a adversário/a e é um jogo que reforça a opressão e promove o *bullying* através de comportamentos agressivos. Os atos agressivos têm como intenção de que os mais fortes atinjam os mais vulneráveis e marginalizados, como “[...] os não atletas, menos coordenados e identificados por minorias, LGBTQI, culturalmente diferentes, com deficiência física”. Portanto, os agressores são os protagonistas do *bullying*, já as vítimas existentes são de diferentes tipos como: a típica, que tem dificuldade de socialização; a provocadora, que insufla os colegas a terem reações agressivas contra si mesma; e a vítima agressora, que é a que reproduz os maus-tratos sofridos por ela. Também existem os/as espectadores/as que são aqueles estudantes que assistem as ações dos agressores, porém não saem em defesa da vítima e nem se juntam com os agressores (Silva, 2018).

Por vezes as ações (agressões físicas e verbais) repetitivas contra a mesma vítima parece uma espécie de poder simbólico (Bourdieu, 2001b, p. 207-208) dos agressores, pois é um poder que os perpetradores exercem sobre as vítimas que

contribuem para concebê-lo como tal, pois a relação se dá como uma “servidão voluntária”, que tem a cumplicidade dos que estão envolvidos nas ações, em que a resultância do poder está no “corpo dos dominados”, através de “[...] esquemas de percepção e de disposições (para respeitar, admirar e amar etc.) ou seja, de crenças que tornam sensível certas manifestações simbólicas, tais como as manifestações públicas de poder”.

Por conta de, em alguns momentos na aula de EF, haver muita agressividade entre meninos e meninas, a professora da escola pública optou por separar as atividades por sexo, para ensinar o esporte handebol, achando que iria amenizar as agressões. Porém, não adiantou, pois havia meninos que estavam fora do jogo e que agrediam as meninas verbalmente. Portanto, acredita-se que as aulas mistas são importantes, pois são uma oportunidade para se trabalhar a temática de gênero⁴⁸, proporcionando coeducação, que tem como objetivo desconstruir preconceitos e estereótipos de gênero, dando igualdade de oportunidades nas vivências corporais a todos e todas (Ramos *et al.*, 2017).

Pelo fato da repetitividade das ações de violência nas aulas de EF, a participação das meninas nas práticas é bem inferior que a dos meninos, chegando até caso de absenteísmo. Em um estudo de Altmann *et al.* (2018) com 1.742 estudantes de 39 escolas da rede estadual e municipal de São Paulo, sendo distribuídos 883 meninas (50,8%) e 856 meninos (49,2%) de média etária de 13,6 anos, foi constatado que as desigualdades de gênero nas aulas de EF são bem expressivas com relação à prática de atividades físicas e esportivas, sendo as meninas menos participativas e com um menor interesse pela aula de EF. Esse estudo também mostrou que o apoio docente à prática foi equilibrado, porém não garantiu efetiva participação das meninas nas aulas.

A prática pedagógica do professor e da professora observada nesse estudo evidenciou que os dois tentam minimizar as formas de agressões que eram constantes em suas aulas, porém havia entre os/as alunos/as um *habitus*⁴⁹ (Bourdieu; Passeron, 2014) estruturado, que era exercido através de ações violentas contra as vítimas, e que o/a docente por vezes normalizava. Por isso, há

⁴⁸ Gênero é a construção social e histórica a partir das diferenças percebidas entre os sexos, que nos remetem ao biológico (Scott, 1995).

⁴⁹ “[...] a teoria do *habitus* como princípio unificador e gerador de práticas que permite compreender que a durabilidade, a transferibilidade e a exaustividade de um *habitus* estejam fortemente ligados aos fatos” (Bourdieu e Passeron, 2014, p.56).

necessidade de se repensar de que forma a prática pedagógica pode minimizar as agressões e violências na aula de EF, senão as atividades/conteúdos/temas continuarão reproduzindo estereótipos culturais que aumentam as discriminações, preconceitos, violências e, sobretudo, o *bullying* com aqueles/as mais vulneráveis.

Durante um jogo em uma das aulas de EF na rede privada, o aluno Samuel⁵⁰, que também era vítima de *bullying* por seus colegas, foi agredido e começou a chorar; o professor parou a atividade e o abraçou. Naquele momento, houve uma dispersão da turma; um grupo de meninos e meninas correu para os vestiários, sendo que as meninas bateram a porta do vestiário feminino. O professor correu e retirou somente os meninos do vestiário e as meninas permaneceram onde estavam.

De acordo com o estudo de Joing e Vors (2015), os vestiários de EF são os espaços mais propícios para os casos de violência e *bullying*, pois o local não tem vigilância de adultos e é onde ocorrem zombarias, brigas coletivas e até mesmo ocultação de objetos, que afetam o bem-estar e a convivência entre os/as alunos/as.

Nesse estudo, não foi possível verificar o *bullying* entre as meninas, porém observou-se outras formas de violências contra elas e alguns comportamentos em que elas se recolhiam em grupos dentro do vestiário feminino. Portanto, pode ser que ocorresse de fato o *bullying* indireto entre as meninas, pois é uma forma menos visível, que tem como intenção de isolar e excluir a vítima (Olweus, 2005).

3.3.3 A intencionalidade do *bullying*

De acordo com Olweus (2012), essa característica do comportamento *bullying* implica uma intenção ou desejo/objetivo de causar dano, lesão ou desconforto a outra pessoa. O/A agressor/a compreende que seu ato será percebido pela vítima como desagradável e angustiante. A intencionalidade está associada às ações negativas por meio de palavras (verbalmente), por exemplo, ameaçando, provocando e xingando; através de agressões físicas, bater, empurrar, chutar, dentre outros; e outras ações negativas, como fazer caretas ou gestos, e excluir intencionalmente alguém de um grupo (Olweus, 2005).

⁵⁰ No início do ano letivo, a família de Samuel (magro, pardo e usava óculos) foi a escola reclamar que ele estava sofrendo *bullying* pelos colegas da turma. A coordenadora avisou a todos docentes para que tivesse uma maior atenção com ele.

Nas aulas de EF observadas nesse estudo, ocorreram situações de *bullying* cuja predominância dos ataques se deu de forma direta entre meninos, já que os outros episódios de violência, em que apareceram as meninas, não se pode configurar como sendo *bullying*, pois as ações não foram de forma sistemática, por um longo período contra a mesma vítima, porém tiveram uma intencionalidade.

Esses episódios de violência isolados, em que apareceram as vítimas – em sua maioria as do sexo feminino –, é uma das formas de violência que surge no ambiente escolar denominada de violência cultural (Minayo, 2009). São formas naturalizadas na cultura da família, na comunidade e nas instituições da sociedade, sob forma de discriminações e preconceitos que prejudicam, oprimem e excluem os/as que são diferentes, sendo com relação a gênero, faixa etária, sexualidade, raça, dentre outros.

De acordo com Cecchetto, Ribeiro e Oliveira (2023), as violências que ocorrem nas escolas são ocasionadas pelas representações culturais de gênero, sexo e raça (ou cor da pele). Nas aulas de EF, as diferenças de gênero são perceptíveis entre os/as alunos/as, que acabam ocasionando agressões por não saberem lidar com essas diferenças e por reproduzirem as formas esperadas pela sociedade de ser masculino e feminino.

As identidades de gênero são incorporadas a partir da relação entre indivíduos e cultura do grupo social por aceitarem a heteronormatividade. Nessa lógica, mesmo em pleno século XXI, os meninos, sendo os que têm mais força, velocidade e agilidade, principalmente nas atividades físico-esportivas, deixam as meninas se sentirem as menos habilidosas, as mais fracas e sem condições de se expressar e executar os mesmos movimentos que eles em uma atividade, num jogo e num esporte nas aulas de EF (Devide, 2024).

Essa forma de violência foi observada nas duas escolas em que os meninos provocavam e xingavam as meninas durante as práticas de esportes, chamando-as de “burras”, “idiotas”. Na escola privada, era perceptível, pois durante o queimado, os meninos diziam para as meninas: “*Queima logo, sua lerd*”, e quando a menina era queimada, eles entregavam a bola e gritavam: “*Vê se queima, sua idiota!*”. Quando os meninos percebiam que havia mais meninas no campo dos queimados, começavam a gritar: “*Joga logo, suas lerdas*”, “*Suas burras*”. Houve uma aula em que o professor, ao perceber a gritaria, acabou com o jogo e deixou o tempo livre da turma, que optou por jogar futebol, sendo os meninos a maioria dos participantes.

As aulas mistas de EF devem ser uma oportunidade de se problematizar os conflitos que ocorrem entre os/as alunos/as. O professor, ao perceber que há violência de gênero, deve intervir, pois essa forma de violência é uma construção social, que leva à discriminação e ao aumento de agressões entre estudantes. Portanto, as identidades de gênero que são subjetivas e construídas no espaço escolar, sobretudo nas aulas de EF de conteúdo “esportivizante”⁵¹, é predominante ver os meninos agredirem as meninas para que elas não participem dos jogos e dos esportes, para que eles possam ficar somente entre eles, ocupando um espaço maior nessas aulas, sem o/a docente perceber que está reforçando os estereótipos de gênero. De acordo com o estudo de Ramos *et al.* (2017), os/as docentes que priorizam os esportes em suas aulas como sendo conteúdo hegemônico, favorecem historicamente a participação dos meninos e desprivilegiam as meninas das práticas corporais nas aulas.

As agressividades que ocorreram nas aulas de EF por conta da sexualidade de alguns meninos são originadas da homofobia, transfobia e da LGBTfobia, que são a aversão às pessoas cuja orientação é homossexual; transexuais, transgêneros, dentre outras, e que são discriminadas dentro da sociedade brasileira. Durante algumas aulas de EF da escola pública, meninos e meninas ficavam se chamando de “veado”, porém, houve um episódio na aula em que um menino se sentiu incomodado e disse: “Para de chamar de veado”. Então um dos colegas disse: “Você não sabe o que é veado, é um animal”.

Esse tipo de agressão também ocorria ao final da aula, quando, um dia, três meninos gritaram para outro que estava a caminho da sala de aula: “Fulano, você é gay!” e “Ele é gay e até a mãe dele disse que ele era gay”, depois todos foram correndo para sala de aula atrás dele.

O Brasil é um dos países em que mais ocorrem homicídios contra de pessoas LGBTQIAPN+⁵². De acordo com o Atlas da Violência (Cerqueira; Bueno, 2023), o maior número de vítimas se dá na faixa etária entre 10 e 19 anos, sendo homossexuais ou bissexuais. Portanto, as agressões a esses estudantes, mesmo sendo de forma sutil nas aulas de EF, não deve ser ignorada, pois do contrário esses

⁵¹ Historicamente, o esporte é conteúdo hegemônico da EF escolar, sendo esse com “[...] maior espaço/tempo pedagógico” (Bracht, 2019, p.106)

⁵² A sigla significa lésbicas, gays, bissexuais, travestis, trans, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais, e o “+” é sinal utilizado pelos movimentos para visibilizar e incluir outras identidades dissidentes sexuais e de gênero não contempladas pelas letras (Cerqueira; Bueno, 2023, p.60).

adolescentes continuarão sendo vítimas em potencial de violência, principalmente em casos de *bullying*.

A intencionalidade das agressões verbais que ocorrem nas aulas de EF é tão constante que, até mesmo no dia do “Massacre” na escola pública, houve agressões verbais. Nesse dia, a escola estava com clima estranho, havia um grupo de guardas municipais na porta, poucos estudantes presentes. Ao encontrarem a professora, ela informou que os/as alunas espalharam um boato através do Whatsapp e das redes sociais da escola que haveria um “massacre”. Na turma pesquisada, havia poucos presentes, somente a metade, e estavam com medo, ansiosos/as, e questionaram a professora se ela não estava com medo do massacre.

Em seguida, todos/as se encaminharam para fora da escola em direção ao campo⁵³, e lá havia dois guardas municipais presentes. A professora, percebendo o medo de todos/as, resolveu sentar-se com eles no chão e fazer a brincadeira de “Escravo de Jó” e todos/as participaram. Porém, em um momento da brincadeira em que quem perdia deveria sair, uma menina que havia saído xingou baixinho o Michael, que no mesmo momento revidou xingando de “cabelo de bombril”. A professora ouviu e chamou os dois para conversar reservadamente.

As violências que surgiram com relação à raça e etnias nas aulas de EF desse estudo (racismo e xenofobia) são frutos da discriminação social e das relações de poder que se deram através de práticas conscientes e inconscientes (Ribeiro, 2019). A desigualdade entre os/as estudantes era perceptível, sobretudo na escola privada. No momento da aula prática de EF, principalmente durante os jogos, eles/as se agrediam verbalmente por conta dos traços em relação à cor de pele, cabelo e aparência física.

Durante uma aula de EF na escola, um grupo de meninas começou a implicar com uma aluna, mandando-a tirar o bigode e dizendo que ela estava ridícula e, imitando o sotaque português, falaram: “Saia daqui, Maria Bigodão!”. Naquele momento, a menina saiu de perto das colegas e se retirou do jogo sem que o professor tivesse percebido o ocorrido. A agressão verbal se deu como forma de brincadeira, com insultos xenofóbicos associados à aparência física. Para Crochik (2019), os atos racistas e xenofóbicos que surgem na escola e aqui, no caso na aula

⁵³ As aulas práticas de EF da escola pública eram realizadas no espaço fora da escola no campo de futebol.

de EF, podem levar ao *bullying* por se tornarem ações repetitivas, que causam dor e sofrimento para a vítima.

Havia outros momentos da aula de EF na instituição privada em que ocorriam xingamentos, como em um jogo em que duas alunas gritaram: “Pega a cabelo de aço”. Uma das alunas participantes do jogo chamou a atenção do professor para a situação em que a amiga estava sendo xingada, e o professor disse para ela: “Está bom, para de reclamar, procura relaxar e vai se divertir”. Os xingamentos se tornam atos naturalizados, em que o professor, sabendo que a aluna foi apelidada por conta da sua aparência – como o “*cabelo de aço*”, termo pejorativo para identificar o cabelo crespo à semelhança de esponja de aço utilizada para lavar louças –, não vê que é um ato de racismo ou sabe o que é racismo e não se diz racista, ou seja o racismo velado, que seria “o racismo à brasileira” (Silva, 2021, p.37). Por conta das agressões verbais que surgem nas aulas de EF, uma aluna até desistiu de participar da aula e relatou que odeia os apelidos e que os(as) colegas dizem ser só uma brincadeira.

Ah! eu não sei brincar porque vocês são uns branquinhos, mimadinhos e riquinhos. [...] Eu não sou branca, a minha família tem descendência africana, minha mãe é branca e meu pai é preto, minha avó é preta e eu puxei a minha tia, irmã do meu pai, eu sou preta. [...] Tem também muita piada xenofóbica, ficam fazendo piada com indígenas, a M tem olho puxado porque ela tem descendência indígena, aí eles ficam chamando-a de XING XONG e KPOP, só que ela não é coreana e sua descendência é indígena, só que eles associam porque ela tem cabelo liso e mais branca.

Os apelidos xenofóbicos, na verdade, têm uma ligação com a discriminação étnica, com relações históricas com o processo de colonização, e que as piadas são até criativas porque, para Oliveira *et al.* (2023, p.5) “[...] trazem a ideia de que o KPOP, que é um grupo musical de coreanos famosos, porém o termo “XING XONG” é o sarcasmo com relação aos povos asiáticos.”

Cecchetto, Ribeiro e Oliveira (2023, p. 175) dizem que a discriminação racial, tanto para docentes quanto para discentes, “[...] influi negativamente na qualidade de vida, provoca danos psicológicos, altera comportamentos, provoca incapacidades no trabalho ou na escola e é obstáculo nas interações cotidianas”, como foi o caso da aluna que desistiu de participar do jogo com os/as colegas de turma. As consequências do racismo são muito semelhantes com as do *bullying*: o que difere é que o *bullying* é comportamento repetitivo com a intenção de maltratar as vítimas através de agressões físicas, verbais e psicológicas. Já o racismo é uma construção

sócio-histórica e estrutural que, neste caso, resulta em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial ao qual pertençam (Ribeiro, 2019).

Os atos de racismo que se tornam naturalizados na escola são também pelo fato de muitos professores/as não desenvolverem, em suas aulas, atividades que garantem o cumprimento das Leis 10.639/03 e 11.645/08, acerca da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e médio em instituições públicas e privadas. Decerto que o ensino através de atividades da cultura afro-brasileira e indígena não garante que não ocorram as diferentes formas de violência, mas fazem com que os/as alunos/as tenham o conhecimento das diferenças entre os povos e as compreendam a ponto de valorizar as diversidades culturais.

A intencionalidade das práticas violentas nas aulas de EF por conta dos marcadores socioculturais como gênero, sexualidade, raça e outros de forma interseccional⁵⁴ (Collins, 2022) são devidas às desigualdades sociais e das relações de dominação e subordinação por parte dos/as discentes. Se nos reportarmos à teoria de Bourdieu (2001a, p.15), essa dominação e subordinação existem devido a um poder simbólico que legitima e naturaliza as percepções da realidade. “O poder simbólico, poder subordinado é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder”.

O poder simbólico é o mecanismo que mantém a *doxa* (senso comum), naturalizada pelos agentes (professor/a e alunos/as) do campo. A *doxa* são as práticas naturais que estão no campo, que seriam as aulas de EF, um local em que há uma produção simbólica, sendo “microcosmo de uma luta simbólica” (Bourdieu, 2001a, p.12). Ou seja, o macrocosmo seria a escola e o microcosmo a aula de EF, que é um espaço de disputas em que há regras, normas que conservam o campo. Assim sendo, o *habitus* dos/as estudantes é construído nas aulas de EF, que é a forma agressiva como agem por conta da discriminação e o preconceito, e a *doxa* seria o conjunto de crenças e valores das práticas cotidianas produzidas na sociedade.

⁵⁴ A forma interseccional é o meio de se pensar como a “[...] intersecção das relações de poder produz divisões sociais de raça, gênero, classe, sexualidade, capacidade, idade, país de origem e status de cidadania que, isoladas, dificilmente serão compreendidas de forma adequada” (Collins, 2022, p. 84).

O professor e a professora, em suas aulas de EF, buscaram evidenciar as práticas esportivas que, mesmo sendo de forma diversificada e emblemática, não fizeram com que as violências e o *bullying* cessassem, nem tampouco minimizassem. O que se percebeu foi que as formas de *bullying* se sucederam por conta de as vítimas apresentarem: falta de habilidade motora, um padrão corporal fora do considerado adequado socialmente (obesidade, baixa estatura, a raça e/ou cor de pele diferente da branca) e faixa etária (idade inferior), que diferem da maioria da turma.

Na escola pública, as vítimas de *bullying* foram dois alunos que não apresentavam a mesma habilidade motora que os demais da turma e, quando participavam da aula de EF, um era xingado constantemente pelos colegas de “gordo”; e o outro por ser o mais baixo e mais novo da turma era excluído dos jogos por seus colegas sem que a professora percebesse, quando ela percebia ia até o aluno que estava chorando. Na escola privada, o professor percebera que o aluno que sofria *bullying* por seus colegas era também menos habilidoso na EF, além de ser mais baixo e mais novo em comparação com os demais da turma. Portanto, o professor buscava incluir ele nas atividades.

De acordo com os estudos de Olweus (1994, 1997, 2005, 2010, 2012), os meninos vítimas nesse estudo são os estudantes com obesidade, que usam óculos, mais novos que os agressores, introvertidos e que apresentam alguma fraqueza física, porém alguns desses dados ditos por Olweus (1997) são aparentemente empíricos. As únicas características que não foram apresentadas nos estudos de Olweus e que apareceram nesse estudo foram com relação à cor de pele e/ou raça das vítimas e à habilidade motora. A característica da raça nos estudos de Olweus não se mostrou muito expressiva devido ao foco dos seus trabalhos ter sido mais com relação aos fatores psicológicos do que os socioculturais, mas neste estudo eram mais evidentes as questões de raça na escola privada, pois as vítimas eram pardas.

A aula de EF, e a escola como um todo, deve buscar ser inclusiva, mas não somente que inclua pessoas com deficiência, mas que haja a inclusão de todos de fato, independente da classe social, idade, raça e/ou cor, etnia, gênero, sexualidade dentre outros marcadores sociais cujo olhar interseccional ajude a pensar em uma educação crítica, sobretudo uma EF crítica, que vise “equidade e justiça social” (Collins; Bilge, 2018, p.301). A ideia da EF crítica aliada à interseccionalidade visa

construir uma consciência crítica nos(as) estudantes a partir das desigualdades sociais.

A EF crítica deve ser aquela que Freire (2021, p. 183) chamou de uma educação libertadora, que é problematizadora e na qual os oprimidos “lutem para sua emancipação”. Portanto, não se pode deixar que os conteúdos/temas/atividades que são transmitidos para os/as alunos/as durante a EF sejam passados de forma bancária⁵⁵, sendo depositados, mecanicamente, como se os/as educandos/as fossem incapazes⁵⁶, ou seja, inferiores aos seus professores/as, que tendenciam, por meio das práticas corporais, um modelo opressor, elitista, tecnicista que não condiz com a realidade cultural. Buscando compreender essa pedagogia, Bossle, Prodócimo e Maldonado (2023, p. 46), em seus estudos, denominaram de pedagogia crítica libertadora da Educação Física escolar, aquela cuja intenção é de:

[...] conhecer e incluir no contexto das aulas as práticas corporais dos grupos, suas origens, seus costumes, relacionando com outras práticas ampliando a leitura de mundo por meio do conhecimento e problematização de diferentes possibilidades, entendendo que também as práticas corporais são datadas e situadas e entendendo as relações de força existentes na valorização de determinadas práticas em detrimento de outras, [...], a possibilidade de vivências e, quiçá, de experimentação de diferentes práticas, não de forma bancária, mas com o vagar proposto de sentir e perceber os gestos, de criar.

Nesse sentido, faz-se necessário repensar as práticas pedagógicas de EF ou na maneira como essas práticas são transmitidas para os/as alunos/as. Do contrário, possibilita-se um aumento dos casos de violência e *bullying* por conta de um modelo de aula que prega a discriminação, a exclusão das meninas, a masculinização, a homofobia, o racismo, a xenofobia, a gordofobia, o etarismo, dentre outras.

3.4 Considerações finais

Neste estudo, percebemos que as características do comportamento *bullying* que surgiram nas aulas de EF estão de acordo com as classificadas por Olweus, como a relação de poder assimétrico, a repetitividade e a intencionalidade. É

⁵⁵ “Na concepção “bancária” que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição. (Freire, 2021, p.161)

⁵⁶ Autodesvalia (Freire, 2021)

interessante ressaltar que o *bullying*, estavam relacionados às habilidades motoras e à cor/raça das vítimas que foram meninos.

A intencionalidade foi uma característica que nos chamou atenção, devido ao fato de que percebemos que as meninas não foram as vítimas de *bullying* nesse estudo. Porém, havia episódios de violência em que elas estavam envolvidas e que as agressões tinham intenção de maltratá-las e desqualificá-las por conta da sua habilidade motora, gênero, raça e etnia. Portanto, faz-se necessário pensar em uma prática pedagógica mais inclusiva e crítica dentro dessas aulas de EF para que não haja a perpetuação das questões sociais que geram a xenofobia, o racismo, a homofobia, a transfobia, a LGBTfobia, o sexismo e o machismo, que são originados de um sistema de colonial, patriarcal e neoliberal.

A discriminação racial foi uma das características mais marcantes, pois as vítimas de *bullying* de ambas as escolas eram pardas, e as dos episódios de violência pontuais sofreram racismo. Talvez essa seja uma das características culturais pontuadas neste estudo que divergem das pesquisas realizadas por Dan Olweus. Dá-se aí a importância de ter mais estudos em escolas brasileiras com a finalidade de analisar esse recorte, buscando verificar os reais motivos que levam os agressores/as atacarem as vítimas pretas e pardas, sabendo-se que o país é miscigenado.

Por não encontrarmos a configuração do *bullying* entre meninas ou em que elas sejam as vítimas, e sim situações de violência, verificamos que o/a docente decide separar por sexo os/as estudantes nas atividades corporais a fim de diminuir o número de episódios de violência. Com isso, acabam por reforçar as práticas sexistas nas aulas de EF. Desse modo, é importante que os/as docentes interfiram quando meninos discriminam e/ou agredem as meninas, tendo assim um olhar mais assertivo com relação às aulas coeducativas e não somente mistas.

Em relação ao padrão corporal do aluno com obesidade vítima de *bullying* nas aulas de EF, vemos que ele passou sofrimento por conta do preconceito, da intolerância e da indiferença de um padrão corporal que está incutido na sociedade como sendo de um corpo imperfeito para a realização das práticas físicas/esportivas. Talvez seja interessante os/as docentes exporem, em suas aulas, as formas de preconceitos que existem com relação aos corpos e revelarem que o papel das aulas de EF é de desnaturalizar esse tipo de preconceito.

Decerto, as formas de violências reveladas nesse estudo, por conta dos preconceitos, mostraram que é “a ponta do iceberg” em que o *bullying* está presente. Por esta razão, os/as professores/as de EF devem verificar de que forma suas aulas podem melhorar a convivência entre os/as estudantes, já que observamos que os/as discentes reproduzem os estereótipos sociais que discriminam e violentam aqueles e aquelas que não estão dentro dos padrões determinado pelos grupos aos quais pertencem.

É notório que há muitos estudos acerca do *bullying* no ambiente escolar, porém, nas aulas de EF, ainda são poucos realizados no Brasil os que utilizam observações de campo, pois a maioria dos pesquisadores aplica questionários para docentes e discentes. Nesta pesquisa, ao realizarmos as observações e compararmos com as características do comportamento apresentadas por Olweus, verificamos que há presença de *bullying* nas aulas de EF a partir de características culturais como a discriminação racial, o sexismo e a gordofobia, que são transmitidas através das relações sociais.

A habilidade motora é uma das características específicas das aulas de EF que separam as vítimas dos agressores, como mostrado neste e em outros estudos nacionais e internacionais que utilizaram questionários. Portanto, recomendamos que haja mais estudos com observações de campo nos municípios do estado do Rio de Janeiro, por exemplo, e outras regiões (estaduais, nacionais e internacionais), para identificar as semelhanças ou diferenças com relação às formas de prática de *bullying* e/ou violências nas aulas de EF.

3.5 Referências

ABRAMOVAY, M. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: FLACSO, OEI, MEC, 2013.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; GARCIA, E.; RICO, E.; POLYDOR, S. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e44074, 2018. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100702&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 09/10/2020

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Rio de Janeiro, PNUD, IPEA, **Fundação João Pinheiro**, 2022. <http://www.atlasbrasil.org.br>. Acesso em: jan 2022.

BEJEROT, S.; PLENTY, S.; HUMBLE, A.; HUMBLE, M. Poor motor skills: A risk marker for bully victimization. **Aggressive Behavior**: Georgia, v. 39, n. 6, p. 453-461, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/ab.21489>. Acesso em: 24 mar. 2019.

BLAYA, C. **Violência e maus tratos em meio escolar**. Lisboa: Instituto PIAGET, 2006.

BOURDIEU, P. **Sociologia**. Organizado por Renato Ortizo. São Paulo: Ática.1983.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BOURDIEU, P. **Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Tradução: Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b.

BOURDIEU, P. **Dominação Masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2016.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRACHT, V. **Educação Física Escolar no Brasil**: o que vem sendo e o que pode ser (Elementos de uma teoria pedagógica para Educação Física). Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano CLII 213, p. 1, 9 nov. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20152018/2015/Lei/L13185.htm

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico**: Censo Escolar da Educação Básica 2023.

BRITO, S.; *et al.* Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. **Vigilância Sanitária em Debate**, v. 8, n. 2, p. 54-63, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.22239/2317-269x.01531>. Acesso em: 31 maio 2022.

BROTTO, F. **Jogos Cooperativos**: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos: Projeto Cooperação, 2001.

BUTLER, J.; BURNS, D.; ROBSON, C. Dodgeball: Inadvertently teaching oppression in physical and health education. **European Physical Education Review**, 27, p.27- 40, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F1356336X20915936>. Acesso em: 15 dez de 2020

CANDAU, V.M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/curriculo-sem-fronteiras/articulo/diferencias-culturais-cotidiano-escolar-e-praticas-pedagogicas>. Acesso em 30 mar. 2021.

CECCHETTO, F.; RIBEIRO, F.; OLIVEIRA, Q. Gênero, sexualidade e raça: dimensões da violência no contexto escolar. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI J.; NJAINE, K. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, CDEAD/ENSP, 2023.

CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (coord.). **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias [online]**, n. 8, p. 432-443, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200016>.

COLLINS, P. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. São Paulo: Boitempo, 2022. Edição do Kindle

COLLINS, P.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020. Edição do Kindle

CROCHIK J. L. Preconceito e bullying: marcas da regressão psíquica socialmente induzida. **Psicologia USP [online]**. 2019, v. 30 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190006>. Acesso em: 7 abr. 2023.

DEVIDE, F. **Coeducação e Educação Física Escolar: reflexões introdutórias e sistematização de atividades**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. *E-book*.

DAOLIO, J. **Da cultura do Corpo**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2019**. Rio de Janeiro: - IBGE, 2021. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JOIN I.; VORS O. Victimation et climat scolaire au collège: Les vestiaires d'éducation physique et sportive. **Deviance et Societe**, v. 39, n. 1, p. 51-71, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/ds.391.0051>. Acesso em: 24 abr. 2019.

LODEWYK, K. Associations between university students' personality traits and victimization and its negative affect in school physical education. **Journal of Physical Education and Sport**, Romania, v. 18, p. 2, art. 139, p. 937-943, 2018. Disponível em: <https://efsupit.ro/images/stories/iunie2018/Art%20139.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2019.

LUTZ, T. **O “Momento Pactual” nas aulas de educação física em escolas municipais do rio de janeiro: as relações e negociações entre professor e aluno**. 2009. 225 f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

LUTZ, T.; TRIANI, F.; TELLES, S. C. O “tempo livre” nas aulas de educação física: as estratégias de negociação no campo das relações entre professores e alunos. **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n.38, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3164>. Acesso em: 10 mar. 2022

MEHL, M. M.; MALFATTI, C. R. Jogos cooperativos no combate ao *bullying* nas aulas de educação física. **Cadernos PDE**: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE [online]. v. 1, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edfis_unicentro_marciamariasedormehl.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

MINAYO, M. C. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINAYO, M. C. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In: NJAINE, K.; ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. (org.). **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

OLIVEIRA, F.; CASTRO, M.; SANTOS, L.; LUTZ, T.; ESPÍRITO SANTO, G.; TELLES, S. “ah! eu não sei brincar porque vocês são uns branquinhos, mimadinhos e riquinhos”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 13.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIENCIAS DO ESPORTE, 10., 2023, Belo Horizonte. **Anais**. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/evento/conbrace23/anais>

OLIVEIRA, F.; TELLES, S. C.; ESPÍRITO-SANTO, G.; CHRISPINO, R.; CASTRO, M. SOUZA, A. C. Os ‘Tweets’ dos/das jovens sobre o bullying nas aulas de Educação Física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 9., 2021, Belo Horizonte, **Anais**. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/viewFile/14539/7903>.

OLIVEIRA, F.; VOTRE, S. Bullying nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, 2006.

OLWEUS, D. School Bullying: Development and Some Important Challenges. **Annu. Rev. Clin. Psychol.**, v. 9, n. 14, p. 1-14.30, 2012. <http://10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>

OLWEUS, D. Bullying in schools: facts and intervention. **Kriminalistik**. 64, 2010.

OLWEUS, D. **Bullying at school**: what we know and what we can do. New Jersey: Blackwell Publish, 2005.

OLWEUS, D. Bully/victim problems in school: Facts and intervention. **European Journal of psychology of Education**, v. XII, n. 4, p. 495-510, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF03172807>

OLWEUS, D. Annotation. Bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. **J. Child Psychol. Psychiatry**, v. 35, p. 1171-1190, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1994.tb01229.x>

PERNÍA, J.; BORREGO, F.; GAVIRA, J.; REY, R. Bullying and cyberbullying according to moderate vigorous physical activity (MVPA) in Secondary School's Students. **Revista de Psicología del Deporte/Journal of Sport Psychology**, v. 27, sup. 3, p.70-75, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322335924_Bullying_and_cyberbullying_according_to_moderate_vigorous_physical_activity_MVPA_in_Secondary_Schools_Students. Acesso em: 24 mar. 2019.

TOGNETTA, L.; KNOENER, D.; BOMFIM, S.; DE NADAI, S. Bullying e cyberbullying: quando os valores morais nos faltam e a convivência se estremece. **Revista Iberoamericana**, v. 12, n. 3, p. 1880, jul./set. 2017.

RAMOS, M.; DEVIDE, F.; MURAD, M.; OLIVEIRA, G. Discurso de docentes de educação física escolar sobre a relação entre os conteúdos de ensino e as identidades de gênero. In: DEVIDE, F. (org.). **Estudos de Gênero na Educação Física e no Esporte**. Curitiba: Appris, 2017.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, A. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2018.

SILVA, R. C. Formação de professores/as e racismo: discussões a partir da decolonialidade. In: Ribeiro, W.; Silva, R. C.; Destro, D. (org.). **Educação Física e diferença: perspectivas e diálogos**. Curitiba: CRV, 2021. Cap. 5, p.101-124.

4 ENSAIO: ESCRIVIVÊNCIAS DAS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA E *BULLYING* NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas.

Evaristo, 2017, p.10

4.1 Introdução

Iniciarei este ensaio com uma escrita menos acadêmica, partindo da minha ‘escrevivência’⁵⁷ na Educação Física Escolar (EFE). O conceito de escrevivência, de acordo com Conceição Evaristo (2007), é a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças e experiências de vida da autora e de seu povo. Nesse sentido, serão descritos o cotidiano, as lembranças e algumas das minhas experiências das aulas de EFE com meus alunos/as.

Soares e Machado (2017, p. 206) afirmam que a escrevivência como recurso metodológico de escrita “[...] utiliza-se da experiência do autor para viabilizar narrativas [...]”. O método de escrevivência significa narrar histórias e experiências coletivas que partem do/a autor/a, como protagonista ou não, de histórias compartilhadas através das características de cada indivíduo pontuadas por seus marcadores sociais (gênero, idade, religião, raça, etnia entre outras).

A escrevivência de Conceição Evaristo partiu da sua trajetória de vida como mulher negra brasileira, que utiliza suas histórias para ecoar vozes subalternizadas através de personagens que são negros/as e pobres, despercebidos/as pela sociedade por viverem em becos, vielas e favelas, locais sem condições necessárias de vida, com pouca visibilidade por parte dos governantes e da sociedade em geral. Desta forma, sua “[...] escrita não é inocente, tem um propósito político em seu sentido mais amplo” (Evaristo, 2020, p. 41). Portanto, ao assumir esse método para descrever minhas práticas pedagógicas, acredito que há um desafio epistemológico. Como diz Evaristo (2020, p. 37), “[...] a escrita é uma necessidade de apreensão do mundo, mas o mundo que me escape”.

⁵⁷ “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” (Evaristo, 2007, p.21)

Neira (2020), em seu livro acerca das escrituras dos/as professores/as de Educação Física (EF) do estado de São Paulo, apresenta, através dos relatos de experiências de educadores/as, uma perspectiva chamada de EF Cultural ou Currículo Cultural, que são práticas corporais significativas e contextualizadas mediante o reconhecimento dos aspectos sociais e culturais da comunidade em que os/as estudantes estão inseridos. Esses relatos, para Neira (2020, p. 7), são escrituras que trazem o “[...] fazer pedagógico vivido pelos próprios autores e autoras. São histórias de quem propõe, faz junto com os estudantes, reorganiza o seu fazer e aprende cotidianamente”. Nessas escrituras, foram postos os discursos que antes eram ignorados e até mesmo negligenciados por serem de realidades escondidas pelo distanciamento entre teoria e prática.

Como professora de EF engajada e militante por justiça social, desde antes de entrar para o ensino público do município do Rio de Janeiro há 25 anos, vi como é grande o desafio de lidar com as questões de violência nas aulas de EF. Percebi, no primeiro dia de aula na escola pública, quando iniciei com uma atividade de ‘estátua’ – pedi para que todos/as corressem e parassem ao soar do apito e fizessem uma pose –, e muitos/as estudantes fizeram a pose simulando apontar uma arma; alguns meninos tiraram a camisa e fizeram como toucas ninja para que eu não pudesse reconhecê-los. Naquele momento percebi que teria um desafio muito grande ao lidar diariamente com as violências dos/as alunos/as.

Há várias formas de violência no espaço escolar e que perduram com o tempo, como as de gênero, as dos diferentes grupos etários, a discriminação racial, a de classe social (Assis *et al.*, 2023). Contudo, neste ensaio, chamarei atenção para os casos de *bullying* que ocorreram nas aulas de EF que lecionei. Para tal, buscarei apresentar e discutir as minhas ações pedagógicas acerca das situações de violência e *bullying* na EFE. As ações pedagógicas que serão apresentadas surgiram do *habitus* professoral⁵⁸, que são ações que funcionam cotidianamente, porém nem sempre de forma organizadas, mas conscientes.

O texto será dividido didaticamente conforme perpetuaram-se as partes de uma aula de EF. Faria Júnior (1969, p.151) diz que “as didáticas” deliberam um tempo para a motivação (primeira parte da aula), outro tempo para a formação

⁵⁸ Termo utilizado primeiramente por Perrenoud (1993) explicando que “[...] a profissão é composta por rotinas que o docente põe em ação de forma relativamente consciente, mas sem avaliar o seu caráter arbitrário, logo sem as escolher e controlar verdadeiramente”. (p.21)

corporal (parte principal) e outros tantos para a volta à calma (parte final) “[...] caem no total ridículo”. Desse modo, farei uma analogia, pois sabemos que atualmente, com diversas abordagens de ensino da EF, nem sempre nós professores/as seguimos uma “sequência didática”, mas há sim, em determinadas partes da aula aqui por mim apresentadas, uma reflexão/ação entre uma professora e alunos/alunas.

4.2 Parte inicial

De acordo Olweus⁵⁹ (2012, 2010, 2005, 1997,1994) em seus estudos sobre *bullying*, as vítimas são aquelas que sofrem quando os seus colegas dizem coisas maldosas e zombam a seu respeito; chamam de nomes ofensivos; ignoram ou excluem completamente de seu grupo de amigos(as) ou deixam a de fora das atividades de propósito; batem, chutam, empurram longe da vista dos adultos; contam mentiras ou espalham rumores falsos sobre ele ou ela ou enviam mensagens maldosas e tentam fazer com que outros(as) alunos(as) não gostem dele e outras situações prejudiciais. Em seus estudos, os meninos são as vítimas em potencial e pouco se percebe sobre as meninas envolvidas. Porém, aqui, iremos apresentar relatos ocorridos nas aulas de EF em que a vítima foi a menina ‘Alice’⁶⁰, que estava sendo perseguida por seus colegas de classe.

Alice era uma aluna da turma de 7º ano que passava despercebida, pois era calma e quieta; A turma que a Alice estava era muito agitada, falante e com muitos/as alunos/as de diferentes faixas etárias. Nas aulas de EF, Alice participava das atividades, mas quando eram jogos sempre se escondia para ser uma das últimas a ser escolhida tanto pelos colegas, quanto pela professora. Até que um dia eu (professora) durante uma aula de Handebol perguntei quem gostaria de ser o/a goleiro/a e Alice levantou o braço e se candidatou para ser goleira de um dos times. Durante o jogo percebi uma movimentação estranha dos meninos e das meninas da equipe que era adversária da equipe da Alice, que quando estavam de posse da bola, ao invés de jogarem, dando passes uns para os outros, driblando... pegavam a bola e arremessavam na Alice, com intuito de machucá-la, quando eu percebi parei o jogo e perguntei o que estava acontecendo, todos disseram que não sabiam jogar, então mudei as equipes e fiz um jogo mais parado, só que percebi que os/as que estavam de fora começaram a xingar as meninas e especialmente a Alice que estava no gol chamando ela de Vassoura. Naquele momento parei a aula e fomos para sala de aula, comecei a conversar com a turma dizendo a eles/elas o que estavam

⁵⁹ Dan Olweus foi o precursor dos estudos de *bullying* nas escolas da Noruega seu primeiro livro foi em 1978 sobre *bullying* entre meninos. A partir desse estudo, esse autor tem sido referência mundialmente para diferentes estudiosos sobre o tema.

⁶⁰ Os nomes das vítimas de *bullying* dos relatos são fictícios.

fazendo era agressão, e que as aulas de EF eram mistas e inclusivas justamente para não haver diferenças entre os/as estudantes etc. A partir daquela aula sempre procurei observar as atitudes dos discentes daquela turma, que sempre antes de iniciar a aula conversava com a turma explicando como deveriam agir, e caso um dos/as estudantes agredisse alguém durante a aula toda turma iria para sala para refletir sobre as ações ocorridas. As agressões nas aulas de EF foram minimizadas, porém houve um dia que eu estava passando no corredor da escola ouvi uma gritaria saído da sala da turma de Alice e quando abri a porta vi que um menino estava sacudindo-a. Quando retirei ela e chamei o menino e os levei para direção, Alice pediu que eu não fizesse nada, pois já estava acostumada com as 'brincadeiras' e o menino que a agrediu era (o mais velho da turma) disse que todos/as da turma brincavam com ela assim porque ela gostava. Quando conversei com ela separada da direção da escola, ela disse chorando que não aguentava mais e que todos/as da turma caçoavam, apelidavam e ameaçavam caso ela dissesse alguma coisa. Daí eu expliquei que ela estava sendo vítima de bullying e que eu iria conversar com a direção da escola que chamou os responsáveis dela e do menino que a agrediu para conversar. Alice trocou de turma e o agressor além de ter sido suspenso por uma semana, também trocou de turma e turno (Agosto, 2017).

O caso de Alice acontece em muitas escolas, e nem sempre o/a professor/a percebe a situação, pois o *bullying* é um comportamento violento intencional, repetitivo contra um/a estudante ou mais, que não tem como se defender, pois esse/a é exposto a agressões físicas, verbais ou psicológicas, que são feitas, por vezes, em forma de “brincadeiras”, pelos mais fortes ou detentores de poder (Fante, 2005; Oliveira; Votre, 2006; Fante; Prudente, 2015; Silva, 2018). Na aula de EF, as agressões foram de forma física e verbal, em que o apelido teve a intenção de ofender a vítima, que por sua vez já se excluía com medo das ações dos colegas.

Nessa turma, também foi notada a forma como se comportavam os meninos que não estavam jogando xingavam as meninas para deixá-las desestabilizadas, pois muitos acreditam que o espaço do esporte é para meninos e que meninas não devem jogar. De acordo com Devide (2024, p. 22), as meninas ao se envolverem nas atividades tidas como masculinas e os meninos nas atividades femininas “[...] são consideradas/os “desviantes” ou diferentes, tendendo a serem malvistas/os e discriminadas/os pela comunidade escolar e sociedade como um todo”. Sendo assim, o fato de as aulas serem mistas não garante que a aula de EF seja coeducativa, pois apenas colocar meninos e meninas em um mesmo espaço não permite que rompam com os estereótipos dos papéis sexuais, sobre como homem ou mulher devem se comportar socialmente.

O próximo relato será com relação à discriminação de gênero nas aulas de EF, que levou Diego a sofrer violência por parte dos colegas de turma, através de

apelidos. Para Cecchetto, Ribeiro, Oliveira (2023, p. 168), essas “são formas de violência de gênero” que se iniciam sutilmente, levando à exclusão do grupo e da convivência nas atividades.

Diego era aluno da melhor turma de 8º ano da escola, que nas aulas de EF se destacava por gostar muito de esportes e de praticar atividade física. Houve então uma aula que Diego, chegou até a mim e disse que não iria participar, pois estava sendo perseguido pelos colegas de turma, e eu perguntei quem eram os colegas e o que eles estavam fazendo. Diego não quis falar naquele dia e começou a chorar. Foi então que chamei atenção da turma para saber o que estava acontecendo, as meninas foram as primeiras a dizer que os meninos não estavam deixando o ‘Macumba’ entrar no banheiro, e que ele por ser espírita não poderia estar no mesmo lugar que eles. Naquele dia, terminei a aula prática um pouco antes e encaminhei toda turma para sala; chegando lá conversei com todos e expliquei que a escola era laica, desvinculada de qualquer religião e que intolerância religiosa é crime no Brasil. Passou-se um tempo durante as aulas de EF, ninguém mais apelidava Diego de ‘Macumba’, porém em uma aula de Voleibol que o time de Diego estava vencendo, começou uma gritaria com cântico jingle ‘Ado, ado, ado Diego é veado’; Então parei o jogo, coloquei todos/as da turma na quadra sentados e perguntei o que estava acontecendo. Todos/as ficaram em silêncio, então eu disse a eles que a aula havia terminado e que na próxima aula iríamos iniciar em sala de aula; aproveitei que a turma se retirou da quadra e chamei Diego para conversar e ele disse que as vezes alguns meninos continuavam perseguindo e as colegas dele da turma diziam que ele tinha que mudar o jeito dele. Na aula seguinte abordei sobre bullying, questões sobre gênero e inclusão escolar. Passei também um trabalho para cada grupo apresentar falando sobre a inclusão de pessoas em diferentes esportes com relação: ao gênero, a raça, a religião e se essas pessoas já haviam sofrido algum tipo de violência. Na apresentação dos trabalhos debatemos e questionei cada grupo: Como seria e se eles/elas estivessem no lugar dos/as atletas que sofrem com relação ao preconceito ao gênero, raça e religião? A partir das aulas seguintes após as apresentações dos trabalhos, Diego me disse que não era mais alvo de *bullying* e a turma passou a denunciar os/as colegas que estavam discriminando (Maio e Junho, 2018).

Diego inicialmente começou a ser perseguido por seus colegas que o apelidavam por conta da sua religião; depois, os xingamentos eram de forma homofóbica. O *bullying* que ele estava sofrendo era de forma direta e indireta, pois se manifesta através de agressões “[...] cujas ocorrências mais frequentes são comentários (“fofocas”), propagação de rumores, – especialmente de caráter sexista, racista e homofóbico –, exclusão ou organização de exclusão social que interdita a integração do aluno em um grupo de pares” (Ristium; Ferreira, 2023, p.110).

O *bullying* de forma direta são agressões físicas (socar, chutar, bater etc.), verbais (insultar, xingar e apelidar) e materiais (furar, roubar, destruir pertences das vítimas) e é muito comum os meninos serem vítimas dessa forma de *bullying*, conforme os estudos de Olweus (2012, 2010, 2005).

O próximo caso é o de Caíque, que sofria ameaças e ataques aos seus materiais pelos colegas da turma.

Caíque é um aluno tímido, sendo ele um dos mais novos e inteligentes da turma do 7º ano de 2023. Todas as vezes na aula de EF pedia para não participar, em uma das aulas perguntei a ele porque não queria, ele disse que não gostava de EF. Até que em um dia de aula livre, estipulada por mim e pela turma como sendo a última do mês, Caíque não quis jogar nem futsal com os meninos, nem queimado com todos da turma, disse que não estava se sentindo bem. Reparei que ele estava de posse da sua mochila com seu material escolar, questionei por que estava andando com seu material, ele disse que todos os dias os meninos roubam suas canetas e lápis, que também caso ele fosse jogar com os meninos ele deveria dar um lápis ou uma caneta, pois ele mesmo disse que não tinha a mesma habilidade motora como os outros meninos. Observei que ele estava sendo vítima de bullying por um grupo de alunos da turma que o ameaçavam e subornavam para participar das atividades da minha aula, pois todas as vezes que eu insistia para fazer as atividades práticas, um grupo de alunos ria e ele começava a chorar. Foi então que em uma aula na quadra, mostrei um vídeo falando sobre os tipos de bullying e conversei com a turma a respeito. Na aula seguinte, pedi que eles escrevessem sobre bullying que acontecia nas aulas de EF e depois conversamos sobre o que acontecia, principalmente sobre os roubos e furtos que era o que todo/as da turma mais se queixavam. Também em outras aulas conversamos a cerca das vítimas e da punição dos agressores, que a turma pediu para que fosse aplicado o regimento da escola, para isso estudamos os direitos e deveres dos/as discentes matriculados/as na rede pública municipal do Rio de Janeiro (RESOLUÇÃO SME No 1.074, DE 14 DE ABRIL DE 2010). Nas aulas práticas combinamos que todos iriam descer com suas mochilas, que ficariam na quadra e caso alguém fosse mexer na sua teria que me avisar. Como os agressores de Caíque ficaram com medo que aplicasse o regimento, eles pararam de agredi-lo (Junho, 2023).

O *bullying* é uma forma de violência que envolve todos/as estudantes, sejam agressores/as, vítimas ou espectadores/as, que são os que reforçam os atos dos/as agressores/as, deixando as vítimas serem excluídas da interação social. De acordo com Silva (2015), existem três tipos de espectadores/as: os/as passivos/as, que são aqueles/as que não agem por medo de serem as próximas vítimas e sofrem ameaça dos/as agressores/as; os/as espectadores/as ativos, que são aqueles/as que não participam dos ataques contra as vítimas, mas apoiam os/as agressores/as; e os/as espectadores/as neutros/as, que são aqueles que se omitem aos ataques de *bullying*.

A incidência de casos de bullying nas aulas de EF faz com que haja o aumento da violência, que acaba por prejudicar a convivência nessas aulas. No estudo de Correa *et al.* (2018), em que foram observadas aulas de EF em escolas municipais do Rio de Janeiro de turmas de 6º e 7º anos, os autores perceberam que em todas as escolas pesquisadas que há uma banalização da violência nas aulas de EF, pois

esse estudo demonstrou que as agressões físicas, verbais (xingamentos) e até mesmo as com relação à sexualidade de um aluno vítima de *bullying* são naturalizados. Portanto, o furto, roubo e a barganha de materiais e objetos das vítimas, como foi o caso de Caíque, não pode passar despercebido, pois são formas de violência que, por serem repetitivas e por um longo período, intencional, de um grupo contra ele, caracterizam-se como *bullying*.

Um outro dado nesse relato de Caíque que o caracterizou como vítima de *bullying* é que ele foi agredido pelos mais fortes e detentores de poder no espaço das aulas de EF por serem mais habilidosos. Mesmo ele sendo inteligente, ele era fraco em comparação aos outros. O estudo de Crochik (2016) com 274 alunos/as do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas de São Paulo mostrou que os/as alunos/as mais populares, com menor rendimento escolar, mas sendo melhores na EF, são os/as autores de agressões, e os impopulares e com piores desempenhos na EF são os alvos de *bullying*.

O próximo relato é acerca do *bullying* virtual (*cyberbullying*), que é uma das formas de *bullying* que surge devido aos avanços da tecnologia. A sua propagação se dá por meio de calúnias, difamação e fofocas, o que é avassalador, pois utiliza aparelhos de comunicação (*smartphones* e computadores) com acesso à internet para espalhar conteúdo para um maior número de pessoas, inclusive fora da própria escola, através das redes sociais (Instagram, Facebook etc.) e aplicativos de mensagens e grupos como WhatsApp (Olweus, 2012; Silva, 2018).

Em uma aula de EF da turma de 9º ano percebi, que todos estavam rindo com o smartfone na mão; pedi para que todos guardassem que eu iria iniciar a aula na sala e logo após iríamos para quadra. Iniciei a aula e os cochichos e risos continuaram, daí perguntei o que era, e disse que caso ninguém falasse nós não iríamos para quadra, até que eu soubesse o motivo. Todos permaneceram calados e Mariana começou a chorar, então retirei-a da sala e perguntei o que estava acontecendo, ela disse que Lucas estava fazendo piadas dela no grupo de WhatsApp da turma e que inclusive tirou foto dela na última aula de EF, que foi atividade de Ginástica e postou no grupo dizendo que ela parecia uma gazela, por ela ser muito magra. Naquele momento uma amiga de Mariana saiu da sala e me mostrou as fotos do grupo que ela havia guardado e tudo que ele estava fazendo com Mariana, que já tinha saído do grupo WhatsApp da turma. Mariana disse que não tinha nem vontade mais de ir à escola, pois estava com vergonha. No mesmo dia conversei com Lucas, expliquei o que ele estava fazendo era cyberbullying e passei o caso para direção da escola. Na aula seguinte da turma iniciei falando sobre crimes da internet e cyberbullying, a turma ficou bastante impactada por saber que a vítima pode recorrer a justiça e ser indenizada pelo agressor. Nessa mesma aula falei sobre uso do smartfone nas aulas de EF e se caso a minha imagem estivesse sendo veiculada sem

a minha autorização eu poderia entrar na justiça e pedir uma indenização. Na aula seguinte perguntei para turma sobre Lucas, todos/as disseram que a direção havia trocado ele de turma e então a turma também disse que ninguém mais estava fazendo nenhum tipo de brincadeira no grupo de WhatsApp e que ali só estavam postando a respeito da formatura (Abril, 2019).

Mariana estava sendo vítima de *cyberbullying* por um colega de classe, que fazia uso de sua imagem, acreditando que ficaria impune por pensar que suas mensagens depreciativas e brincadeiras no grupo de Whatsapp não teriam consequências na escola. Para Fante e Prudente (2015, p. 85), as ações de *bullying* no ambiente virtual são premeditadas, com a intenção de diminuir “[...] especialmente aqueles que são considerados ‘diferentes’, seja no aspecto físico ou psicológico, maneira de ser, de vestir, de falar, orientação sexual, condição sexual, raça, desempenho escolar”.

É evidente que a exposição corporal nas aulas de EF são visíveis, mas isso não dá direito aos estudantes de agirem de forma preconceituosa com a colega, já que para o agressor e para os demais estudantes Mariana não apresentava o padrão estético que era “esperado”. Crochik e Crochik (2017) dizem que tanto o *bullying* quanto o preconceito podem estar associados a mesma vítima por um longo período, mas o que difere é que o preconceito necessita de uma justificativa para discriminação. No caso de Mariana, foi devido o seu tipo corporal.

Esse caso ocorreu dois anos antes de ser instituído o Decreto nº 53918, de 1º de fevereiro de 2024, da Prefeitura do Rio de Janeiro, que em seu artigo 1º proíbe a “utilização de celulares e outros dispositivos eletrônicos pelos alunos/as nas unidades escolares da rede pública municipal de ensino”. Sendo assim, atualmente é restrito o uso dos *smartphones* nas escolas, sobretudo nas aulas de EF, o que auxilia na diminuição dos casos de *cyberbullying* dentro do espaço escolar.

4.3 Parte principal

Para discutirmos acerca das ações pedagógicas, faremos uma sutil análise de cada relato apresentado. No relato da Alice, a primeira atitude foi modificar a forma de como estava sendo passada a prática do jogo de handebol, já que os/as alunos/as se queixaram de não saberem jogar. Contudo, foi explicado cada movimento do jogo: quando o/a aluno/a corria com segurando bola, o jogo era parado

para dizer que só poderiam dar três passos com a bola na mão (mesmo que nas aulas anteriores as regras já tivessem sido introduzidas em pré-jogos⁶¹ de handebol). Porém, nada adiantou: isso não evitou ou reduziu o número de boladas⁶² contra Alice, que estava no gol, e nem a agressão verbal contra as meninas que estavam jogando. Foi necessário parar a aula e ir para sala de aula, para explicar por que a aula de EF era coeducativa, inclusiva e que todos/as têm o direito de participar.

Ao explicar a importância da tolerância de gênero, que é a aceitação e o respeito por todas as identidades e expressões de gênero, o objetivo é fazer com que haja o reconhecimento e a valorização da diversidade. Devede (2024) sugere que o/a professor/a desenvolva atividades coeducativas para justamente problematizar as questões de gênero que emergem nas aulas pois, ao trazer para o ambiente das aulas de EF uma discussão acerca dos papéis sexuais, fará com que os meninos e meninas não se discriminem entre si, diminuindo a relação da violência de gênero e do *bullying* no espaço escolar, sobretudo nas aulas de EF. Portanto cabe ao professor/a em seu *habitus* professoral deixar por alguns momentos de ensinar o seu conteúdo/tema específico da sua disciplina e introduzir os temas que emergem em suas aulas.

Souza Neto, Benites e Silva (2010), em seu estudo sobre os elementos que constituem o *habitus* profissional do professor de EF para a construção da identidade docente, constatou que esse *habitus* é composto por práticas, rotinas, ações didáticas, *hexis* corporal e postura. Ou seja, as rotinas e as práticas são aquelas que o/a docente constrói ao longo do tempo; as ações didáticas seriam o domínio dos conteúdos e modo de ensinar; a *hexis* corporal seria a “fala corporal”, que tem a ver com os movimentos que desempenha para ensinar e a postura e “[...] diz respeito aos valores que regem suas ações sociais e relacionais” (Souza Neto; Benites; Silva, 2010, p.1041-1042).

A noção de *habitus*, de acordo com Bourdieu e Passeron (2014), está intimamente ligada às práticas sociais que são produzidas a partir de um “arbitrário cultural”, que são as normas, valores e significados de um grupo ou classe. Portanto, para esses autores, “[...] a teoria do *habitus* como princípio unificador e gerador das

⁶¹ Pré-jogos ou Jogos pré-desportivos seriam adaptações de esportes tradicionais, muito utilizado de forma recreativa.

⁶² Seria o ato de jogar a bola com força contra o adversário agredindo-o fisicamente.

práticas permite compreender que a durabilidade, transferibilidade e a exaustividade de um *habitus* estejam fortemente ligados aos fatos” (Bourdieu; Passeron, 2014, p.56). Desse modo, a prática docente é uma formadora de *habitus* que permite aos discentes produzir ou reproduzir novos *habitus*.

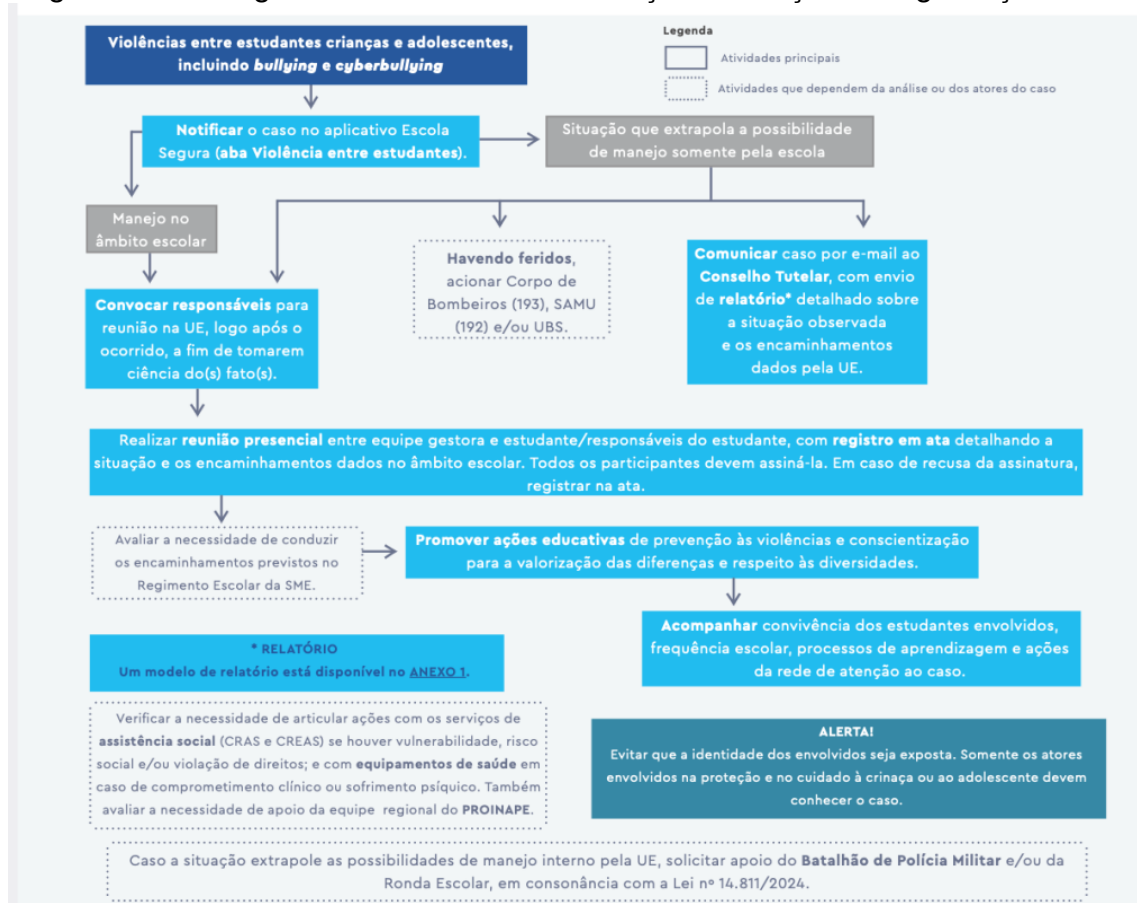
A prática pedagógica alicerçada no fazer pedagógico apresentado nesses relatos de *bullying* nas aulas de EF permite perceber que o *habitus* professoral articula com a “consciência e inconsciência, razão e outras motivações, decisões e rotinas, improvisação e regularidades” (Perrenoud, 1993, p. 24). Sendo assim, as ações pedagógicas tomadas pela experiência da docente sobre como agir com relação às questões de *bullying* em suas aulas advêm do seu *habitus* professoral.

O relato do aluno Diego, do 8º ano, que foi vítima de *bullying*, sendo perseguido primeiramente por conta da sua religião de matriz africana, que para muitos não é adequada devido a uma educação colonial, que não dá importância essa religião dentro do contexto social, fazendo com Diego seja excluído do grupo. Depois com relação a sua orientação sexual, que fez com que houvesse um trabalho com envolvimento de toda a turma. Para isso foi realizada pesquisa, apresentação e debate em grupo sobre atletas de diferentes esportes que já haviam sofrido algum tipo de perseguição, discriminação e ou preconceito por conta da sua religião, raça ou identidade de gênero. Com relação ao *bullying*, a turma estava ciente do que se tratava e sabia quem eram os agressores/as e vítimas, naquele momento.

Ristum e Ferreira (2023, p. 141) afirmam que é necessário que haja nas escolas intervenções “[...] mais eficazes quando realizadas de forma coordenada e global, ou quando se volta à sensibilização para evitar que o *bullying* ocorra”. Essas intervenções devem se envolver com todas as atividades escolares para que produzam resultados voltados para uma reforma de política institucional ou programa. No ano de 2024, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) lançou o Protocolo de Prevenção, Proteção e Segurança Escolar (PPPSE - SME, 2024), que serve como um guia prático para diretores e professores, com orientações específicas para lidar com diferentes tipos de violência, sobretudo o *bullying*.

Esse protocolo reforça a necessidade de as escolas elaborarem ações e projetos pedagógicos como constam nas Leis nº 13.185/2015⁶³ e a Lei nº 14.811/2024⁶⁴. Também há um fluxograma (Figura 1) com os procedimentos indicados para casos de *bullying* e *cyberbullying* em crianças e adolescentes nas escolas municipais.

Figura 3 – Fluxograma Protocolo de Prevenção, Proteção e Segurança Escolar



Fonte: Protocolo de Prevenção, Proteção e Segurança Escolar – p.42 (SME, 2024)

O PPPSE (SME, 2024) da prefeitura foi lançado um ano depois do ocorrido com Caíque⁶⁵ na escola. Se houvesse esse documento antes, seria passado aos/às discentes, que se interessariam por saber o que aconteceria caso as agressões de *bullying* continuassem nas aulas de EF. Atualmente, também há a Lei 14.811/2024,

⁶³ Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024. Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares, prevê a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente

⁶⁴ Lei de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares (Brasil, 2024)

⁶⁵ Já citado nesta tese página 115

que esclarece em seu artigo 146-A: penalizar a intimidação sistemática, ou seja, o bullying, através de multa se a conduta não constituir crime mais grave.

Fazer com que os/as alunos/as aprendam sobre a criminalização nas aulas de EF pode resultar benefícios pedagógicos no cotidiano das práticas corporais na escola, pois a EF lida diretamente com “[...] múltiplos corpos, perfis estéticos e comportamentos” (Oliveira *et al.*, 2024). Portanto, trabalhar a prevenção ao crime de *bullying* nas aulas de EF é minimizar também que as vítimas sejam prejudicadas no espaço da aula (quadra e vestiários), como foi o caso do Caíque, que ficava sem seus pertences por ser furtado por seus colegas ou tinha que entregar seus materiais para poder jogar.

A Lei 13.185, de 2015, prevê, em seu artigo 5º, que a escola deve “[...] assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*)”. Sendo assim, faz-se necessário que toda escola desenvolva projetos, programas e campanhas de conscientização de combate ao *bullying*, não só docentes em casos isolados, pois, dessa forma, haverá mudanças mais efetivas no combate a esse tipo de violência. Uma vez que haja a mudança na rotina da escola, com ensinamentos e campanhas de prevenção ao bullying, haverá uma maior conscientização dos/as discentes.

Os/as alunos/as e toda a comunidade escolar, ao desenvolverem essas mudanças internas através de projetos e campanhas sobre *bullying*, formarão um novo *habitus*⁶⁶ dentro desse espaço, como foi o caso das turmas de Alice, Diego, Caíque e de Mariana que, a partir da aprendizagem, mudaram o comportamento com relação aos colegas que estavam sofrendo o *bullying*.

Olweus (2012) observou, em seus estudos feitos através do ‘*Olweus Bullying Questionnaire*’ (OBQ), que as meninas vítimas de *bullying* são mais intimidadas por meninos. Porém, na visão desse autor, nem sempre os rapazes são identificados como agressores, como foi o caso de Mariana, que estava sendo vítima de *cyberbullying* por um colega de turma. O *cyberbullying* é a sobreposição do *bullying* tradicional (Olweus, 2012), pois a vítima (Mariana) sofreu quando o colega disse

⁶⁶ Wacquant (2007, p. 66) diz que a noção de *habitus* introduzida por Pierre Bourdieu rompe com a ideia de um equilíbrio do senso comum entre o indivíduo e a sociedade, ou seja, “[...] o modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados”.

coisas maldosas e ofensivas a seu respeito, espalhou mentiras sobre ela, além de veicular fotos dela tiradas na aula de EF sem autorização.

Na aula sobre *cyberbullying* e crimes de internet, ainda não havia a Lei nº 14.811/2024, que penaliza a intimidação sistemática virtual (*cyberbullying*), que, em seu parágrafo único, diz que a conduta realizada por meio de aplicativos (como foi nesse caso, através do WhatsApp) a pena é de “reclusão de 2 (dois) anos a 4 (quatro) anos, e multa, se a conduta não constituir crime mais grave.” Na época do caso de Mariana, a situação foi passada para a direção da escola, que tomou as devidas medidas conforme a Resolução SME Nº 1.074, de 14 de abril de 2010: suspendeu o aluno, chamou os responsáveis – tanto da vítima e do agressor – para conversar e trocou o aluno de turma.

O *cyberbullying* é fruto da má utilização do ciberespaço que, de acordo com Charlot (2020, p.121), é um “[...] lugar de expressão, de circulação e de encontro de desejos. Antes de tudo, a vontade de comunicar, de dizer e se mostrar, de receber mensagens, de ser informado”. Esse espaço é aberto para a circulação do desejo sem normas, ou seja, sem censura, que abrange novas práticas, atitudes e pensamentos que representam assim uma cibercultura ou “uma mutação fundamental da própria essência da cultura” (Charlot, 2020, p. 123). Dá-se aí a importância de se ensinar sobre *cyberbullying* e os crimes de internet nas escolas, sobretudo nas aulas de EF, principalmente falar do uso consciente dos *smartphones*, pois do contrário não se poderá mais frear a cibercultura já posta na sociedade, que é a cultura das tecnologias digitais.

4.4 Parte final

Através desse ensaio, foi possível observar que as práticas de *bullying* nas aulas de EF na escola do Rio de Janeiro não diferem das apresentadas nos estudos de Dan Olweus, entretanto devido ao fato desses/as estudantes carregarem características culturais do ambiente social em que eles vivem, como comunidades de baixo poder aquisitivo socioeconômico, famílias somente com uma figura parental, ou convivência com parentais que se agriem (violência doméstica), sobretudo discriminam e agriem a figura feminina. Neste estudo, aparecem dois relatos em que as vítimas são meninas que sofrem *bullying* de forma indireta através

de agressões veladas e até mesmo através do *cyberbullying*, como foi o caso de Mariana.

A partir do estudo de Oliveira *et al* (2024) foi possível verificar que as características do *bullying* escolar (físico-corporais, comportamentais, de gênero, étnico-raciais e socioculturais) também é praticada em diferentes contextos sociais (diversos países), entretanto as características das pessoas que praticam e são afetadas pelo bullying se diferenciam. Portanto, é relevante que se façam estudos para levantar as possíveis formas de *bullying* em que as meninas estejam envolvidas para que possam ser elencadas atividades práticas, principalmente de EF, em que haja maior participação delas, de forma respeitosa pelos meninos. Para isso, é necessário que o/a docente, em suas aulas mistas, fale sobre a importância da coeducação, abolindo qualquer forma de violência e *bullying* contra as meninas ou alunos/as que apresentem identidade de gênero que difiram da maioria da sua turma.

O *habitus* professoral fez diferença no cotidiano das aulas de EF apresentadas neste ensaio. Ser professora-pesquisadora distingue na prática pedagógica cotidiana, pois o papel do/a educador/a é buscar formações continuamente por meio de palestras, cursos atualizações, especializações, pós-graduações (Lato sensu, Stricto Sensu), principalmente acerca de temas/conteúdos que emergem em suas aulas, como violência e *bullying*.

Nas aulas de EF, não cabe mais somente priorizar ensino de fundamentos, técnicas de esportes e eventualmente de ginásticas, danças, lutas e outras práticas corporais, nem tão pouco determinar os/as que têm habilidade motora para determinada prática corporal. Hoje é possível desenvolver temas que emergem nas aulas como foi o caso do *bullying*, orientando e trazendo a contribuição da participação dos/as alunos/as no desenvolvimento dessa temática nas aulas. Do contrário, sempre haverá o abandono e a exclusão dos/as alunos/as nas aulas de EF.

As novas legislações sobre violência escolar e *bullying* são de extrema necessidade de conhecimento dos/as educadores/as de uma forma geral (docentes, gestores, coordenadores e profissionais da escola) para saberem lidar ao verem algum/a discente sendo agredido/a no ambiente escolar, podendo ajudá-lo/la e/ou intervindo em socorro às vítimas. Se for o caso, punir agressores e convocar responsáveis para estarem cientes da situação e até mesmo criar projetos e

campanhas em que haja a participação de toda a comunidade escolar para minimizar a violência e melhorar a convivência no ambiente escolar.

No relatório de ‘Jacques Delors’, como ficou conhecido o relatório da Comissão Internacional Sobre Educação Para o Século XXI, pela UNESCO, foi tratado como a educação do futuro deve se organizar a partir dos quatro pilares do conhecimento que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Esses pilares não são indissociáveis, porém os “aprender a viver juntos” e “aprender a ser” trazem a importância de se desenvolver nas escolas programas e projetos de cooperação. O “aprender a viver juntos” tem como intenção de evitar ambientes conflituosos, por conta dos preconceitos, das discriminações e violências de gênero, raça, etnia, religião, que são latentes e estão na sociedade, portanto, criar um ambiente mais igualitário. O “aprender a ser” dá condições ao discente para que tenha a capacidade de discernimento e autonomia dentro de uma coletividade a fim de saber se manifestar em casos de ameaça a sua integridade e a dos/as outras/as pessoas.

Portanto, é imprescindível que se construam, nas aulas de EF, ações e ou projetos pedagógicos a partir de atividades corporais e até de pesquisas dentro das especificidades da disciplina como nos esportes, dança, ginástica, jogos/brincadeiras, lutas e outros, voltados para o respeito à diversidade, aos ideais de justiça e igualdade social, para modificar a cultura existente de violência e *bullying* contra os mais vulneráveis.

4.5 Referências

ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI J.; NJAINE, K. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, CDEAD/ENSP, 2023.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 7. ed. Petropolis: Vozes. 2014a.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano CLII 213, p. 1, 9 nov. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20152018/2015/Lei/L13185.htm. Acesso em: 20 nov. 2018

BRASIL. Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024. Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou

similares, prevê a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial da União**: Seção , 1 Brasília, DF, p. 1, 15 jan. 2024. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=14811&ano=2024&ato=3aaUzaU90MZpWTa52>. Acesso em: 15 jan. 2024

CECCHETTO, F.; RIBEIRO, F.; OLIVEIRA, Q. Gênero, sexualidade e raça: dimensões da violência no contexto escolar. *In*: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI J.; NJAINE, K. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, CDEAD/ENSP, 2023.

CHARLOT, Bernard. **Educação ou barbárie?: uma escolha para a sociedade contemporânea**. Ed. Cortez: São Paulo, 2020. *E-book*. Edição do Kindle.

CHOCRICK, J.; CHOCRICK, N. **Bullying, preconceito e desempenho escolar: uma nova perspectiva**. São Paulo: Benjamin Editorial, 2017.

DEVIDE, F. **Coeducação e Educação Física Escolar: reflexões introdutórias e sistematização de atividades**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. *E-book*.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2012.

EVARISTO, C. A Escrivivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, C.; NUNES, I. (org.) **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, C. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, Marcos A. (org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

FANTE, C. **Fenômeno bullying como prevenir a violência nas escolas e educar para paz**. Campinas: Versus, 2005.

FANTE, C.; PRUDENTE, N. **Bullying em debate**. São Paulo: Paulinas, 2015.

FARIA JÚNIOR, A. **Introdução à didática da Educação Física**. Rio de Janeiro: DEF, 1969.

NEIRA, M. **Escrevivências da educação física cultural**. São Paulo: FEUSP, 2020.

OLIVEIRA, F.; MATTOS, R.; ESPÍRITO-SANTO, G.; TELLES, S. C. A criminalização do *bullying* e do *cyberbullying*.... e as aulas de educação física? *In*: Congresso Sudeste de Ciências do Esporte, 8.; Simpósio de Educação Física e Dança da UFRJ, 13., Rio de Janeiro, 2024. **Anais**. Rio de Janeiro: EEFD/UFRJ, 2024.

OLIVEIRA, F.; ESPÍRITO-SANTO, G. ; TELLES, S. . Características do bullying escolar: Scoping review. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [S. l.], v. 21, p. 11255, 2024. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11255>. Acesso em: 24 set. 2024.

OLIVEIRA, F.; VOTRE, S. Bullying nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, 2006.

OLWEUS, D. School Bullying: Development and Some Important Challenges. **Annu. Rev. Clin. Psychol.**, v. 9, p. 14.1-14.30, 2013. Disponível em: <http://10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>

OLWEUS, D. Bullying in schools: facts and intervention. **Kriminalistik**, v. 64, 2010.

OLWEUS, D. **Bullying at school – what we know and what we can do**. New Jersey: Blackwell Publish, 2005.

OLWEUS, D. Bully/victim problems in school: Facts and intervention. **European Journal of psychology of Education**, v. XII, n. 4, p. 495-510, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF03172807>

OLWEUS, D. Annotation. Bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. **J. Child Psychol. Psychiatry**, v. 35, p. 117-1190, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1994.tb01229.x>

OLWEUS, D. **Aggression in the school: bullies and whipping boys**. Washington: Hemisphere Publishing Corporation, 1978.

PERRENOUD. P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

RISTUM, M.; FERREIRA, T. Bullying escolar e cyberbullying. in ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI J.; NJAINE, K. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, CDEAD/ENSP, 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Protocolo de Prevenção, Proteção e Segurança Escola**. Prefeitura municipal do Rio de Janeiro, mar. 2024. Disponível em: <https://multirio.rio.rj.gov.br/materialrioeduca/pdf/viewer.php> Acesso em: 20 maio 2024.

SILVA, A. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2018.

SOARES, L.; MACHADO, P. Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

SOUZA NETO, S.; BENITES, L.; SILVA, M. F. Da escola de ofício a profissão educação física: a constituição do habitus profissional de professor. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n.4, p.1033-1044, out./dez. 2010

WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem**, ano 10, n. 1, p. 63-71, jul./dez., 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (da tese)

[...] Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um que fazer permanente. Permanentemente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade.

Freire, 2021, p.179-180

As considerações finais desta tese se baseiam não só em simplificar as conclusões de cada estudo, mas também apresentar recomendações para estudos futuros, pois é preciso nos atentarmos à teoria de Bourdieu (2004) que diz que o campo científico (mesmo sendo autônomo) é um espaço dotado de influências de outros campos, o que faz com que a sua autonomia seja parcial e reforçam que esses estudos culminam nas formações socioculturais que designam a forma como as ações do *bullying* afetam o ambiente escolar e, sobretudo, as aulas de EF.

O desenho da tese apresentada configurou-se em três estudos e um ensaio, e cada estudo teve seu próprio objetivo geral, seu método de pesquisa, resultados, discussões e conclusões. A junção desses estudos permitiu responder o objetivo geral, que foi o de compreender as características do *bullying* escolar nas aulas de EF e compará-las às características clássicas propostas por Olweus.

Nos estudos de Olweus (1978, 1980, 1997, 2005, 2010, 2012) as principais características do *bullying* são a relação de poder assimétrico, a repetitividade e a intencionalidade, classificando assim o *bullying* como um comportamento violento entre escolares. Por conta dessa classificação, buscamos, no Estudo 1, realizar um levantamento das principais características do comportamento *bullying* escolar em estudos do Brasil e do exterior através do *Scoping Review*. Nesse estudo de revisão, foram analisados, nos critérios estipulados, 23 artigos publicados no período de 2002 a 2023 de diferentes países de quatro continentes: América, Ásia, Europa e Oceania. Não achamos nenhum estudo no continente africano, porém muitos dos estudos utilizaram questionário como instrumento de investigação, sendo alguns deles o *The Revised Olweus Bully/Victim Questionnaire* (Olweus, 1996).

Os resultados do Estudo 1 mostraram que as principais características do *bullying* estão associadas aos preconceitos: de classe social, de gênero, de raça, em

relação à constituição física/corporal e de comportamento. Percebemos que, nos estudos do continente americano (Brasil, Canadá e EUA), as características com relação à raça/etnia eram mais expressivas do que nos outros continentes, visto que foram países colonizados com histórico de segregação racial muito marcante.

Ainda no Estudo 1, as características com relação às classes sociais são por conta da permanência das desigualdades sociais na escola. Bourdieu e Passeron (2014a, 2014b) dizem que há uma espécie de reprodução no campo escolar, em que os agentes do campo (estudantes) de uma classe social dominam os outros agentes por meio de uma violência simbólica.

Buscamos também analisar as características com relação à raça, classe social e gênero no Estudo 1 a partir da teoria da interseccionalidade (Collins, 2023; Collins; Bilge, 2020), pois entendemos que há uma intersecção entre essas características, que faz com que haja a permanência da opressão, das desigualdades e da discriminação no ambiente da escola. Dessa feita, a contribuição da interseccionalidade foi primordial para se repensar a prática pedagógica nas escolas, que deve ser crítica a fim combater o racismo, sexismo, classismo, etarismo, dentre outras formas de intolerâncias que causam violência e, sobretudo, o *bullying*.

No Estudo 2, a partir do discurso dos professores/as de EF, pesquisadores da temática *bullying*, identificamos as principais características do *bullying* nas escolas e nas aulas EF. Com relação às características nas escolas, os/as docentes identificaram as diferenças socioeconômicas, a popularidade dos/as estudantes, as questões de imagem corporal, gênero e o racismo, como desencadeadores de *bullying*. Nas aulas de EF, nos pontuaram que são as mesmas que estão na escola, porém as mais presentes são com relação à habilidade motora e à imagem corporal.

Para nosso entendimento, compreendemos, através dos discursos dos/as professores/as, que há uma espécie de *habitus* (Bourdieu, 1996) dos/as alunos/as nas aulas de EF, que se manifesta por meio de práticas agressivas, fazendo com que a violência e o *bullying* sejam *habitus* do grupo deles/as.

A habilidade motora e a imagem corporal são temas bastante peculiares que devem ser trabalhados nas aulas de EF, pois, na nossa percepção, através do discurso dos experts, os/as alunos(as) veem a aula de EF como um espaço em que somente os mais habilidosos e os que têm o corpo perfeito, padronizado pela maioria do grupo, podem praticar as atividades. Diante dessa constatação, vimos como é importante pensar em práticas de EF mais inclusivas, buscando o princípio da

alteridade (Daólio, 2013) minimizando as diferenças que causam o preconceito, violência e o *bullying* entre os/as discentes durante essas aulas.

No Estudo 3 procuramos, através da pesquisa de campo realizada em duas escolas: uma privada e outra pública no município do Rio de Janeiro, levantar as características do *bullying* que surgissem nas aulas de EF, verificando as possíveis relações com as estudadas por Olweus. Esse estudo foi durante um ano letivo de 2022, em que as escolas retomaram a “normalidade” após o seu fechamento em 2020 até meados de 2021.

Ao nos basearmos nas características clássicas de *bullying* para comparar com as que surgissem nas aulas de EF no estudo 3, percebemos que as principais características foram a habilidade motora e a cor/raça das vítimas (que, nesse estudo, foram os meninos). Vimos também que nos episódios de violência que surgiram nas aulas, as meninas estavam presentes, como agressoras e vítimas, mas esses episódios não se configuram como *bullying*, pois não houve uma repetitividade.

Muitas vezes, as agressões nas aulas de EF das escolas pesquisadas foram manifestadas durante a prática do jogo de queimado ou “*dodgeball*”, em que os/as estudantes, por meio das agressões verbais (xingamentos e apelidos pejorativos), buscavam maltratar as vítimas, que em alguns momentos revidavam e, em outros, se excluía. Para nós, havia uma espécie de poder simbólico (Bourdieu, 2001a), que foi o poder que os agressores exerceram contra as vítimas, sendo que as vítimas, por vezes, consentiam.

Outro fator que nos fez aprimorar o olhar sobre as características do *bullying* que surgiam nas aulas de EF foram os atos cometidos pelos agressores quando a prática da aula era o esporte. Os autores do *bullying* perpetuavam as agressões contra as vítimas, achando que somente os mais habilidosos poderiam permanecer na quadra na prática das atividades. Essa maneira inconsciente dos/as estudantes (agressores e vítimas) agregarem valores e regras no subcampo (aulas de EF), mesmo que esteja em disputa, foi o que Bourdieu (2001b) chamou de *illusio*, pois já existe um *habitus* daquele campo ou subcampo (Bourdieu, 2015), que são reproduzidos entre os/as discentes.

A discriminação racial, o sexismo e a gordofobia foram características culturais apontadas no Estudo 3, com presença marcante dos casos de violência e

bullying nas escolas pesquisadas. Contudo, no ensaio, procuramos apresentar e discutir ações pedagógicas acerca das situações de violência e *bullying* na EFE.

A escrevivência (Evaristo, 2007) foi o método utilizado para apresentar os relatos de experiência da autora da tese como professora regente de turmas do ensino fundamental de uma escola pública municipal em que ocorreram o *bullying* e/ou episódios de violência nas aulas de EF. O *habitus* professoral (Perrenoud, 1993) mostrou que o fazer pedagógico da autora impactou nas suas ações cotidianas como professora-pesquisadora. Nesse ensaio, pode ser verificado que as práticas de *bullying* nas aulas de EF na escola do Rio de Janeiro não diferem das apresentadas nos estudos de Dan Olweus, porém as características culturais que os/as estudantes carregam e mantem de seus ambientes sociais são o que diferem nessas ações.

Diante desses estudos ficou evidenciado que as características do *bullying* são semelhantes as pesquisadas por Olweus, entretanto a influência da culturalidade faz com que haja diferença entre quem são os agressores e os agredidos. O que leva a refutar em parte a hipótese do estudo, visto que há influência da culturalidade das pessoas envolvidas no *bullying*, mas não diverge das características dos estudos internacionais.

As consequências do comportamento *bullying* para com as vítimas podem resultar em: diminuição do rendimento escolar, exclusão social, problemas de saúde mental como ansiedade, fobia, depressão e outros, além de suicídio e homicídio. Portanto, é importante que professores e professoras estejam atentos aos atos de violência que ocorrem nas escolas, sobretudo nas aulas de EF, para que se possa, através de práticas pedagógicas construtivas, combater as diferentes formas de violência e mitigar o *bullying*.

Recomendamos aos docentes de EF que façam pequenas ações em suas aulas como: campanhas anti-*bullying* e contra violência; jogos da amizade (torneio, jogos e corridas em que todos vencem); exibição de vídeos e filmes sobre *bullying*, dentre outros que abordem sobre o tema em questão; pesquisas e debates em grupo sobre situações de racismo, sexismo, gordofobia que, como vimos nesta tese, são formas de preconceito que podem levar ao *bullying*.

Por fim, acreditamos que a presente tese irá contribuir para ampliar as discussões sobre *bullying* e violência no campo da educação e da EF, fazendo com que haja mais estudos acerca da temática, principalmente a partir das lacunas que

surgiram neste material. Assim sendo, pesquisamos para conhecer, constatar, intervir e comunicar ou anunciar a novidade Freire (1996).

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: FLACSO, OEI, MEC, 2013.
- ARAÚJO, N. C.; MAGALHÃES NETO, A. Prevalência de Bullying e Violência escolar nas Aulas de Educação Física. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 358–367, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/2750>. Acesso em: 10 maio 2022.
- BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- BEE, H. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BLAYA, C. **Violência e maus tratos em meio escolar**. Lisboa: Instituto PIAGET, 2006.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004b.
- BOURDIEU, P. **Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.
- BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Tradução: Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001b.
- BOURDIEU, P. **Dominação Masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2016.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de Ensino**. 7. ed. Petrópolis: Vozes. 2014a.
- BOURDIEU, P. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura** Elementos para uma teoria do sistema de Ensino. Florianópolis: Editora UFSC, 2014b.
- BRACHT, V. **Educação Física Escolar no Brasil: o que vem sendo e o que pode ser** (Elementos de uma teoria pedagógica para Educação Física). Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.
- BRASIL. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE): 2019**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano CLII 213, p. 1, 9 nov. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20152018/2015/Lei/L13185.htm. Acesso em: 20 nov. 2018

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Relatório Nacional da Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Talis): segunda parte. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/relatorio-nacional-da-pesquisa-internacional-sobre-ensino-e-aprendizagem-talis-2018-segunda-parte>

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, 1997.

CHAUÍ, M. Sobre a violência. In: ITOKAZU, E. M.; CHAUÍ-BERLINCK, L. (org.). **Escritos de Marilena Chauí**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. v. 5. E-book

COLLINS, P.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

COLLINS, P. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022. Edição do Kindle

CORREA, M.; NOVAES, R.; TORRES, M.; SOUSA, M.; SANTOS, R.; TELLES, S. Bullying, Violência e Educação Física nas Escolas Municipais do Rio de Janeiro. **Motricidade**, Ribeira Penha, v. 14, n. S1, p. 234-244, out.2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328538472_Bullying_Violencia. Acesso em: 24 mar. 2019.

CORTES, A. M.; GOMES, D.; OLIVEIRA, R. Contribuição da Educação Física no Contexto da Inclusão. **Revista Teias de Conhecimento**, v. 1, n. 1, p. 177-204, 25 out. 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.5212/RevTeiasConhecimento.v1i1.20210112>. Acesso em: 24 mar. 2022.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DA SILVA, W.; MARTINS, N. Bullying e cyberbullying: influências na formação da autoestima do aluno nas aulas de Educação Física. **Praxia**: Revista on-line de Educação Física da UEG, v. 4, p. e2022010, 16 out. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.31668/praxia.v4i0.13085> Acesso em: 24 mar. 2022

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos A. (org.) **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, C. A Escrivivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, C.; NUNES, I. (org.) **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FANTE, C. **Fenômeno bullying como prevenir a violência nas escolas e educar para paz**. Campinas: Versus, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MINAYO, M. C. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de Saúde pública**, n. 10, p. 7-18, sup. 1, 1994.

MINAYO, M. C. A violência na adolescência: um problema de saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública [online]**, v. 6, n. 3, p. 278-292, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1990000300005>. Acesso em: 15 mar. 2019

MINAYO, M. C. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. *In*: NJAINE, K.; ASSIS, S.; COSTANTINO, P.; AVANCI, J. (org.). **Impactos da Violência**. 4. ed. Rio de Janeiro: Coordenação de Desenvolvimento Educacional e Educação a Distância da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, ENSP, Fiocruz, 2020

NOBRE, R.; PEREIRA, L.; NUNES, C.; ANDRADE, R.; DANIELE, T. Estudo sobre o bullying, conceitos e aplicações na escola e nas aulas de Educação Física. **Lecturas**: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, v. 24, n. 258, nov. 2019. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/1037/975>. Acesso em: 15 dez. 2020

OLIVEIRA, F.; VOTRE, S. Bullying nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, 2006.

OLWEUS, D. School Bullying: Development and Some Important Challenges. **Annu. Rev. Clin. Psychol.**, v. 9, p. 14.1–14.30, 2012. Disponível em: <http://10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>

OLWEUS, D. Bullying in schools: facts and intervention. **Kriminalistik**, [S.l.], v. 64, p. 11-29, 2010.

OLWEUS, D. **Bullying at school**: what we know and what we can do. New Jersey: Blackwell Publish, 2005.

OLWEUS, D. Bully/victim problems in school: Facts and intervention. **European Journal of psychology of Education**, [S.l.], v. 12, n. 4, p. 495-510, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF03172807>

OLWEUS, D. **The Revised Olweus Bully/Victim Questionnaire**. Bergen: Research Center for Health Promotion, 1996. DOI:10.1037/t09634-000

OLWEUS, D. Annotation. Bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. **J. Child Psychol. Psychiatry**, [S.l.], v. 35, p. 1171–90, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1994.tb01229.x>

OLWEUS, D. Familial and temperamental determinants of aggressive behavior in adolescent boys: A causal analysis. **Developmental Psychology**, [S.l.], v. 16, p. 644-660, 1980. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.16.6.644>

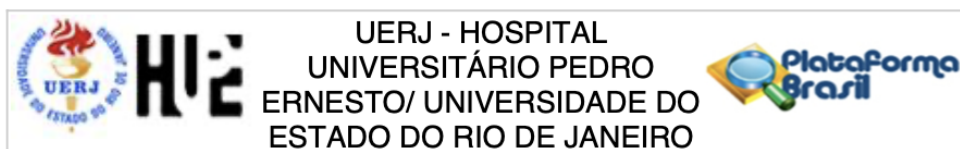
OLWEUS, D. **Aggression in the school: bullies and whipping boys**. Washington: Hemisphere Publishing Corporation, 1978.

ORDAKOWSKI, R.; JULIANI, M.; NYARI, N. Educação Física como (viés) conhecimento para percepção e combate ao bullying no Ensino Fundamental - anos finais. **Interação**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 339–362, 2021. Disponível em: <http://interacao.org/index.php/edicoes/article/view/174>. Acesso em: 10 maio. 2022.

PERRENOUD. P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

SILVA, A. B. **Bullying: Mentres perigosas nas escolas**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2018.

APÊNDICE A – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética Em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: BULLYING NO RIO DE JANEIRO: PERSPECTIVA CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Pesquisador: Flavia Fernandes de Oliveira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 25686919.2.0000.5259

Instituição Proponente: Hospital Universitário Pedro Ernesto

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.712.785

Apresentação do Projeto:

Transcrição editada do conteúdo registrado no protocolo e dos arquivos anexados à Plataforma Brasil.

Este projeto tem por objetivo analisar como acontece o bullying no Rio de Janeiro dentro da perspectiva cultural das aulas de Educação Física. O

bullying é um comportamento violento, intencional e repetitivo, contra uma pessoa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas. Nas

aulas de Educação Física este comportamento ocorre longe das vistas dos professores, que sem perceber, acabam prejudicando, as vítimas, ou

reforçando os atos dos agressores. A hipótese que norteia a pesquisa é que há diferenças de culturalidade nas manifestações de bullying nas

escolas brasileiras em relação ao padrão internacional. A metodologia deste estudo será pautada na abordagem qualitativa, em que visa identificar

as principais características do bullying nas escolas do Brasil mediante a análise do discurso das entrevistas dos informantes de elite e interpretar se

durante as aulas de Educação Física nas escolas do Rio de Janeiro as características do bullying acontecem através da observação participante. Os

resultados esperados para este estudo são que ao identificarmos características do fenômeno

Endereço: Avenida 28 de Setembro 77 - Térreo

Bairro: Vila Isabel

CEP: 20.551-030

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2868-8253

E-mail: cep.hupe.interno@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.712.785

bullying diferentes de outros países, avançaremos em políticas públicas que poderão minimizar a prevalência do fenômeno nas escolas brasileiras.

Objetivo da Pesquisa:

Transcrição editada do conteúdo registrado no protocolo e dos arquivos anexados à Plataforma Brasil.

Objetivo Primário:

Analisar como acontece o bullying em escolas do Rio de Janeiro dentro da perspectiva cultural das aulas de Educação Física.

Objetivo Secundário:

Identificar as principais características do bullying nas escolas do Brasil mediante a análise do discurso das entrevistas dos informantes de elite ;

Interpretar se durante as aulas de EF nas escolas do Rio de Janeiro as características do bullying acontecem.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Prezado pesquisador: Caracteriza-se como risco direto para os participantes da pesquisa a possibilidade de desconforto ou constrangimento no momento do preenchimento dos questionários. Os pesquisadores devem se comprometer a minimizar os riscos ou desconfortos que possam vir a ser causados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem estruturada e o referencial teórico e metodológico estão explicitados, demonstrando aprofundamento e conhecimento necessários para sua realização. As referências estão adequadas e a pesquisa é exequível.

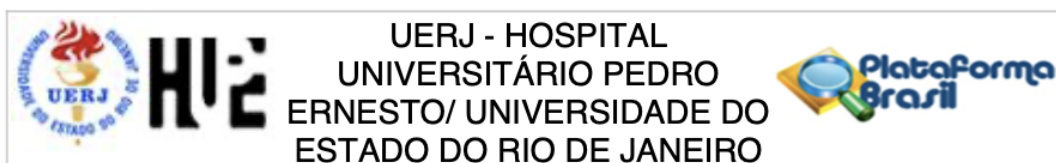
Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram avaliadas as informações contidas na Plataforma Brasil e as mesmas se encontram dentro das normas vigentes e sem riscos iminentes aos participantes envolvidos de pesquisa.

Foram analisados os seguintes documentos de apresentação obrigatória:

- 1) Folha de Rosto para pesquisa envolvendo seres humanos: Documento devidamente preenchido, datado e assinado

Endereço: Avenida 28 de Setembro 77 - Térreo
Bairro: Vila Isabel **CEP:** 20.551-030
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2868-8253 **E-mail:** cep.hupe.interno@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.712.785

- 2) Projeto de Pesquisa: Adequado
- 3) Orçamento financeiro e fontes de financiamento: adequado/apresentado
- 4) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: Adequado
- 5) Cronograma: Adequado
- 6) Documentos pertinentes à inclusão do HUPE: Adequado
- 7) Currículo do pesquisador principal e demais colaboradores: anexados e conforme as normas.

Os documentos de apresentação obrigatória foram enviados a este Comitê, estando dentro das boas práticas e apresentando todos dados necessários para apreciação ética e tendo sido avaliadas as informações contidas na Plataforma Brasil e as mesmas se encontram dentro das normas vigentes e sem riscos iminentes aos participantes envolvidos de pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto pode ser realizado da forma como está apresentado. Diante do exposto e à luz da Resolução CNS nº466/2012, o projeto pode ser enquadrado na categoria – APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em consonância com a resolução CNS 466/12 e a Norma Operacional CNS 001/13, o CEP recomenda ao Pesquisador: Comunicar toda e qualquer alteração do projeto e no termo de consentimento livre e esclarecido, para análise das mudanças; Informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa; O Comitê de Ética solicita a V. S^a., que encaminhe relatórios parciais de andamento a cada 06 (seis) Meses da pesquisa e ao término, encaminhe a esta comissão um sumário dos resultados do projeto; Os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 anos para possível auditoria dos órgãos competentes.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1418789.pdf	27/08/2019 17:12:04		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TALE_Termodeassentimento.doc	26/08/2019 20:45:03	Flavia Fernandes de Oliveira	Aceito

Endereço: Avenida 28 de Setembro 77 - Térreo

Bairro: Vila Isabel

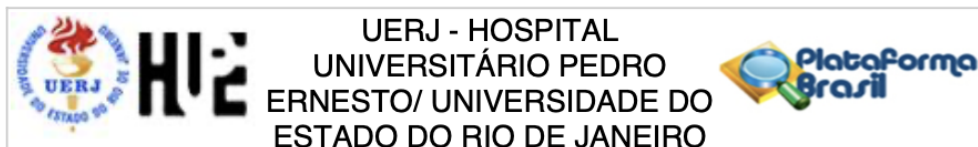
CEP: 20.551-030

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2868-8253

E-mail: cep.hupe.interno@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.712.785

Justificativa de Ausência	TALE_Termodeassentimento.doc	26/08/2019 20:45:03	Flavia Fernandes de Oliveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_TESECEP.doc	26/08/2019 20:41:56	Flavia Fernandes de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Responsavel.doc	26/08/2019 20:32:26	Flavia Fernandes de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_InformantesdeElite.doc	26/08/2019 20:19:16	Flavia Fernandes de Oliveira	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto_CEP.pdf	22/08/2019 16:10:06	Flavia Fernandes de Oliveira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 19 de Novembro de 2019

Assinado por:
WILLE OIGMAN
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida 28 de Setembro 77 - Térreo

Bairro: Vila Isabel

CEP: 20.551-030

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2868-8253

E-mail: cep.hupe.interno@gmail.com

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Informantes de Elite

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Bullying no Rio de Janeiro: Perspectiva da Educação Física Escolar

PESQUISADORA: Flavia Fernandes de Oliveira

*Obrigatório

1. E-mail *

2. De acordo com o TCLE você aceita conceder entrevista? *



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PEDRO ERNESTO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa denominada *Bullying no Rio de Janeiro: Perspectiva da Educação Física Escolar*, realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências do Exercício e do Esporte – PPGCEE UERJ e que diz respeito a uma tese de doutorado. O objetivo do estudo é analisar como acontece o *bullying* em escolas do Rio de Janeiro dentro da perspectiva das aulas de Educação Física. A sua participação consistirá em conceder entrevista, via ZOOM, sendo que antes do início da mesma você entrevistado(a) receberá o TCLE, via internet através do link do Google Docs, para que o aceite. Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, isto é, serão abordados temas de seu domínio de pesquisa, e o desconforto poderá ser em função da disponibilização de tempo para a entrevista (que terá em média 50 minutos). Objetivando minimizar esses riscos, o participante tem a possibilidade de pedir a qualquer momento para interromper, solicitando troca de horário ou até mesmo a retirada da pesquisa. Por outro lado, são esperados os seguintes benefícios da participação na pesquisa a possibilidade de terem maior visibilidade pelos trabalhos realizados, na medida em que, os critérios utilizados pela inclusão (levantamento na plataforma Lattes de produção relevante na área – artigos com fator de impacto e/ou livros publicados) dos mesmos poderão levar ao aumento do seu reconhecimento sobre o assunto no cenário nacional, além de indiretamente, contribuírem para novas estratégias de enfrentamento do bullying no cenário nacional. Os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. A pesquisadora responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. A sua participação neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa você não sofrerá qualquer prejuízo. A participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido a sua participação no estudo. Fica garantido o direito de buscar indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei. Você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com a pesquisadora. A pesquisadora garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso a pesquisadora Flavia Fernandes de Oliveira pelo telefone (21) 996858547 ou pelo e-mail: tabiniha@gmail.com. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto/UERJ, Av. Vinte e Oito de Setembro, 77 Térreo - Vila Isabel - Cep 20551-030. TEL: 21 2868-8253 – Email: cep-hupe@uerj.br.

Rubrica Pesquisador: 
Rubrica participante: _____

Página 1 de 1

Marcar apenas uma oval.

☐ SIM
☐ NÃO

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Carimbo de data/hora	Endereço de e-mail	De acordo com o TCLE você aceita conceder entrevista?
06/12/2021 10:21:49	XXXXXXXX@gmail.com	SIM
09/12/2021 17:27:19	XXXXXXXX @gmail.com	SIM
14/12/2021 12:47:18	XXXXXX@fef.unicamp.br	SIM
21/12/2021 10:46:19	XXXXXX@hotmail.com	SIM
12/01/2022 20:35:11	XXXXXXXX @gmail.com	SIM
18/01/2022 16:14:47	XXXXXXXX @pucpr.br	SIM

APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista com Informantes de Elite

Roteiro de Entrevista

Objetivo: Identificar as principais características do *bullying* nas escolas do Brasil.

Perguntas:

- 1 – O que você entende ser *bullying* escolar?
- 2 – Você acredita que há alguma diferença do *bullying* escolar praticado aqui no Brasil e em outros países?
- 3 – Se existe qual/ quais seriam essas diferenças? Se não existe por quê?
- 4 – Essas diferenças têm a ver com as características do *bullying* escolar?
- 5 – Para você quais seriam as características do *bullying* escolar?
- 6 – Você acredita que essas características estão presentes nas aulas de Educação Física? Se estão de que forma? Se não estão, por quê?

Aplicabilidade: Entrevista com informantes de elite para obter o levantamento dos discursos sobre as principais características do *bullying* nas escolas, considerando a visão dessas expertises. De acordo com Bourdieu (2004), são nas falas, na lógica das conversas, que o diálogo é verdadeiro; já na escrita há uma censura por pertencer a um campo científico.

A entrevista será realizada via (zoom), sendo que antes do início da mesma os entrevistados receberão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), via internet através do link do Google Forms. A partir do aceite do participante da pesquisa, será enviado para o seu e-mail o TCLE e para a pesquisadora. Somente depois de recebido o e-mail, será iniciada a entrevista.

APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas

ENTREVISTADO 1 – E1

O QUE VOCÊ ENTENDE DE BULLYING ESCOLAR?

Então é eu até criei um conceito assim né a partir de tudo o que eu venho estudando e o bullying não consegue bem amplo né é hoje principalmente eu acho até que a gente pra tomar um certo cuidado porque do meu ponto de vista o termo às vezes é utilizado até de forma equivocada né então eu não considero por exemplo bullying no trabalho eu não vejo isso como bullying né porque eu vejo que o bullying está é um fenômeno restrito a idade escolar então eu acho que a partir do momento que tu sai né que tu já é um adulto que você está num ambiente de trabalho tá apesar de ter características semelhantes ao bullying, o adulto ele ainda tem algumas é capacidades a mais e recursos a mais para se defender, né então quando eu falo sobre bullying eu trago um algumas coisas que eu pontuo que são fundamentais para caracterizar bullying: então primeiro é incidência recorrente né então a violência não atende ser recorrente então uma agressão esporádica eu não considero como bullying ela tem que ter essa frequência; ela tem que ter a intencionalidade de ferir o outro né então isso se torna uma característica também agressor ele tem a intenção de ferir o bullying ou a vítima desculpa; é a diferença de poder né que pode ser expressada de diferentes formas de poder físico, pode ser um poder mais forte ou você ser mais velho ou você ser mais popular então existe uma diferença de poder dentre entre a vítima e o agressor; É Ela ocorre em idade escolar então eu sou considero aquilo que ocorre em idade escolar não precisa ser necessariamente dentro da escola né porque a gente sabe que existe o Cyber bullying existe em outras relações mas ela tem que acontecer entre os pares, né então assim também não considero o bullying uma violência entre aluno e professor né porque é um outro tipo de violência então para mim o bullying ele é uma agressão entre os pares em idade escolar né a outra característica ela não ele não é perceptível né entre os adultos, mas assim não é não ele não tem essa visibilidade, mas ele tem uma visibilidade também entre os pares né tem os observadores os espectadores então eu trago assim esses como alguns pontos, Ah! E a vítima ela também acaba aceitando né ela acaba concordando com a agressão assim no sentido de realmente se sentir inferior e de se sentir merecedora né aquilo, né faz com que ela termine menos possibilidades de defesa. Então eu pontuo algumas coisas até nos cursos e palestras que eu dou porque eu acho que esses aspectos eles são bem importantes para que

a gente possa se entender que há uma situação de bullying, né então diferente de alguns estudos por exemplo o próprio questionário de OLWEUS que a gente utiliza né, adaptado existe uma questão era quantas vezes você sofreu violência ou que você praticou a violência, né fez alguma coisa nesse sentido tem a opção de uma a duas vezes e depois de três vezes ou mais, né então nos meus estudos por exemplo eu só considero agressor ou vítima aqueles que tiveram 3 vezes ou mais, porque uma ou duas vezes SIM 3 semanas enfim 3 meses isso já não pode ser considerado como uma situação de bullying, né então acho que é importante salientar para que a gente não banalize é o termo né, porque eu acho que assim eu sempre falo que toda é agressão todo bullying é uma agressão mas nem toda agressão é bullying, né então isso é importante para a gente saber diferenciar que o bullying ele tem características específicas.

SIM A MINHA PRÓXIMA PERGUNTA É COM RELAÇÃO SE O BULLYING ESCOLAR É IGUAL EM TODOS OS LUGARES?

Não de todas as regiões todos os países o ruim ele vai acontecer em todos os lugares em todos os países em todas as escolas sejam elas públicas ou privadas. Então assim as porcentagens elas têm uma ligeira diferença da em alguns estudos a gente percebe que existe na questão socioeconômica, né dos países, então países com melhor desenvolvimento econômico maior investimento em educação tendem a ter uma taxa menor do que aqueles que não têm esse investimento, porém eles também vão existir né então ele é um fenômeno realmente é mundial independente de classe social ele vai acontecer então independente se é na Suécia, se aqui não é à toa que OLWEUS é da Noruega né foi quem começou a estudar então e vai existir em colégios públicos e privados, o que vai diferenciar é justamente as motivações são diferentes e os perfis dos envolvidos são diferentes mas a existência do bullying vai ter em todo lugar, mas a forma como ele acontece e os motivos de cada escola mas ser diferente né então como eu um exemplo que eu gosto de citar é justamente por exemplo o nível socioeconômico. O nível socioeconômico ele só é um fator de bullying se eu tiver uma diferença dentro do mesmo ambiente então por exemplo se eu tenho uma escola privada com alto poder aquisitivo e dentro deles eu tenho uma pessoa que é bolsista por exemplo um aluno que é bolsista que tem uma diferença entre os pares, aí o nível socioeconômico é um fator de risco para o envolvimento no bullying. Agora se você tem um grupo de pares que é todo mundo muito pobre ou todo mundo muito rico o nível socioeconômico ele não entra como

um fator de risco, então isso que acaba diferenciando de uma escola para outra ou de um contexto para o outro né.

ENTÃO VOCÊ ACREDITA QUE HÁ ALGUMA DIFERENÇA DO BULLYING ESCOLAR É PRATICADO AQUI NO BRASIL E EM OUTROS PAÍSES?

Sim existe uma diferença.

QUAIS SERIAM ESSAS DIFERENÇAS ALÉM DO SOCIOECONÔMICO VOCÊ FRISOU MUITO BEM

Então existem contextos, que são as características do contexto, né então por exemplo na minha pesquisa é eu percebi que um dos lugares onde mais acontece é agressões por exemplo de bullying é na saída da escola aqui no Brasil isso é uma característica bem Brasileira então assim a no final da aula eu vou te pegar. vou te esperar no final da aula ou no trajeto casa escola. Então isso acontece muito no Brasil não foi uma característica que eu encontrei em outros países por exemplo no meu estudo né a própria questão da popularidade então por exemplo em Portugal as crianças que tinham o melhor desempenho acadêmico foram mais vítimas, ou seja, lá aquela característica de “seu cdf”, ‘de seu Nerd” tal era um era um fator de risco para as crianças, no Brasil isso não foi. Em compensação eu a gente consegue identificar os agressores com uma maior popularidade, foi aquilo que eu comentei contigo então no Brasil é uma característica dos agressores né então por exemplo. O que é um fator muito problemático porque os agressores eles são aqueles que são os que têm mais relações amorosas então é aquela que todas as meninas e os meninos querem ficar né, é aquele que participa mais dos jogos nas aulas de educação física a gente percebe que isso foi mais uma coisa que eu estudei também porque a gente tinha uma percepção de que os agressores eram aqueles que jogavam melhor né que tinham uma melhor habilidade motora por isso eles eram aqueles os primeiros a serem escolhidos quando vai fazer um time e tal e a minha pesquisa mostrou que não, em termo de competência motora eles não têm uma competência motora melhor do que as vítimas ou do que os que não participa só que eles têm mais popularidade, então como eles são populares eu quero ter ele no meu time eu quero estar próximo dele eu quero que ele participe das brincadeiras e isso também é uma característica bem Brasileira. né no sentido de que o fato dele ser popular né o agressor ser popular também dificulta a em termos de intervenção porque como que eu vou dizer para uma criança um adolescente do que está fazendo é errado se aquilo que ele faz que está trazendo um benefício que essa

questão da popularidade né então é um problema que também que a gente precisa é ficar bem atento né aqui no Brasil.

É ENTÃO NO CASO É O QUE FAZ COM QUE ISSO OCORRA VOCÊ ACHA QUE É A QUESTÃO DA POPULARIDADE EXISTE ALGUMA OUTRA DIFERENÇA, UMA OUTRA CARÁTERÍSTICA? QUE FAZ COM QUE ISSO OCORRA ALÉM DA POPULARIDADE?

Sim eu acho que como eu te falei o contexto é que vai determinar essas diferenças né então assim a cultura do local onde essa escola está inserida é que vai fazer a diferença porque a popularidade é uma variável que eu estudei, mas eu entendo que a popularidade neste fenômeno ele é uma questão cultural do Brasil. Entendi então assim eu não atrelei só a popularidade mas eu atrelo as diferenças culturais né então coisas por exemplo em Portugal é os ciganos era uma coisa muito forte lá. Então existe um preconceito com os ciganos muito grande lá, então você ser um cigano pode fazer com que é um fator de risco para o envolvimento no bullying, tanto quanto o agressor como quanto vítima, mas isso é o quê é uma característica cultural daquele local onde eu estudei né porque a cidade onde eu estava tinha uma incidência muito grande dos ciganos que vinham pra lá pra morar então tem todo um estigma quanto a isso, então é assim como por exemplo a gente percebe eu tenho estudos também no interior do estado aqui de Santa Catarina, né onde a gente tem um altos índices assim de preconceito por exemplo com questões de gênero, com questões de sexualidade, então como é uma é um lugar muito fechado, muito conservador com influências religiosas e isso faz com que por exemplo uma criança que tenha uma identidade de gênero que não é igual a sua orientação sexual, e a sue sexo biológico, faz com que isso se torne um fator de risco também né então se eu fosse generalizar, eu te diria que o que faz justamente ser diferente é a cultura da onde aquela escola vai estar inserida né, que vai fazer com que aconteça de forma diferente né e aqui elas são assim né.

ENTÃO ESSAS DIFERENÇAS VOCÊ VÊ COM AS CARACTERÍSTICAS DO BULLYING ESCOLAR PARA VOCÊ?

Sim.

E QUAIS SERIAM ENTÃO ESSAS CARACTERÍSTICAS VOCÊ CITOU AÍ A QUESTÃO DE GÊNERO E AS QUESTÕES RELIGIOSAS?

Estaria principalmente a essa questão, mas daí eu trabalho popularidade e rejeição é como o status né que pode ser tanto um status socio métrico enquanto o

status percebido né é aquele que a criança se percebe então eu identifico o status, o desempenho acadêmico né de descolar como uma variável, é eu também trabalho com a imagem corporal, também é uma é uma questão posta de vez diferente questão de imagem corporal e é estado nutricional também né a gente sabe a questão do estado nutricional e imagem corporal o que é uma questão interessante também porque por exemplo eu tive uma pesquisa que tem um artigo meu, acho que ele já está publicado que eu fiz só com crianças de baixo peso né então a gente muito se sabe do bullying com crianças com obesidade sobre é sobrepeso e obesidade, mas ninguém olha para as crianças com baixo peso e as crianças com baixo peso também tem uma grande é distorção né de percepção corporal e também faz com que isso seja um fator de risco para o envolvimento no bullying, então do que eu já estudei eu posso te falar isso assim que status, é uma variável estado nutricional, imagem corporal, desempenho escolar, uma variável é questões de gênero e orientação sexual é uma variável né, que são questões culturais, de acordo com a questão cultural e aí obviamente também a questão da fiscalização né porque se você vai ter uma escola com maior fiscalização as crianças e os adolescentes eles acabam criando ferramentas diferentes de como né é atuar então por exemplo uma escola que vai ter uma fiscalização no Recreio vai ter um comportamento diferente daqueles que não tem fiscalização no Recreio né porque as crianças vão ter que achar uma forma de fazer o bullying praticar o bullying sem que os adultos vejam, né então é eu citaria isso, eu nesse momento citaria isso assim até porque a questão da competência motora foi algo que não apareceu no estudo com uma diferença as vítimas até sim né a especialmente as vítimas agressoras também né que é o confirma o grupo com maior fator de risco que tendem a ter uma competência motora é abaixo do que aqueles que não praticam né que não participam do bullying mas em termos de agressor por exemplo a competência motora não foi propriamente uma variável significativa né, mas então também daria para botar nesse sentido a competência motora quando a gente fala de vítimas e agressoras também pode ser né uma variável então dentro daquilo que eu já estudei essas são as características que eu posso te falar tá podem ter outras mas não posso te dizer né quais seriam.

SIM E PARA A GENTE TERMINAR VOCÊ ACREDITA QUE ESSAS CARACTERÍSTICAS ESTÃO PRESENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Sim, muito.

E DE QUE FORMA POR QUE QUE ELAS ESTÃO?

Então eu acho assim primeira coisa que a gente precisa refletir enquanto professor de educação física que também foi algo que eu percebi é que nós é acabamos reforçando alguns estereótipos especialmente no que tange a ao papel do perfil do agressor está e a gente acaba é reforçando esse status né então digamos assim quando a gente tem um agressor o que que as pesquisas têm mostrado é que os outros tentadores eles devem eles são os principais responsáveis né tipo o termômetro do agressor então se eles dão risada acho engraçado apoiam aquele agressor ele entende isso como um reforço positivo e vai continuar fazendo cada vez mais pra ter né esse saldo se os observadores repudiam essas atitudes eles pensam OPA espera aí não estou agradando né então O que a gente fala é que o agressor, a gente tem que tentar não elevar essa autoestima dele né, e às vezes o professor de educação física faz isso então se ele já é né bom é a gente acaba reforçando isso em detrimento do outro que às vezes não é tão bom né ou até uma brincadeira, uma piadinha daquele daquela criança que às vezes não tem uma competência motora boa né e aí ele já sofre bullying, já sofre com aí vai pra uma aula de educação física e o professor faz uma piadinha, “ah mão de alface” há não sei o que? porque não sabe? porque não pegou uma bola ou por exemplo permitir que os alunos escolham os times, isso é um dos maiores erros do professor porque eu falo talvez o professor de educação física ele não pare para pensar porque provavelmente ele era bom no nas aulas e ele não percebe a dificuldade mas imagina o que é ser durante anos e anos o último a ser escolhido para o time né ou aquele que vai dizer tipo assim anão isso aí eu nem quero pode pegar pra ti o né então assim talvez o professor de educação física ele não tenha passado por essa experiência justamente por ele já ter uma competência motora talvez melhor mas imagina aqueles que não têm, né e aí ao invés da gente tentar fazer alternativas e pensar em estratégias para aumentar a autoestima desse aluno dessa criança né que já tem o momento de maior dificuldade trabalhar de uma maneira que a gente possa melhorar nessa competência motora, a gente acaba reforçando se alguns estereótipos e aumentando a autoestima do agressor né então eu acho que o papel do professor de educação física ele tem um papel fundamental nisso é até porque também a gente consegue através das nossas aulas trabalhar questões de como utilizar essa capacidade de liderança dos agressores né então se os agressores ele já tem essa popularidade eles são mais líderes por que que ela não direcionou essa liderança para uma questão no esporte no time uma responsabilidade também perante os outros né e também usar essa agressividade de uma maneira mais assertiva né então conseguir direcionar esses sentimentos e essas emoções de uma maneira

diferente né trabalhar questões de competitividade de uma maneira mais saudável também né não Vale Tudo para ganhar eu acho que é importante competir faz parte né da vida e faz parte da nossa disciplina mas como trabalhar isso com *fair play* né, como fazer com que essas crianças têm uma competência motora é abaixo do esperado né consigam então se adequar essas aulas a melhorar essa competência motora então acho que o professor ele tem um papel fundamental né também na questão do próprio é estereótipo, que a gente sabe da tu é estereótipo que a gente sabe da questão do peso né da do estado nutricional então que na aula de educação física é muito comum aquelas crianças que são obesas por exemplo serem estigmatizadas na aula de educação física né, então a gente tem um alguns estudos que mostram isso né então aquelas crianças que sofrem algum tipo de bullying em relação ao seu peso corporal né os estados nutricional ou a sua imagem corporal um dos principais locais aonde isso mais acontece é justamente nas aulas de educação física né, ou nos espaços destinados para tal, então eu acho que dentro da educação física essas são questões problemas que a gente precisa repensar mas eu saliento principalmente o papel do professor com um olhar mais atento às situações né no sentido de que ele precisa é repensar mesmo a sua prática e enxergar essas crianças né enxergar esse movimento não como algo normal que acontece né mas sim como uma situação problema que uma criança pode estar sofrendo realmente dentro.

ENTREVISTADO 2 – E2

O QUE VOCÊ ENTENDE DE BULLYING ESCOLAR? QUE VOCÊ ENTENDE SER BULLYING ESCOLAR?

Bom, na minha perspectiva né o bullying escolar ele é composto por agressões né físicas verbais psicológicas que tem é a intenção de ferir e machucar os pares as vítimas né é um fenômeno que acontece entre pares né isso é muito importante deixar frisado né acontece entre crianças e crianças adolescentes e adolescentes até há um tempo atrás é me pediram para eu fazer uma correção de um estudo né estudo falava de bullying e falava sobre bullying é entre crianças e professores a meu ver isso não é bullying porque o bullying ele acontece entre os

pares né quando a criança ela tem aquela intenção de ferir e magoar o colega de agredir o colega né é uma atividade intencional então para mim o bullying é isso

E O BULLYING ESCOLAR ELE É IGUAL EM TODOS OS LUGARES

Não, embora o bullying ele seja um fenômeno global ele não é um fenômeno padronizado né porque as variáveis os fatores motivadores para que o bullying aconteça é ele varia de um local para local, e ele também se relaciona com a construção cultural desse local, então por exemplo cada lugar vai cada grupo de crianças né de cada construção cultural social é estabelece características que são por exemplo valiosas ou características que são depreciativas e a partir disso né a partir de toda essa construção sociocultural é que o agressor vai manifestar as suas agressões a partir dessas características que o grupo é, que o grupo julga né como sendo valiosa ou não valiosa. Eu falo em grupo porque o bullying ele tem essa característica de dos papéis né então eu só consigo ter o bullying, a prática do bullying quando eu tenho por exemplo o espectador para me assistir, quando eu tenho a vítima para que eu possa agredir então essas variáveis, esses fatores motivadores que bullying, ele está de acordo com a construção sociocultural de cada lugar, então embora seja um fenômeno global por exemplo é um bullying aqui né numa escola né numa escola urbana e numa escola rural por exemplo ou numa escola do sul do Brasil numa escola do norte do Brasil ou na Europa ou no Brasil os fatores que vão construir essas características elas acabam variando

ENTÃO VOCÊ ACREDITA QUE HÁ ALGUMA DIFERENÇA DO BULLYING ESCOLAR PRATICAR AQUI NO BRASIL E DIFERENTE DE OUTROS PAÍSES DO EXTERIOR?

Acredito sim

E QUAIS SERIAM SUAS DIFERENÇAS ASSIM JÁ QUE ELA EXISTE COMO EXEMPLO?

A gente sabe que por exemplo uma escola ela composta por grupos sociais né a gente tem por exemplo uma sala de aula e dentro dessa sala de aula a gente tem diferentes grupos e eles se assemelham em função é de afinidades né crianças que têm afinidades mesmos objetivos características comuns elas acabam se assemelhando cada um desses grupos acabam né tendo essa estabelecendo esse rol de características né como eu falei antes que são valiosas ou que são depreciativas, numa mesma escola por exemplo a gente pode ter crianças que

julgam por exemplo o desempenho escolar como sendo características que são valiosas nessa mesma escola a gente pode ter por exemplo grupos, é que estabeleçam que o desempenho motor é uma variável importante né que é uma característica valiosa. Se numa mesma escola a gente já tem essas diferenças de características que são estabelecidas pelo grupo então em país como a gente tem uma construção países diferentes como a gente tem construções socioculturais totalmente diferentes né essas características também acabam se diferenciando então por exemplo no Brasil pode ser que eu tenha é características é por exemplo raciais, padrões estéticos, que sejam diferentes por exemplo dos países da Europa e acaba que o bullying ele gira em torno dessas características e por isso ele acaba se diferenciando então eu não sei se respondo a sua pergunta. Nunca.

ENTÃO O QUE FAZ QUE OCORRA ESSAS DIFERENÇAS COMO VOCÊ ESTÁ FALANDO SÃO ALGUMAS VARIÁVEIS NÉ E ESSAS VARIÁVEIS PARA VOCÊ TEM A VER COM AS CARACTERÍSTICAS DO BULLYING QUERIA QUE VOCÊ FALASSE MAIS UM POUCO DESSAS VARIÁVEIS COMO VOCÊ FALOU DA QUESTÃO DAS CARACTERÍSTICAS CORPORAIS ESTÉTICO.

Sim, é tipo isso fazer um estereótipo da por exemplo de vítimas e agressores isso é por exemplo no Brasil né de acordo com até a próprio literatura a gente sabe por exemplo, que crianças que tenham baixo desempenho escolar são mais vítimas do bullying, crianças que tenham baixo desempenho motor, um baixo status social e aí o status social mais uma vez ele se relaciona, né é multifatorial né eu posso ter por exemplo um status é seja numa escala hierárquica né um estado que seja maior em determinado grupo e menor em outro determinado grupo mas não é de uma maneira bem abrangente bem resumida o bullying ele também se se relaciona né com o status social com essa escala e hierárquica dentro de dos grupos sociais, então pode estar né voltando relacionado aos empenhos escolar desempenho motor, a padrões estéticos né então uma criança está é qual criança que é mais gordinho, que está acima né do peso a criança que é muito magra, é as crianças negras, as crianças por exemplo o ruivas que todas aquelas que estão fora ali, do dito cujo né é e estereótipos aceitos são as crianças que sofrem mais é bullying isso de acordo com a literatura não é isso de acordo com o que a gente vê aí que que está escrito é então acho que foi isso que ele me perguntou né e eu ia falar coisa mas acho que é isso.

PARA VOCÊ, QUAIS SERIAM AS CARACTERÍSTICAS DO BULLYING ESCOLAR DIANTE DISSO QUE VOCÊ ME FALOU QUAIS SERIAM AS CARACTERÍSTICAS DO FENÔMENO MESMO ESCOLAR DESSAS DIFERE UM POUCO DOS TIPOS DE BULLYING ?

Então para mim o bullying escolar é aquela definição que eu falei lá no começo né então o bullying, é e o bullying que acontece dentro da escola é esse tem a intenção que o agressor tem de ferir, magoar a vítima dentre os pares né, sejam agressão psicológica, agressão verbal, é a própria agressão física, não é quando a criança ela tem a intenção de magoar e ferir de depreciar é o colega de depreciar o par, aí a gente tem né bullying, que a gente pode caracterizar como bullying então é aquela definição que eu já dei lá no começo né, pra mim é a definição do bullying escolar. né acho que uma característica bem marcante aqui acontece entre os pares.

ESSES PARES ELES QUE PELO QUE VOCÊ ESTÁ FALANDO ELES TÊM QUE TER UMA SIMETRIA NÉ ELES NÃO PODEM TER O MESMO PADRÃO É COMO VOCÊ FALOU TEM QUE TER UM TEM O MESMO STATUS NÉ QUE AÍ NO CASO TEM QUE SER DIFERENTE DO OUTRO ?

É porque o bullying ao meu ver ele está muito relacionado com a questão de poder não é do status social, então o status social ele também é definido pelas características não é de cada grupo, cada grupo vai definir aquelas características que são mais ou menos valiosas, então o bullying ele está muito relacionado associada a essa questão de poder geralmente não é o que há de novo que a literatura traz pra gente essa questão da relação do status social com agressividade, então geralmente quem são aqueles alunos que são agressores? são aqueles alunos que têm mais status perante o grupo quem são aquelas a quem são as vítimas? geralmente são aqueles que têm menos status perante o grupo, então aquelas crianças que têm um baixo desempenho escolar aquelas crianças que têm é baixa competência motora, aquelas crianças que por exemplo não se saem tão bem na aula de educação física, não se saem tão bem nas brincadeiras na hora do Recreio, são as crianças que usam óculos as crianças que usam o aparelho, é E todas essas caracteres né dependendo do grupo ali onde é crianças e onde a criança se envolve né vai caracterizar é essas variáveis que né se relacionam com o bullying.

E JÁ ESTAMOS TERMINANDO VOCÊ ACREDITA QUE ESSAS CARACTERÍSTICAS ESTÃO PRESENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

SE ESTÃO OS QUE FORMA? SE NÃO ESTÃO TAMBÉM POR QUE QUE ELAS NÃO ESTÃO?

Eu acho que a educação física assim como o Recreio, a educação física são lugares propícios para o bullying acontecer, o Recreio porque eles caracterizam um lugar sem supervisão né então as crianças é o momento que elas têm para para praticar o bullying, e a educação física embora tenha à supervisão no momento da educação física é o momento que as crianças elas se expõem em relação por exemplo as habilidades e as capacidades motoras que por vezes acabam sendo o alvo da crítica ou alvo da agressão então aquelas crianças que mostram por exemplo uma baixa competência motora elas são as crianças que constantemente elas são excluídas das brincadeiras elas são excluídas dos grupos elas não são as primeiras a serem chamadas por exemplo para montar um time e acaba que né e acaba que essas crianças são a as das vítimas do próprio bullying, já aquelas crianças que são é motoramente mais competentes daquelas crianças que têm são as primeiras a serem chamadas por exemplo é para montar um time geralmente são as crianças é às vezes nem tem um desempenho motor tão bom mas como elas têm aquela imponência né de ser o agressor acaba que, acaba a gente acaba que a gente consegue perceber isso muito claro na aula de educação física né e aí vem toda aquela questão aquela discussão né das estratégias de como que o professor vai usar essa agressividade por exemplo da do da criança que pratica o bullying da criança que agredi como que ela vai usar esse poder que ela tem essa agressividade em prol em favor da turma em prol em favor é do próprio grupo então acho que na educação física é um momento onde as crianças se expõem mais e por isso acaba sendo um momento onde elas estão mais propícias né a ter aí a desencadear ali uma agressão ou é serem as vítimas né do bullying.

ENTREVISTADO 3 – E3

E O QUE QUE VOCÊ ENTENDE SER BULLYING ESCOLAR?

É então são os conceitos são múltiplos né então eu vou construir o meu assim é bullying é uma das facetas da violência em meio escolar, que elas se caracteriza por acontecer entre pares né então os indivíduos eles estão hierarquicamente naquele contexto micro social no mesmo patamar na mesma na mesmo núcleo de construção de relações interpessoais isso é acontece aluno com aluno né é mas ao

mesmo tempo é simbolicamente essas relações são diferentes então sempre tem uma vítima e um sujeito ativo nesse no cenário e no episódio de bullying e que é e que por isso aí umas situações de uma das situações de algum tipo de agressão física ou psíquica enfim emocional, social resumindo aí .

E O BULLYING ESCOLAR ELE É IGUAL EM TODOS OS LUGARES VOCÊ ACREDITA QUE O BULLYING ESCOLAR É IGUAL AQUI NO RIO DE JANEIRO EM SÃO PAULO É FORA DO BRASIL NO EXTERIOR?

Então depende muito como é um como é um conceito muito amplo semanticamente né ele desde a década de 80 ele tem sido estudado por muitos autores e que acabam acrescentando informações é novas novos dados acerca desse fenômeno eu acho que se a gente for pensar a origem do conceito que é do OLWEUS é a gente pode pensar que a eu acho que a essência dele é a mesma isso é que são relações fomentadas por preconceito algum tipo de discriminação e algum conflito como psicanalista eu não vou deixar de trazer essa leitura algum conflito psíquico de algum dos 2 é atores do bullying tanto a vítima como O promotor do bullying eles têm alguma questão psíquica resolvida é não resolvida né que deve ser resolvida é no nesse nessa interpretação subjetiva o contexto ele não vai ele não vai interferir muito porque vai depender dos conflitos psíquicos mas se a gente está trazer uma interpretação sociológica aí eu acho que a gente pode pensar que determinados contextos influenciam então em algumas áreas que onde essa discriminação ela é maior é o bullying vai trazer características é diferenciadas não é, mas se eu for trazer uma leitura desses sujeitos subjetivamente uma leitura psicanalítica do por que que esse sujeito provoca bullying ou ele por que que esse sujeito se coloca no lugar passivo a ponto de não saber se defender se caracterizar como uma vítima do bullying é o contexto não importa tanto importa o que é esse sujeito em termos de subjetividade e aí esses sujeitos vão depender muito mais da relação familiar enfim de algumas questões que a psicanálise entende como algo que faz parte da Constituição infantil né do adolescente da infância é eu acho que a gente vai depender muito da leitura que você vai fazer do bullying se for uma leitura antropológica sociológica sim se for uma leitura psicanalítica não

ENTÃO VOCÊ ACREDITA QUE HÁ UMA DIFERENÇA DO BULLYING ESCOLAR PRATICADO AQUI NO BRASIL EM OUTROS PAÍSES TENDO ESSE OLHAR ANTROPOLÓGICO E SOCIOLÓGICO É ISSO?

Dependendo da do estudo macro fatores né políticas públicas desigualdades social nível de educação em relação ao preconceito é nível de com de de desenvolvimento da moralidade nesse sujeito e isso difere de países e de cultura e aí nesse sentido eu acho que sim

ENTÃO ESSA SERIA AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS NÉ QUE VOCÊ ESTÁ APONTANDO AÍ? SE AS DIFERENÇAS DO SUJEITO? COM RELAÇÃO AO A RELAÇÃO INTERPESSOAL MESMO NÉ DELE COM OS OUTROS E O QUE FAZ PARA TEM ESSAS DIFERENÇAS?

Diferenças entre os sujeitos isso é isso? por exemplo quem produz o bullying e quem sofre o bullying ou não? isso que você quer dizer com isso?

OLHA VOCÊ FALOU AFIRMOU PARA MIM QUE HÁ DIFERENÇA NÉ DENTRO DESSE OLHAR ANTROPOLÓGICO SOCIOLÓGICO E SE CITOU ESSAS DIFERENÇAS PARA MIM COM RELAÇÃO AO ESTADO SOCIOECONÔMICO E OUTRAS COISAS ENTÃO É O QUE QUE FAZ É QUE ESSA DIFERENÇA OCORRA? TENDO ESSE OLHAR DENTRO DA ESCOLA?

Então eu vou então destrinchar um pouco esses tópicos que eu te falei dentro de uma leitura mais antropológica e sociológica, eu acho que primeiro em termos de políticas públicas né depende muito é da forma como culturalmente se lida com a questão da diferença né, então como por exemplo em termos de país a gente lida com os grupos minoritários, por exemplo sujeitos que não sustentam uma identidade marcador identitário hegemônico por exemplo sujeitos que não sustentam uma identidade eurocêntrica de um sujeito branco heterossexual católico é enfim normal em termos é digamos normal em termos de Constituição física sem algum tipo de deficiência gritante física todos nós somos diferentes mas que não tenha nenhum tipo de é diferença gritante né tipo não ter uma parte do corpo ou ter alguma deficiência mental então esses grupos minoritários dependendo da forma como um governo, é ratifica políticas de respeito a essa diversidade de marcadores identitárias né é isso interfere na forma como a escola também vai estar tratando essas diferenças, então se você tem um país muito preconceituoso, um país que as políticas públicas elas apenas se direcionando a esse tipo de marcador identitário hegemônico eurocêntrico, é muito provável que dentro dessa escola as crianças que sustentam essa lógica dessa identidade sejam mais preconceituosas com aqueles sujeitos que não sustentam que são aqui pensando que são as minorias dentro da escola pelo menos pode não ser no país por por exemplo a gente tem um país que

é minoria aqui é uma minoria branca em na sua origem né não me que não é miscigenação mas dentro da escola por exemplo de um grupo de uma escola particular de elite não é a minoria. Então eu acho que em termos de políticas públicas é depende da forma como o governo lida com as diferenças porque é e aí eu defendo a usar os autores que ratificam a ideia que o bullying ele tem uma origem fortemente arraigada no preconceito e na discriminação a essa diversidade de identidades é eu penso que em relação às políticas públicas é vão interferir nesse sentido ratificando ou não situações de preconceito e discriminação dentro de uma escola, reflexo da forma como o governo daquele país daquela cultura lida com essas diferenças. É em termos, continuando eu acho que ainda em termos de política se gente trabalha e se a gente se insere num país que é desigual também economicamente isso vai interferir na forma como os alunos é usam essa desigualdade de classes econômicas é também interfere na forma como eles hierarquizam os pares né então a diferença também de classe social ela se torna um dos fatores promotores é dessas situações de bullying que acontece então as situações de bullying também elas acontecem é dependendo da classe social entre os alunos então acho que isso é todos esses fatores vão diferir nesse sentido é de cultura para cultura na forma como a cultura lida com essa diversidade marcadores identitárias.

ESSAS DIFERENÇAS TÊM A VER COM AS CARACTERÍSTICAS DO BULLYING ESCOLAR AO SEU ASSIM A MANEIRA COMO VOCÊ ESTÁ FALANDO APRESENTANDO TEM A VER COM AS CARACTERÍSTICAS DO BULLYING NÉ QUE SÃO OS PRECONCEITOS AS DISCRIMINAÇÕES COMO VOCÊ COLOCOU AÍ VOCÊ ESTÁ DE ACORDO OU NÃO?

Ó é mais ou menos isso que eu que eu tracei agora né o bullying ele é eu sempre reforço isso são muitas as leituras acerca do que é o bullying hoje em dia né é e eu ratifico essa ideia de que o bullying ele num certo sentido ele está é fundamentado nas situações de preconceito a as diferenças de dentro da escola.

E PARA VOCÊ QUAIS SERIAM AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DESSE FENÔMENO DO BULLYING?

Então primeiro eu como psicanalista eu vou falar de uma maneira muito pessoal tá porque se eu for me basear em autor eu vou falar uma coisa completamente diferente. Para mim como psicanalista primeiro tem que haver um conflito psíquico entre as 2 partes né e aí o que é psicanálise traz a informação é o seguinte a gente precisa é ter 2 tipos de identidade numa situação de bullying é a

gente existem 3 tipos de identidade no geral é um sujeito que ele tem uma identidade que a gente chama de agressiva um sujeito que tem um tipo de personalidade caracterizado pela psicologia como passiva e um sujeito assertivo né existem 3 tipos todos nós nos caracterizamos num certo grau com alguma dessas características o sujeito para existir o bullying é necessário que existam sujeito com uma característica ativa agressiva que é um sujeito que ele não consegue dialogar é um sujeito que tem algum conflito psíquico que ele necessariamente precisa se auto afirmar a todo, em todos os espaços que ele transita né ele não consegue entender que existe um direito do outro que deve ser respeitado para esse tipo de personalidade os direitos dele é com as suas vontades os seus prazeres são mais importantes do que todo mundo só que ele não consegue afirmar isso de maneira argumentativa ele só consegue através da violência justamente porque ele não tem essa capacidade assertiva de diálogo então por outro lado existe tem que existir um sujeito com uma identidade mais fácil que é um sujeito de forma oposta a essa identidade agressiva que é um sujeito que ele não consegue defender os seus próprios direitos ele psiquicamente foi constituído a acreditar que os direitos do outro são mais importantes que a opinião do outro é mais interessante então ele sempre deixa o outro passar por cima dele é um sujeito que ele é incapaz também de se utiliza do diálogo da mesma forma que o sujeito agressivo para defender os seus próprios direitos então são sujeitos que psiquicamente se caracterizam como passivo. Então primeiro a meu ver tem que existir essa dupla um sujeito agressivo que precisa se autoafirmar, a partir de algum tipo de diferença e aí por isso que eu digo que é necessário haver aí uma não respeito um preconceito em relação às diferenças identitárias, mas que para isso também precisa existir um sujeito que não consegue se defender. Então primeiro tem que existir aí uma psiquicamente um ator de subjetividade agressiva e um ator de subjetividade passiva e depois tem que existir a plateia né então a origem do bullying também traz para que o sujeito, aí eu vou trazer mais interpretação em é psicanalítica em cima do que é o conceito original diz é para que esse sujeito agressivo é se auto afirme que é esse o objetivo dele né ele precisa vir no meio daqueles alunos se afirmar como valentão né origem do conceito para isso tem que existir alguém que nomeei ele como valentão, então precisa existir uma plateia para observar ele batendo naquele sujeito menor passivamente se não existe plateia ele não consegue se auto afirmar, ele não consegue ali sustentar a fama de valentão. Então precisa existir o grupo de amigos daquele contexto que assista aquelas situações recorrentes de bullying terceira característica tem que haver uma recorrência se não se torna uma agressão física ou uma agressão

psíquica e aí eu estou me utilizando dos conceitos do Bernard Charlotte que o Bernard Charlot ele faz essa diferenciação, entre agressão agressividade, né é bullying incivilidade e indisciplina então aí eu estou me fundamentando nessa terceira é característica é que para se diferenciar de uma situação de violência tipo peguei um menino quando eu fui entrevistar na minha tese os professores eles diziam que assistiu na sala de aula criança que pegava a cabeça do outro e saía correndo na hora do Recreio e ele ficava sabendo que bateu a cabeça dentro do vaso sanitário na hora do Recreio isso não é um bullying né isso é uma situação de agressão física é uma violência de agressão física é diferente do bullying para que seja bullying isso deve ocorrer de forma recorrente deve ser algo que se vá se prolongando durante um tempo específico por que isso porque isso tem consequências diferentes para o sujeito que sofre né, uma agressão física ele chega em casa com a testa aberta, por mais que ele esconda da mãe, a mãe fica sabendo, aí ela vai na escola direção tomam uma atitude e as consequências são digamos um pouco mais tranquila do que um sujeito que começa a ter medo de ir para a escola porque todo dia ele tem medo de levar de baterem a cabeça dele na parede. E essas consequências esses sintomas que vão surgir a partir daí como depressão né medo de escola evasão escolar repetência e todos aqueles é características que o bullying pode né consequências que o bullying pode trazer é diferente então acho que é necessário a gente entender que o bullying são situações que acontecem por um período prolongado de tempo acho que essas 3 características são as mais importantes a meu ver.

E PARA TERMINAR É VOCÊ ACREDITA QUE ESSAS CARACTERÍSTICAS ESTÃO PRESENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SE ESTÃO DE QUE FORMA ISSO NÃO ESTÃO POR QUE QUE NÃO ESTÃO?

Então eu acho que na educação física isso é a probabilidade de acontecer é maior do que dentro de sala de aula mas é menor do que na hora do Recreio e aí eu vou explicar ou na entrada saída né naqueles horários livres é maior porque é o esporte e a atividade física ela promove aí alguma é promove um tipo de é reorganização hormonal que faz com que o sujeito ele tenha menos capacidade de controle das suas ações né então o sujeito que tem aí uma carga grande de endorfina adrenalina e tudo o que o esporte libera ele tem fica com que a gente diz é com que é o emoções à flor da pele né o e o que que isso quer significar aqui aí há um descontrole uma mudança de hormônios que são necessários para um controle dessas emoções que provocam as situações de violência, então a atividade física

por um lado, por outro lado antes de eu voltar essa frase, por outro lado ela é também um mecanismo de sublimação desse sujeito né então é muitas vezes um aluno ele está com muita raiva porque aconteceu alguma coisa na hora do Recreio e ele desconta com uma bola na mão batendo em algum lugar que não seja o amiguinho, né ele teria vontade de bater jogar bola na cara do coleguinha mas ele bate na parede porque ele sublima isso ele tem um outro mecanismo de lidar com a raiva é que não seja direcionado a um outro colega né um outro ser humano isso é o que Freud vai chamar como sublimação esporte faz isso né as pessoas às vezes estão nervosas estressadas elas saem para correr e volta tranquilo felizes, né ou sai para fazer um crossfit aí, sai para fazer um boxe aí bate no saco, então o mecanismo sublimatório, por um lado a atividade física ele pode ser um ótimo mecanismo para as crianças e adolescentes se bem direcionadas a sublimarem essas emoções que todos nós sentimos, é eu vou voltar ao Charlot a agressividade é diferente de agressão agressividade é uma reação humana normal de todo o sujeito que sente frustração e todos nós somos frustrados na vida né sofremos injustiça em todo mundo tem vontade de esganar alguém em algum momento da vida né a diferença é por que que a gente alguns esgane outros não se a gente esgana aí vira uma agressão é diferente da agressividade por isso que a conceituação do de cada termo da violência escolar é tão necessária porque ele ajuda a gente a pensar estratégias que são específicas de cada um, então a agressão e agressividade difere o que acontece é a gente tem agressividade todos nós e alguns sujeitos conseguem sublimar isso, sei lá fazer meditação ioga ao invés de quebrar a cara do amiguinho a gente medita faz ioga conversa com o colega né bota pra fora pega uma bola bate na parede mas se esse sujeito ele não teve essa educação sublimatória sabe ao ninguém ensinou ele a controlar as emoções a aula de educação física é um ótimo espaço para ele quebrar a cara do coleguinha, se vira ele tem a liberdade de movimento de corpo, e aí a hora de tacar um chute né de chutar a bola na cara do outro ou de não chamar o coleguinha para ser do time falar eu não quero chamar você porque você é gordo né uma coisa que acontece, não quero chamar aquele gordo, eu não quero chamar aquela pessoa que é assim e aí vem toda uma gama de preconceitos é nesse sentido então a educação física pode ser um espaço dependendo do professor que mediu o que vai diferir isso o professor que vai mediar ele pode ajudar o aluno a lidar com a sua agressividade de uma maneira sublimatória e aí a educação física um espaço privilegiado para fazer isso não é mas ele também pode estimular o preconceito a discriminação quando ele não ajuda esse aluno a lidar com essas diferenças, quando ele fala assim a escolha aí beleza ele não te escolheu anão corre

direito você também não corre direito tem professor que estimula o preconceito, né PORRA***** também não corre direito, vai tirar dele um professor que pensa a educação física como um espaço de esportivização né, excesso de esportivização, um espaço de rendimento fisiológico, biomecânico sei lá mais o quê, e não um espaço de construção de uma educação intercultural né para as diferenças culturais é ela se torna um espaço riquíssimo para o bullying então vai depender a meu ver é da mediação docente.

ENTREVISTADO 4 – E4

É O QUE VOCÊ ENTENDE SER BULLYING ESCOLAR?

É o bullying escolar para mim é uma forma é de violência não é dentre tantas possibilidades da ocorrência de violência no contexto escolar ela é um tipo de violência que segundo as definições né aquela que acontece cotidianamente ou com uma certa frequência e é isso que distingue o bullying das outras formas de violência que acontecem na escola então o bullying na escola eu entendo como uma forma de violência que acontece de maneira repetitiva em relação a uma pessoa ou um grupo de pessoas que é considerado diferente por parte das outras pessoas é então isso como definição é agora para mim o que está por trás disso é uma não aceitação da diferença é o quando o bullying acontece é uma forma de se auto afirmar ou afirmar-se num contexto de uma padronização em relação àquele que não é considerado é desse mesmo padrão

E O BULLYING ESCOLAR ELE É IGUAL EM TODOS OS LUGARES É EM QUE EM QUE SENTIDO EM TODOS OS LUGARES EM TODAS AS ESCOLAS ISSO QUER DIZER É EM TODAS AS ESCOLAS EM TODOS OS ESTADOS?

Eu acho que o bullying como um fenômeno sim é porque para mim o que que está por trás do bullying né o que está por trás é uma sociedade que padroniza que traz da modelos para que as pessoas sigam e como nós não somos todos iguais algumas pessoas elas, elas ousam se assumir de uma maneira diferente e aqueles que se sentem ofendidos por essa ousadia acabam atacando aqueles que são os considerados os fora do padrões do padrão então o que a gente tem então a gente tem uma pessoa a gente tem uma sociedade que dá um padrão de corpo é de um determinado formato qualquer pessoa que esteja fora desse formato para mais ou

para menos ou muito magro ou muito obeso está fora do padrão então essa pessoa pode ser um alvo né do bullying porque ela não está num determinado padrão numa sociedade que ela que a gente vê uma supremacia branca uma pessoa que não tem a cor branca ela pode ser considerada vítima do bullying, porque ela está fora de um padrão então numa sociedade heteronormativa uma pessoa que não tem o padrão heterossexual né como conduta ela pode ser vítima de bullying porque ela está fora de padrão então para mim o que está por trás do bullying é um preconceito, né e a pessoa preconceituosa como diz Adorno, é uma pessoa que ela não se se afirma é em si mesma então são pessoas inseguras e são pessoas que elas não veem, é a pessoa elas tendem a categorizar um grupo elas pegam uma característica de uma pessoa e colocam isso num grupo todo então elas generalizam características e tudo elas não lidam com o real então se a gente tomar isso como base, o bullying é igual em todo lugar porque em todo lugar a gente vai ver pessoas que que não lidam bem com o diferente porque elas não conseguem também se auto afirmar então o tempo todo elas vão fazer é essa elas terão essa relação né de não aceitação do outro. então a gente vai encontrar em diferentes contextos pessoas que são preconceituosas de diferentes formas que são os machistas que vão acabar fazendo bullying com as meninas são os racistas que farão bullying com as pessoas negras, são os gordo fóbicos que farão o bullying com as pessoas obesas, ou são aqueles que farão bullying com os NERDs ou aqueles que são muito inteligentes, porque tem ali uma projeção de algo que gostaria de ser. Então isso a gente vai encontrar em todas as escolas né esses diferentes padrões que a gente vai encontrar porque infelizmente a gente não tem ainda uma educação humanista no sentido de reconhecer valorizar as diferenças né, então isso sim pode ser que a gente encontra alguma, diferença na manifestação em algumas escolas pode ser que a manifestação seja mais ostensiva que em outras em alguns em algumas escolas pode ser que o ruim seja acometido de uma forma mais é indireta de uma forma menos visível ao ponto de alguns diretores quando a gente conversar conversa dizer assim na minha escola não tem bullying, é porque as coisas são tão são feitas tão escondidas que os adultos em geral não percebem que essas coisas acontecem na escola e em outras escolas a gente pode encontrar isso de uma forma mais aberta mais direta né por meio de agressão física inclusive também mas na minha perspectiva acontece em todos os lugares porque a gente tem uma sociedade que é preconceituosa.

ENTÃO VOCÊ ACREDITA QUE É O BULLYING ELE PODE SER PRATICADO DE FORMA DIFERENTE AQUI NO BRASIL E NO EXTERIOR EM OUTROS PAÍSES PORQUE JÁ QUE VOCÊ FALOU QUE HÁ UMA DIFERENÇA NA MANIFESTAÇÃO ENTÃO ASSIM O PRECONCEITO ELE VAI EXISTIR, MAS É DE FORMA DIFERENCIADA QUERIA QUE VOCÊ FALASSE UM POQUINHO SOBRE ISSO.

É eu acho que dependendo do controle eu vejo assim que contextos de um controle maior provavelmente a manifestação do bullying vai ser mais velada porque é velada no sentido do controle e não velado porque a gente sabe que o bullying para acontecer ele tem que ter público é a coisa tem que ser de forma que as pessoas que estão no grupo saibam que acontece porque isso é o que dá poder pro agressor também para o autor do bullying, mas ele vai ser velado no sentido do dos mecanismos de controle não perceberem que ele acontece em contextos em que o controle não é tão intenso o bullying pode ser manifestado de uma forma mais direta, porque aí é eu não preciso fazer escondido ver porque ali não tem uma fiscalização não tem alguma coisa mais mais intensa então eu a questão da diferença para mim já muito mais em relação aos mecanismos que estão que fazem parte do contexto de maior ou menor controle para que ele seja mais ou menos visível pro grupo. E também a forma como as pessoas lidam com as relações talvez em países ou em contextos em que é dado mais é valor para as diferenças mais valorização e respeito às diferenças pode ser que aconteça menos bullying do que em outros contextos que o preconceito ele é mais ostensivo o Brasil. é o Brasil é um país preconceituoso embora viva uma ideia falsa de que a gente não é preconceituoso e cada dia mais a gente tem visto os preconceitos saírem dos armários e serem escancarados por uma própria legitimação que a gente tem visto a partir né do dos governantes e tudo então parece que cada vez mais os preconceituosos estão saindo né dos seus das suas tocas dos seus armários estão é colocando publicamente todo o seu preconceito então eu acho que está caindo a máscara do Brasil como um país não preconceituoso e a gente tem visto de fato como a população Brasileira é.

NO CASO ENTÃO ESSAS DIFERENÇAS VOCÊ DIZ NÉ É SERIAM ESSAS DIFERENÇAS COM RELAÇÃO ÀS RELAÇÕES TEM MAIS ALGUM VOCÊ FALOU DO DA QUESTÃO DO PRECONCEITO NÉ TEM MAIS ALGUM OUTRO OUTRA OU OUTRO TIPO DE DIFERENÇA QUE VOCÊ GOSTARIA DE SALIENTAR ESTÁ ALI A IMBRICADA A QUESTÃO DO BULLYING DA RELAÇÃO MESMO DE PODER?

É, eu acho que tem uma questão de uma autoimagem né que também está por trás da questão do preconceito é as pessoas que têm uma auto imagem um autoconceito é mais estabelecido não precisam é atingiu o outro então elas acabam é aceitando e valorizando as diferenças muito melhor do que aquelas pessoas que não têm uma boa autoimagem que não tem um bom auto conceito porque eu preciso diminuir o outro para me fazer é para me colocar nessa situação do poder então o que a gente vê no bullying né em geral e Na violência para o negro geral a gente tem uma tendência a achar que o autor é o mais forte é a pessoa mais segura mas os estudos mostram que é exatamente o contrário os autores desses atos dos atos de violência e do bullying em geral são pessoas inseguras e elas então criam a sua imagem a partir desse movimento não é de subestimar o outro de violentar o outro então eu diminuo o outro para me fazer superior então essa relação né do bullying tem a ver com relação de poder e tem a ver com uma relação de uma autoimagem distorcida é então, de novo a gente volta para a questão do dos estereótipos e tal se eu acho que eu não estou dentro daquele padrão que é esperado pela sociedade ao invés de eu lutar com a sociedade que me dá os padrões e eu luto com as pessoas que estão fora do padrão é então tem ali uma relação né de do autoconceito, da autoimagem de si e do dos estereótipos que são colocados pela sociedade que interferem nessas nessa relação com o outro.

ENTÃO NO CASO O QUE FAZ ESSAS DIFERENÇAS OCORREU ENTÃO SÃO OS ESTEREÓTIPOS NÉ QUE SÃO PARA VOCÊ NÉ QUE SÃO IMPREGNADOS DENTRO DA SOCIEDADE E É COMO O OUTRO SE VÊ?

Porque a gente vive numa sociedade da massificação né Flávia a gente é tem padrões que são colocados e são tidos como o os únicos possíveis, então inclusive tanto na questão da imagem corporal que a gente estava dizendo falando disso né do obeso ou do alto ou do tal, mas em relação a posses também né, então na nossa sociedade pra você ser considerado uma pessoa legal você tem que ter um x celular se você não tiver o X celular você não é considerado uma pessoa legal e numa então nessa sociedade que dá esses padrões do ser e do ter, você não ser ou não ter condição de ter também te coloca num lugar de inferioridade em relação aos que têm então isso também é pode ser um motivo de uma pessoa se tornar uma pessoa violenta em relação aos outros é como se ela despeja se no outro toda a sua insatisfação, por ser como é, e por não ter aquilo que a sociedade coloca como sendo o que é necessário para você ser aceito então no final as coisas acabam passando por essa questão desses padrões que são dados e que a gente vive o tempo todo

né pressionado para isso para esses padrões mesmo quando a gente fala, eu brinco aqui com o pessoal e a gente se a gente fala tanto né contra os padrões mas quando a gente sobe na balança e percebe que subir 2 ou 3 quilinhos a gente já começa a ficar preocupado então cadê né essa é essa autonomia em relação a esse padrão social que que a gente fala a gente luta contra isso, mas ao mesmo tempo quando a gente põe o biquíni percebe uma celulite a gente fala nossa olha só então como isso é forte em cima da gente se isso é forte em cima da gente né que já tem um estudo que reflete sobre as situações que tenham conhecimento do que está por trás imagina o que é para um adolescente que está no auge da formação da sua imagem né que está no auge da necessidade de aceitação pelo grupo como isso pesa né e a gente sabe que a mídia a gente sabe que as redes sociais elas vão o tempo todo impondo padrões né o que é ser legal tanto que as pessoas se sentem mal quando tem poucos likes, né então a aceitação passa por isso também então como é essa pressão é muito forte e aí eu tenho que atacar tudo aquilo que indiretamente parece desafiar isso então ao invés de eu atacar o sistema, que faz isso comigo eu vou atacar o meu colega que já está sofrendo também com as próprias situações imagina essa criança um adolescente obeso, numa sociedade que tem o estereótipo do corpo sarado por si ele já sofre né por provavelmente por não estar não atender a esses padrões e aí ele vai sofrer duplamente porque ele vai sofrer um ataque de outros que ao invés de atacar o sistema vão atacá-los por ele não está no padrão, então é é uma sociedade que ela é cruel quando ela traz esses padrões a serem seguidos né por todo mundo e tal para um e para mim o que está na base né do bullying, de muitas ações de violência que não só o bullying né é tal é o preconceito e na base do preconceito tá essa questão

SÃO ESSAS DIFERENÇAS TODOS AÍ QUE VOCÊ VEM FALANDO FALOU ATÉ A QUESTÃO DO STATUS SOCIOECONÔMICO NÉ É ELAS TÊM DIRETAMENTE A VER COM AS CARACTERÍSTICAS DO BULLYING QUE SE ACREDITA QUE TENHA A VER E QUAIS SERIAM ESSAS CARACTERÍSTICAS DO BULLYING ESCOLAR?

Então é de acordo com aquilo que eu comentei dos mecanismos de controle o bullying ele faz se adequar para esses contextos então dentro da sala de aula a gente vai encontrar muito um tipo de bullying que é menos direto e físico porque o mecanismo de controle dentro da sala de aula ele é maior tem um professor que está ali vigilante o tempo todo então ali o bullying vai acontecer talvez seja um bullying mais indireto mas verbal não é por exclusão é por conta dessas questões

que estão é ali sustentando nesse ambiente, num Recreio ou num intervalo é possível que a gente encontre mais o bullying direto físico então de bater no colega de esbarrar e derrubar material de pressionar para pegar o lanche outro então a gente vai encontrar também uma forma mais física do nesse mais direta mesmo é a gente também os estudos mostram que a formas diferentes de bullying entre meninos e meninas enquanto os meninos eles são mais do bullying direto verbal ou físico as meninas cometem mais o bullying indireto que é por exclusão do grupo ou aquilo que a gente chama de fofoca né de falar mal de alguém para que essa pessoa passe a ter uma imagem ruim diante de um grupo seja excluída do grupo então as mulheres as meninas agem mais desse jeito enquanto os meninos agem mas de uma maneira mais direta então há diferença de gênero, há diferença do contexto escolar então diferentes momentos diferentes espaços da escola diferentes manifestações de bullying é por conta desses mecanismos de controle que são colocados mesmo quem é o alvo do bullying né os estudos mostraram isso são todos aqueles que saem de um determinado padrão então ou é a criança ou adolescente de uma classe social que não lhe permita um poder aquisitivo é para ele ter aquilo que os colegas têm em termos de material escolar uniformes celular tênis mochila que são objetos né do desejo do adolescente aquilo que escancarado né de alguma forma essas diferenças de posse são aquelas pessoas que não tenham o padrão é corporal também é ditado né como sendo o adequado para a sociedade então um pouco mais alto um pouco mais magro um pouco mais baixo um pouco mais obeso, são aquelas pessoas também é que saem de uma orientação sexual considerada adequada ou seja heteronormativa então a menina ou menino homossexuais é são os negros são as mulheres em contextos que são é machistas então a gente vai encontrar o alvo nos diferentes lugares ou aquele que se dá muito bem na escola e aí tem uma questão também de afirmação e de atenção né é aquele que é o bom aluno ele tem uma tensão é maior por parte dos professores muitas vezes porque ele é queridinho da professora às vezes nem é o queridinho da professora mas só o fato de ele se dar bem na prova você lidar bem em nota ele acaba sendo o alvo até porque é o que eu queria no final da história tudo passa pelo o que eu queria também eu queria não precisar seguir o padrão eu queria poder ser obesa eu queria poder só que a sociedade me disse que eu não posso e aí eu fico lá o tempo todo né me castigando e sofrendo para estar no padrão e aí um outro vem ele é diferente e como ele ousa isso ele ousa ser diferente ele ousa então tem uma certa projeção aí também então na escola o que a gente vai ver são diferentes formas de manifestação de acordo com o contexto de acordo com a característica também do agressor do

grupo né que está junto dele para dar o suporte e apoiar né esse que que é o pivô né o líder da violência.

E A ÚLTIMA PERGUNTA VOCÊ ACREDITA QUE ESSAS CARACTERÍSTICAS ESTÃO PRESENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SE ESTÃO DE QUE FORMA?

É quando a gente fez um estudo lá atrás né sobre isso a gente achava que na aula de educação física ia explodir a frequência que a gente porque tinha lá o quanto essa sala de aula, Recreio, e aula de educação física e a gente achou que a educação física tem um Monte que foi interessante porque apareceu muito pouco é a questão da violência porque é a nossa leitura é que ela de educação física existe uma certa naturalização de alguns comportamentos violentos, né que as pessoas acham que fazem parte das práticas que a gente traz pra educação física então no jogo xingar é de boa faz parte não é violência xingar no jogo né é fazer um dar um apelido não é violência mas o que a gente percebe não é do lado de quem está de fora né observando o fenômeno e das consequências e do olhar de quem sofre aula de educação física é um espaço sim de bullying porque é um espaço de muita exposição enquanto dentro da sala de aula você consegue muitas vezes é por ficar sentadinho por ficar quietinho ser invisível na educação física é muito difícil você ser invisível do que lá na educação física a sua habilidade é exposta se você erra uma conta de matemática no seu caderno na aula talvez ninguém perceba, se você errar um arremesso na aula de educação física está evidente, tá todo mundo vendo e a gente ontem mesmo uma aluna minha defendeu um TCC que a gente estudou a auto desvalia que é um conceito que o Paulo Freire traz né a gente vem estudando nessa perspectiva teórica que é um auto desvalia é um sentimento de não ter não se sentir valor não sentir valor em si mesmo né não se sentir valorizado e o trabalho dela ela entrevistou professores de educação física e estudantes de educação física que fazem parte do nosso grupo que se voluntariaram para participar e aí a ideia era relatar as situações em que eles tiveram e sentimento de auto desvalia na escola e na aula de educação física e o quanto isso repercutiu na vida deles depois e na escola as coisas que os temas né que a gente trouxe a questão do poder aquisitivo a classe econômica pesa e não só na escola particular mas na escola pública também porque a gente pode falar olha tem alguns casos um caso que foi né é a um filho da faxineira da escola então ele era bolsista então ele sofria o exclusão por causa disso um outro menino ele não era filho da faxineira nem nada ele não era bolsista para fazer parte desse grupo dos excluídos mas olha que interessante a mãe

dele é negra ele não mas a mãe sim e aí quando a os colegas souberam que a mãe era negra ele foi excluído junto do grupo dos com o grupo dos bolsistas porque não a classe social e é veja como a questão do racismo e da classe social ali ficou junto então olha você até pode ser pagante mas a sua mãe é negra então você não pode fazer parte do nosso grupo então o menino foi excluído na escola particular a escalar a escola particular né tem essa questão do poder aquisitivo só que na escola pública um menino também relatou né agora um professor relatou que ele dividiu o material com o irmão dele na escola pública e na escola pública ele era excluído porque ele não tinha o mesmo poder aquisitivo ainda que não fosse um grande poder aquisitivo ele tinha menos do que os outros então também na escola pública né e aí a gente lembrou muito do livro do Norbert Elias né dos outsiders e dos estabelecidos quando ele faz essa ele estuda né uma comunidade em que todo mundo trabalhava na mesma empresa na mesma firma na mesma indústria todo mundo tinha o mesmo salário só que um grupo chegou no bairro primeiro e um grupo chegou no bairro depois e esse grupo que chegou primeiro era o estabelecido e os que chegam depois são os outsiders né eles são aqueles do lado de fora então eles sofrem preconceitos do grupo estabelecido embora eles vivam em casas que são exatamente iguais porque são dadas pela indústria tem salários exatamente iguais mas eles chegaram depois então dentro dessa mesma comunidade então dentro da escola pública a gente vai ver também a questão da classe social outras questões a questão da cor do formato do corpo, a gente já viu de corpo se cores e corpos né e quando a gente vai pra educação física a gente amou e legitimação do corpo aqueles que não tinham aquele determinado padrão de corpo que podia ser o corpo deficiente podia ser o corpo obeso eles já eram segregados dentro da área de educação física sofriam situações de preconceito e que levavam a esse sentimento de auto desvalia de se considerar menos que no bullying a gente fala a pessoa que é vítima ela acaba acreditando naquilo que os agressores falam que ela é né a certo chega num certo momento que ela começa a achar que ela é inadequada mesmo que ela é BURRA que ela é feia que ela é isso porque é isso que o tempo todo vão colocando para ela, que é o que a gente chamou de auto desvalia que é a questão da habilidade então muitas pessoas se auto exclui o das aulas para não sofrerem a violência dos outros, inclusive foi a própria autora que ela deu depoimento ontem na não, ela contou de um outro de um de um estudo que ela fez que a professora a pessoa dizia que ela tinha como quando ela jogava quando ela era criança todo mundo gritava com ela porque ela errava e ela não era boa pro resto da vida ele evita atividades com bola que ela tem medo dos gritos ela tem medo que gritem com ela só que ela hoje ela é

adulta e ainda assim ela traz consigo esse medo, né a insegurança de jogar porque ela tem receio da reação dos colegas então aquilo que ela sofreu lá na aula de educação física lá na escola ela carrega até hoje como adulto então ela evita qualquer atividade quando alguém convida vamos jogar bola, ela fala não não quero e ela evita aquilo que poderia ser um momento né de diversão ela evita por conta desses traumas pequenos traumas que ela sofreu na aula de educação física é então tem bullying na educação física tem bastante bullying porque é mas nem todo mundo tem a mesma habilidade, e a gente acaba exigindo que todo mundo tenha o mesmo padrão de habilidade e aí aqueles que não têm eles acabam de novo sendo sofrendo violência por parte dos colegas se não for o bullying mesmo, há outras bastante bullying porque é mas nem todo mundo tem a mesma habilidade e a gente acaba exigindo que todo mundo tenha o mesmo padrão de habilidade e aí aqueles que não têm eles acabam de novo sendo sofrendo violência por parte dos colegas se não for o bullying mesmo há outras formas de violência que acontecem na aula de educação física que podem não se não repercutir em outros contextos da escola mas que dentro da aula de educação física é repetitiva o que leva muitos muitas crianças e adolescentes a evitarem a aula de educação física para evitarem os tipos de comentários ou de piadas ou de xingamentos que são colocados imagina a Flávia estava lendo um caderno de anotação por conta de uma banca que eu fui a semana passada que falava de registro das aulas e eu tenho um caderno de 30 anos há 30 anos quando eu trabalhava na escola eu fazia os meus registros e aí como esse trabalho falava disso eu fui buscar esse caderno achei outro dia e tinha uma fala de um aluno que eu pego pedi para eles escreverem depois da aula né o que eles sentiram né jogando e tal acho que era uma aula de basquete e um menino falando assim é o meu corpo ficou agitado mas eu me senti um BABACA porque eu corri o tempo todo e ninguém me jogou e ninguém jogou a bola para mim então olha só né eu tenho ali o esse registro de era um menino de eu trabalhei de primeira a quarta série na época né então era uma criança de primeira a quarta série que escreveu quando eu li isso agora 30 anos depois que caramba né e aí tá lá Oo meu comentário eu sentei com ele para conversar porque que ele se sentiu dessa forma e tal O registro foi esse A atividade foi legal mas eu me senti um BABACA, porque eu corri e ninguém passou a bola para mim então eu tipo de situação que se a gente não está atento né pra ver o que acontece né esse menino se sentiu quando ele fala eu me senti um BABACA* para mim assim hoje eu lendo aquilo falei caramba né se nada fosse feito se nada foi feito esse menino é um talvez um que nunca mais ia jogar bola na vida não porque a sensação que ele sentiu ali né pegando aquele o

estudo de ontem eu fui um sentimento de auto desvalia pois não sirvo pra nada eu estou aqui correndo feito um bobo peço a bola e ninguém me joga então ele esse tipo de situação acontece muito e na aula de educação física que talvez não seja bullying no sentido né da definição que a gente tem nos livros mas se isso acontece em todas as aulas educação física né pode ser que não aconteça fora né o quanto isso vai refletir na formação dessa criança e desse adolescente.

ENTREVISTADO 5 – E5

O QUE VOCÊ ENTENDE SER BULLYING ESCOLAR? O QUE É BULLYING ESCOLAR?

Aí veja bem se a gente fosse se fosse se a gente for considerar a teoria do bullying seria uma forma repetida repetitiva, continuada e tal de uma agressão que pode ser física verbal ou com várias nuances na praticado por um ou por mais a gente né isso é o que diz respeito a teoria do bullying. E por que que eu falei 3 palavras e quando eu falei das 3 palavras eu falei desuso ação ou chatear porque na verdade quando a gente começa a pesquisar o é o que diz respeito ao bullying no ambiente escolar porque a minha linha de pesquisa ela procura é observar o cotidiano escolar né então a gente teve a preocupação da voz a esses atores porque a gente começou a pesquisar o bullying em 2015 né e na verdade quando eu comecei fui tocado né fui convidado para orientar uma dissertação do mestrado na rede euroamericana de motricidade humana. E esse recorte do bullying que tinha uma preocupação da minha orientanda na prática eu dava, eu estava na educação física escolar ainda, nesse período então dava aula na educação básica para os colegas para os professores o bullying era uma coisa muito distante embora a teoria já começasse a ser sabe divulgada nos meios de comunicação e tudo mais então na realidade a prática do bullying e como ele era concebido teoricamente é uma coisa que tava distante do ambiente escolar então para a gente já foi uma curiosidade a gente começar a investigar o que seria é a percepção do bullying nesse ambiente né e o que a gente encontrou nas pesquisas que a gente foi desenvolvendo até então é que essa forma conceitual do bullying né nem sempre a gente identifica quando a gente vai pra prática a gente vai para pesquisa então são poucos os casos que de fato na concepção né da teoria no conceito né nos parâmetros estabelecidos para que a gente determine o que seria bullying a gente encontra. Encontra sim mas não

são a maioria dos casos é só algumas exceções vamos chamar de exceções se a gente considerar a grande maioria dos casos que a gente encontra por enquanto as pessoas dizem que a bullying. Então por isso que quando eu falo de 3 palavras como me vem a cabeça o bullying eu me eu me lembro da teoria eu me lembro da zoação que é o mais comum eu me lembro da chateação ou da indisciplina não é então é mais ou menos por aí eu não sei se eu se eu respondia o atendi a sua perspectiva

E O BULLYING ESCOLAR ELA É IGUAL EM TODOS OS LUGARES?

Eu acredito que não. O que a gente pode perceber é o seguinte ele é de acordo com o contexto não e mais ele é de acordo como que as pessoas percebem esse bullying. Então o que a gente tem visto de uma forma geral, é que tudo virou bullying o que é uma coisa preocupante porque o bullying não é uma brincadeira o bullying não é uma zoação o bullying não é uma chateação se a gente for considerar os casos de fato que existe bullying, o bullying é uma coisa muito séria né que a gente observa é que precisa realmente tratamento as pessoas que são afetadas são os vitimizados pelo bullying né são pessoas que reagem de forma distintas mas hoje em dia por exemplo pra você ter uma ideia algumas pessoas que me estão me procurando para fazer o mestrado e com foco no bullying são pessoas que dizem que sofreram bullying, ou seja as pessoas passaram por uma vivência escolar em um determinado momento e lembrar olha espera aí há eu fui alvo de bullying, mas quando a gente começa a conversar com as pessoas de fato sabe, ela foi zoada, ela foi chateada sabe, ela foi sabe é alvo de chacota né, mas não que a gente considera como tendo sido o bullying propriamente dito então essa é uma perspectiva que a gente observa. Eu acredito pela até pela pelo que a gente tenha investigado porque a gente fez pesquisa nas escolas públicas não é a maioria das nossas pesquisas não é, e essas pesquisas elas tratam com eu acho que o perfil dos sujeitos praticantes do bullying por que isso não seja bullying que zoa o que já tenham tudo mais é um pouco diferente de alguns ambientes agora pouco você ter uma ideia a primeira pesquisa que nós fizemos é sobre o bullying foi uma escola pública de excelência o ambiente, é outro sabe o que é considerado bullying é diferente sabe o próprio contexto pedagógico da escola isso é uma escola mais tradicional ou se é uma escola menos tradicional isso aí muda esse enfoque do que qual seria a percepção dos atores porque aí eu me remeto a perspectiva dos atores não eu acho que é muito importante a gente procurar saber a perspectiva dos atores porque uma das evidências que a gente começou a identificar nas pesquisas bullying é que existem especialistas não é existem numa perspectiva do Howard Becker não

existem os especialistas existem os impostores normas que são agentes né que estão responsáveis por cuidar do desvio então e nem sempre a perspectiva desse sujeito aí com o que a gente começou quer saber que as coisas mais ou menos batem porque a gente não foi investigar o bullying propriamente dito mas fomos observar qual era o contexto social em que isso foi propício para que surgissem as teorias bullying e para que houvesse essa disseminação sabe de políticas né de legislações para combate do bullying no ambiente escolar e um bullying pensado por especialistas, aí que eu vou voltar à questão de especialistas você falou dele é quando você me chamou lá nós vamos fazer entrevista de elite quando especialistas eu não me sinto assim né até porque quando a gente vai pois é e quando a gente vai pesquisar aí a gente vai pesquisar O bullying aí a gente encontra de fato se a gente brincar com a teoria da sociologia do desvio nós vamos encontrar especialistas sim e vamos encontrar em opositores de normas né e esse especialistas são pessoas que nem sempre estão no ambiente escolar, então é algo extremamente preocupante nós que somos da escola né eu fico trabalhando na educação básica de 1992 até 2015, nós aí, depois que eu sai e fui ficar só na no instituto de educação física. né então Quem é Quem vivenciou muito da do da educação escolar é uma reclamação comum que as políticas públicas as normatizações da escola nem sempre dão voz aos atores escolares. E particularmente os professores é o nosso caso, daí muito menos os alunos, então isso cria um distanciamento dessas normas do ambiente escolar que nem sempre ele é homogêneo então a gente tem que ver de acordo com o contexto. Naquela bate-papo nós tivemos lá com a professora a GUERRE a professora Ethiene da UFF, ela falou uma coisa muito interessante me chamou a atenção que é algo também que eu sabe eu não tinha parado para pensar ela fez uma seguinte questão mas que ela fez a questão até para você quem serão os punidos pelo bullying e a gente vai ver que serão aqueles mais pobres serão aqueles eram os negros, sabe são os rotuladores que a sociedade já tem então quer dizer criou-se uma legislação para punir aqueles que já são punidos ou seja aqueles que já são marginalizados e punidos no ambiente social né porque rouba um pão porque sabe pulou a roleta do ônibus porque sabe cometeu uma pequena infração, ele sabe vai começar a ser punido na escola. Então sabe essa questão estrutural é algo preocupante não pela lei do bullying né mas pela disseminação sabe dessa ideia de que tudo é bullying né e principalmente pela legislação que foi estabelecida para penalizar o ao pessoas que quem criou a lei e quem sugeriu sabe a política do bullying são pessoas que não são do ambiente escolar são pessoas que não lidam com a prática, sabe então pessoas que a gente observa, nas nossas pesquisas a

gente observou que o bullying é um fenômeno transitório e por que que nós acreditamos que o bullying é um fenômeno transitório, porque de fato ele não deve permanecer por muito tempo ele vai parar durante um determinado período sabe então essas teorias do bullying que está sendo feito nós a nossa pesquisa não é para desconstruir a teoria do bullying então para entender o fenômeno e principalmente para entender quais foram as reações dessa implantação da legislação do bullying no ambiente escolar. Há preocupação por exemplo da professora Ethienne já é de questionar a própria teoria ela tem uma perspectiva muito diferenciada não é que eu, quando eu proponho não me arrisquei porque também não é do meu metier sabe, discutir as questões as teorias da psicologia que fundamentam o próprio fenômeno, entendeu então quer dizer para você ver que é essas poucas décadas que o fenômeno está estabelecido aí então já está sendo muito questionado, porque já permitiu também que as pessoas os pesquisadores pudessem olhar pro passado e ver qual foi a consequência disso ao longo do tempo então por isso nós acreditamos crescer um fenômeno transitório, ele vai ter uma terminabilidade algum determinado momento ele vai cair em desuso, vamos pensar assim como as leis do bullying eu particularmente acredito que ela vai cair em desuso, vai ser difícil a gente experimentar isso, você pode punir um professor porque sabe não penalizou o seu aluno por algo que ninguém sabe o que é, ou que principalmente sabe todo mundo acha que é qualquer coisa, poxa uma loucura né e além do mais o que a gente observou até teve uma pesquisa de uma de uma mestrandia nossa que ela procurou observar os praticantes do bullying ao longo do tempo e percebeu o seguinte bom ao longo do tempo esse sujeito muda esse rotulado que aí nós entramos na teoria da estigmatização da rotulação esse rotulado, esse praticante que é rotulado como praticante de bullying né, esse sujeito desviante se a gente for na perspectiva sociologia do desvio ele vai mudando ao longo do tempo seus comportamentos suas atitudes em função do próprio processo socialização no qual, do qual a escola os professores são agentes fundamentais. A família é um agente fundamental entendeu então quer dizer isso é uma questão de um processo então isso vai acabar um determinado momento no indivíduo, naquele grupo de sujeitos que entrasse pois seria o grupo de praticantes de bullying.

ENTÃO, VOCÊ ACREDITA QUE HÁ DIFERENÇA DO BULLYING ESCOLAR PRATICADA AQUI NO BRASIL E EM OUTROS PAÍSES?

Eu Acredito que sim porque olha só a experiência que eu tive eu tive fazendo uma doutorado na universidade de Coimbra e conversando com os colegas lá porque

é uma das uma das questões foi para fazer a pesquisa sobre outro tema, não mas eu levei meu livro ali foi publicado recentemente aliás a gente não pode não pode fazer um lançamento presencial por causa da pandemia não é mas eu levei um livro e distribuir o livro tive oportunidades pessoas acharam muito interessante falaram a gente vai convidar você pra falar sobre o bullying aqui. Olha a cultura portuguesa é bem diferente da nossa, por mais que a gente julga Ah existe proximidade, claro existe proximidade é evidente que há muito mais distante, a nossa distância para a cultura francesa é muito maior do que a portuguesa, o mais a perspectiva deles em relação à educação aos procedimentos educativos até bem recentemente sabe as escolas portuguesas, permitiam penalizações mais severas de seus alunos o que nós não fazemos já há algum tempo, não entendeu o que seria sabe essa zoação, para você ter uma ideia eu vou fazer o meu recorte, que aí também é o meu preconceito porque eu estive hospedado em um determinado período, na casa de pessoas portuguesas, eu fiquei assustado sabe do jeito que os avós, e os pais tratam as crianças, a seu bostinha, a seu porcaria, é que sabe uma forma negativa e pejorativa sabe, que pra mim soa mal, falei poxa vida né tem que tratar a criança sim sabe desse jeito não mas para eles é normal não estão fazendo alguma coisa errada então logicamente eu a própria questão do bullying já de acordo com o contexto então nessa diversidade cultural que nós temos no Brasil é evidente que essa perspectiva do que seria sabe uma agressão verbal oral alguma coisa assim uma zoação em um contexto escolar pode ser diferente do outro. Então a gente poderia ser eu acho que muito mais gritantes a gente comparar por exemplo de uma cultura nacional para outra nação. É eu penso desse jeito, lógico não tenho evidências para fazer essa afirmação isso é só uma suposição,

ENTÃO ALÉM DA QUESTÃO DA ORALIDADE NÉ DA AGRESSÃO VERBAL DO DOS A APELIDOS NÉ QUE A GENTE DAS CHACOTAS QUE ACABA SENDO UMA BRINCADEIRA É QUAIS OUTRAS DIFERENÇAS QUE VOCÊ ACHA QUE EXISTI, ALÉM DA AGRESSÃO VERBAL TEM ALGUMA OUTRA DIFERENÇA QUE VOCÊ ACHA ASSIM QUE DIFERE DE UM PAÍS PARA O OUTRO DE UMA CIDADE PARA OUTRA DE UMA REGIÃO PARA OUTRA?

É a gente está falando só em especulação não é achismo mesmo né é porque eu não posso afirmar isso assim com evidência né só que Eu Acredito que possa ser eu vou falar uma outra questão importante porque essa minha vivência em Portugal foi muito legal porque eu aprendi muita coisa né uma das coisas que me chamou muita atenção por exemplo a relação entre o homem e a mulher, gente a mulher é

lixo né sabe na pouco nas poucas oportunidades que eu pude perceber e ter contato e observar, essa mas é nessa nas permanência em Portugal, sabe é que eu vi um pra você ter uma ideia eu ouvi uma conversa de uma mulher Brasileira que morava em Portugal já há muito tempo deixa uma portuguesa numa mesa de um restaurante eu estava sentadinho na sozinho isolado né deprimido meu cantinho né sem ninguém lá e almoçando no mesmo momento que tinha uma mesa próxima com 2 casais e a Brasileira falava abertamente discutindo com a portuguesa sabe da diferença é o tratamento que o homem brasileiro no Brasil dá para as mulheres, e a gente crítica o feminicídio a gente fala que nós somos sexistas nós somos machistas por isso que essa questão contextual é muito importante para a gente entender sabe esse fenômeno, sabe esse outros fenômenos, a próprio questão do gênero não ela tem que ser contextualizada porque é evidente que se a gente fala de um estudo cross cultural as perspectivas podem ser muito distintas, então ela falava de coisas assim e criticando sabe a relação não é que é que os homens têm com as mulheres que diminuem as mulheres sabe que maltratam as mulheres aí depois eu tive eu tive 3 assim relatos muito interessantes, um outro relato é foi de uma pessoa dizendo que um professor dizendo que na graduação da universidade um aluno bateu outra aluna né, e bateu e por aí por que que o que que houve o que que houve poxa vai chama pra conversar aí que eu não sei o que lá e vai ser punido tudo mais quem era namorada dele atriz aborreceu com ela sabe a se achou no direito e parece aí segundo relato desse professor sabe lá tem muito disso, ou seja o homem se sente no direito não é de realmente controlar a mulher, logicamente caso bater, é um caso extremo né, mas controlar a mulher sabe nos seus detalhes. ah! me lembrei de mais uma fofoca eu vou te falar bom eu ando com minha filha, eu encontrei com minha filha lá. Ela foi passar alguns dias comigo lá na universidade de Coimbra e eu saía nos lugares para comer fala pô lá recebem em Euro querendo mostrar não dinheirinho dela queria pagar as refeições gente era uma briga e não foi em um restaurante em vários restaurantes não aceitavam que a mulher pagasse a conta não e um literalmente falou olha que mulher não paga conta assim, né aí mais um caso também encerra aqui esses casos esses causos né, eu aprendi com com Olavo Feijó não sei se você teve aula com o Olavo Feijó? não ? muito bom foi meu orientador no mestrado não é uma pessoa assim sensacional ele falava que a gente deve se deve usar muitas experiências de vida não é que elas relatam muito sábado Do próprio análise social né então pois bem é relato de uma professora que pegou um táxi né com o português à vontade começou a conversar e ele conversando com ela e tal tal tal tal tal tal... até o momento que ele percebeu que além de ser mulher

ela era Brasileira então ele começou a tomar algumas liberdades sabe que ela não concedeu e ela teve que cortar na conversa do taxista é falado agora o senhor faz o seguinte o senhor ficar em silêncio eu sou professora da universidade e tal o senhor vai me levar até lá e ponto final. Então é mais ou menos assim que a gente pode ver aqui também sim lógico né mas eu achei e chamou bastante atenção o fato daquela formalidades esconder um sexismo, machismo em relação a outro gênero que eu estou falando só de uma relação a minha mulher né que eu não sei como é que fica funcionamento com outras opções sexuais então.

ENTÃO É ASSIM VOLTANDO AQUI O QUE FAZ COM QUE ISSO OCORRA ESSAS DIFERENÇAS COMO VOCÊ ESTÁ DIZENDO AÍ É O CONTEXTO NÉ EM QUE O FENÔMENO ESTÁ INSERIDO SERIA COMO POR EXEMPLO É ESSAS QUESTÕES DE GÊNERO É TEM ALGUMA OUTRA QUESTÃO QUE VOCÊ GOSTARIA DE ESTAR CITANDO TAMBÉM?

A questão de classe social, a questão de raça se todas as diferenças que a gente conhece essas mazelas sociais que existe em nossa sociedade elas podem vir a ser produzidas no ambiente escolar essa é uma perspectiva mas eu volto a falar para você não é é uma preocupação que eu tenho quando a gente vai falar de bullying é que quando a gente fala de bullying a gente está falando de 10% dos casos porque se você pegar as pesquisas do PENSE é 7, alguma coisa estou arredondando para mais todas elas não e quando a gente começa a falar bullying a gente fala do bullying então a gente esquece que a gente está se referindo a menos de 10% então a preocupação que eu tenho é o seguinte eu estou falando você está me perguntando sobre bullying mas eu estou me referindo ao que eu acho desse desses casos que não correspondia a 10% da pesquisa PENSE e mais quando a gente vai fazer pesquisa sabe na escola vou pegar uma amostra dentro de uma unidade escolar a experiência que a gente tem tido é que é mais ou menos por aí esse percentual então o cuidado que eu acho que a gente tem que ter é de quando a gente vai falar de bullying a gente está falando de zoação sabe de brincadeira de não sei que não sei que lá a gente trata como sendo o bullying e os 90% os 10% viram 90% então eu não estou falando dos 90 eu estou falando nos 10.

É ESSAS DIFERENÇAS TÊM A VER COM AS CARACTERÍSTICAS DO BULLY ESCOLAR ENTÃO NÉ TODAS ESSAS QUE VOCÊ VÊ EM CITANDO NÉ QUE ELA JÁ ALGUMA FORMA DO QUE VOCÊ ACHA?

Eu acho que eu acho que a pesquisa a pesquisa do bullying a teoria do bullying ela relata bem o que o para aconteceu no ambiente escolar não o problema que eu vejo é que as pessoas pegaram essas questões porque a questão do bullying é o efeito do bullying é a rotina é o tempo de exposição sabe são coisas que têm um impacto grande na vida das pessoas na percepção das pessoas né só que a gente pega sabe a zoação a sistemática e trata como bullying esse é um problema tá então quer dizer eu não vejo a brincadeira sua são como sendo bullying na verdade as pesquisas que a gente fez os alunos nós pesquisamos não vêem como sendo o bullying é zoação, os professores nós investigamos não vem como bullying, os gestores que nós investigamos não vêem como bullying, os praticantes que nós investigamos não vem como o bullying a questão é que nós começamos a achar que tudo é bullying, então zoar ***** cara eu estava lembrando outro dia estava lembrando pô as pessoas me sacanearam muito quando era quando era moleque não que ***** negro eu era até gordinho então tinha uma bunda empinada então meu apelido era botigão aí pô pessoal por o botigão mitigam e tal tal tal cara eu ficava chateado na hora na hora evidente sacaneava outro também que o outro era talquinho, outra era o caraca e o outro somente não foi uma coisa sabe tipo sistemática e tal tal tal tal tal tal me levar um dano ***** não foi isso aí foi um aviso ação foi uma brincadeira né eu poderia falar pra você agora você me entrevistando olha eu fui alvo de bullying quando eu estava na quinta para sexta série sabe o os meus colegas me chamavam de muito botigão, e não sei o quê tal tal tal tal tal isso me deixou muito chateado é fiquei chateado passei por isso brinquei com todo mundo sacaneia os outros e eu sobrevivi a essa situação que não foi um caso bullying porque o bullying é uma questão rotineira repetitiva e não sei o que lá que é passear a essa situação que que observa entendeu em relação ao ao que a gente está falando aí

É PARA VOCÊ QUAIS SERIAM AS CARACTERÍSTICAS DO BULLYING ESCOLAR?

Bom, eu acho que a gente tá voltando ao mesmo ponto só das mesmas coisas né então seria uma ação rotineira repetitiva e tal que a gente encontra na teoria não.

E QUANDO VOCÊ FALOU QUE LÁ VOCÊ NÃO SENTIU ISSO QUE VOCÊ NÃO TEVE ISSO TEM A VER COM VOCÊ DO RIO DE JANEIRO TEM A VER COM A QUESTÃO CULTURAL DO RIO DE JANEIRO ESSA CULTURA DO RIO DE JANEIRO DE ZOAÇÃO DO APELIDAR E NÃO SE SENTIR MAL PORQUE O

CARIOCA BRINCA MUITO COM ESSA QUESTÃO NÉ EU NÃO POSSO EU NÃO POSSO TRAZER TRAZENDO A QUESTÃO REGIONALIZADA PORQUE EU NÃO TENHO ESSA VIVÊNCIA DE SÃO PAULO NÃO TER ESSA VIVÊNCIA DO SUL MAS ASSIM COMO EU ESTOU TE ENTREVISTANDO VOCÊ AQUI DO RIO E ASSIM EU TIVE OUTROS ENTREVISTADOS TIVE SÃO PAULO ELES NÃO TROUXERAM ESSA QUESTÃO É CULTURAL NÃO É MUITO FORTE VOCÊ JÁ VEM TRAZENDO PORQUE VOCÊ TAMBÉM É DO RIO A GENTE É MUITO DESSA QUESTÃO DA ZOAÇÃO VOCÊ VEM TRAZENDO ATÉ DESDE AS SUAS PALAVRAS

Então deixa eu te falar uma coisa o Flávia desculpe mas aproveitando o gancho aqui sobre a sua fala né é existe uma outra perspectiva que a gente identificou e é um caminho que a gente poderia seguir nessa investigação sobre o bullying fala sobre as relações jocosas, as relações jocosas vem da teoria de radcliffe radcliffe Brown e tem um pesquisador em São Paulo porque você fala de São Paulo me chamou logo atenção não é que é o chamado nome dele é galstal ele investiga essa questão das relações local jocosas entre as torcidas de futebol e a relação jocosa sabe é uma zoação é uma chateação é uma brincadeira de uma certa forma entre aspas consentida entre as partes então não diria que é uma exclusividade do carioca porque ele está identificando isso nas torcidas de São Paulo ele não está falando a gente não está falando sabe daquele torcedor fanático que ***** sai na porrada e quer matar que dá tiro no outro a gente não está falando isso mas desses loucos né que corresponda a uma exceção dentro da maioria mas nós qual seu time então eu tô com a camisa do Flamengo sobre A TAMBÉM SOU FLAMENGUISTA nem vou te zoar não vou poder te zoar porque na verdade sabe a gente sabe tu ou a brincar com outro de uma forma consentida não na verdade os pesquisadores começaram a observar essa teoria sabe nas sociedades mais originárias, e como é que isso era constituída, era um Ethos né que era uma relação consentida ele traz isso ele contextualiza isso para os nossos para os nossos dias e fala sobre as questões da torcida usuário brincar então até não é uma particularidade do carioca que nós somos realmente mais divertidos nós somos mais amistosos eu sei que você tem parente na França eu paguei muito mico lá na França pelo seguinte eu tô andando na rua E vem uma pessoa e eu olho para mim bonjour e a pessoa passa batida debatido aí ***** minha filha chama atenção ***** pai que é isso cara você não tem que ficar falando todo mundo na rua, mas for nós somos assim é sabe nós somos uma história nós somos agradável nós queremos falar com as pessoas sabe isso faz parte da nossa cultura nossa formação né eu entendo que outros

grupos sociais possam ser diferentes mas tem coisas também são parecidos né então eu não digo que seria uma particularidade do carioca então você quer ver um pouco mais amistoso que o nosso que é o baiano o que você já viu um povo mais sacana do que o baiano eu estou pra conhecer e o negócio deixa todo mundo Negão e o Negão sacaneio Negão é entendeu então sabe e isso é a gente tem que relativizar sabe essa essas questões porque se não a gente corre o risco de engessar a mesma coisa que nós criticamos do criticamos sobre é a penalização dos praticantes do bullying porque a gente entra na teoria da rotulação das das estigmatização então na verdade é um efeito perverso isso a nossa análise é uma análise sociológica viu Flávia, gente usa sabe das teorias sociais para fazer análise desse fenômeno então na verdade isso acabou criando um efeito perverso como efeito perverso da penalidade da punição do praticante do bullying rotulação estigmatização então a partir do momento que a gente começa a fechar a estabelecer padrões não carioca é desse jeito o Paulista é a gente corre o risco fazer a mesma coisa eu não me sinto confortável para fazer análise dessa forma eu acho que pode ser diferente

E A ÚLTIMA PERGUNTA PRA TERMINAR: VOCÊ ACREDITA QUE ESSAS CARACTERÍSTICAS ESTÃO PRESENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA? DE QUE FORMA ELAS ESTÃO? SE NÃO ESTÃO POR QUE QUE NÃO ESTÃO?

Aham eu acho que ela está presente no ambiente escolar né a gente vê que talvez seja mais fácil identificar eu não sei se é mais fácil ou mais difícil né porque também o bullying acabou sendo uma arma porque o professor alguns professores têm de penalizar ainda mais os alunos, então num ambiente fechado da sala de aula fica mais fácil você identificar aquele aluno que não está fazendo é não está fazendo o trabalho aquele aluno que chega atrasado aquele aluno que está jogando bolinha de papel no outro né então é um ambiente de entre aspas mais controlado no qual o professor consegue identificar mais né houve um até uma estimativa da pesquisa da Telma de que de acordo com a área de conhecimento que ela usou as áreas de BNCC para é necessário então as várias linguagens para identificar que os professores provavelmente puniriam mais os alunos e ela identificou que não existe depende da personalidade do professor inclusive perdão um professor de educação física foi considerado os professores que mais penalizava em alunos mas punia os alunos pelo grupo investigado né que é uma coisa bem curiosa até porque a gente acha que nós somos legais e nós não penalizamos ninguém nós brincamos com todo mundo né existe também um estudo que fala sobre a possibilidade de o professor

ser o agente provocador do bullying né então quer dizer aí a gente teria que contextualizar de novo a minha preocupação é sempre essa que que é bullying será que realmente a bullying isso é relação isso é uma zoação isso é uma relação jocosa que que é isso eu acho que falta sabe a gente discutir mais essas questões porque essa questão da gente uniformizar generalizar e dizer que tudo é bullying isso está me incomodando isso me incomoda não porque esse justamente esse essa generalização que também cria um efeito perverso qual o efeito inesperado que está acontecendo que a gente não está dando a devida ênfase aos casos que deveriam ser realmente cuidados como bullying pô que são graves são impactantes que geram que são nocivos à saúde das pessoas não é que Eu Acredito que sejam Eu Acredito que deve existir o que eu não acredito é que a maioria dos casos né e o que a gente tem observado sim essa generalização essa percepção generalizada do que é bullying até porque nós eu me incluo nisso a gente não conhece de fato que seria esse fenômeno bullying como é que acontece a gente sabe que na teoria acompanhar na prática eu não tive essa oportunidade não é até porque como esses casos na minha concepção diz colegas também da área escolar pelo menos algum tempo atrás agora todo mundo já pode estar convencidos que tudo é bullying então não tem que tem que refazer a minha avaliação com a maioria dos meus colegas na época eu estava Na prática né não tinha essa concepção do que seria o bullying ou seja a indisciplina porque eu acho que a ténue né essa linha divisória muito ténue então a indisciplina os erros de conduta o professor por isso eu peço para o senhor intervém não isso acontece todos ambientes escolares com escolares né nós fizemos mais uma pesquisa que acreditava que as pessoas menos habilidosas na educação escolar era as pessoas mais sujeitas à prática do bullying da zoação não é possível é possível né mas aí o professor mas é a mesma questão da não é uma questão nova que que está se configurando a partir da década de 60, 70 a questão que a gente sempre lidou com ela e tem a necessidade de continuar lidando tá do mesmo jeito que nós vamos de matemática eu era ruim de matemática então provavelmente eu deveria ser excluído dos grupos entendeu então pô mas nem por isso deixava de fazer aula de matemática tinha que fazer aulas de matemática não ele também eu não Era excluído Eu era ruim de matemática mas era bom a língua portuguesa então poderia ser ruim de natação mas eu sou bom sabem bolinhas de gude, então cabe ao professor mas é um procedimento didático da pedagógico professor saber lançar mão sabe daquelas oportunidades que o aluno possa se perceber potencializado e além do mais o seguinte a gente tem que entender que a gente aprender a conviver com as diferenças eu percebi as minhas limitações e

potencialidades de forma que eu posso perceber também no outro limitações potencialidade e a partir do momento que a gente percebe que nós todos temos potencialidades diferenças limitações a gente passa a respeitar melhor então isso faz parte do processo ensino aprendizagem ótimo vou parar aqui a gravação.

ENTREVISTADO 6 – E6

E O QUE QUE VOCÊ ENTENDE SER BULLYING ESCOLAR?

Bullying escolar para mim é uma prática agressiva entre estudantes de pares não é dentro de uma escola é e o bullying ele tá presente é em muitos momentos né posso dizer pra você que não existe nenhuma escola sem bullying todas as escolas sejam elas da rede pública ou privada é há presença do bullying nela existe.

O BULLYING ESCOLAR É IGUAL EM TODOS OS LUGARES EM TODAS AS ESCOLAS? ELE É IGUAL?

Um... não posso dizer que é igual, mas a intenção ela é muito parecida e a função do agressor é sempre maltratar, agredir, humilhar né, é ter uma vantagem sobre uma outra pessoa então muito muito subjetivo assim dizer que ela que é tudo igual porque existem casos e casos um bullying mais agressivo, um bullying menos agressivo, um bullying direto, o bullying psicológico, então não dá pra dizer que é tudo igual mas é é muito próximo a intenção assim para que magoar e prejudicar alguém

ENTÃO VOCÊ ACREDITA QUE A DIFERENÇA DO BULLYING ESCOLAR PRATICADO AQUI NO BRASIL EM OUTROS PAÍSES?

Não acredito que tenha diferença não tem diferença.

E POR QUE QUE NÃO HÁ DIFERENÇA?

Porque o bullying ele tem um conceito muito Claro né é você agredir uma pessoa ela vai agredir outra pessoa ela vai maltratar outra pessoa né uma ou um grupo de pessoas a uma a um a um outra uma outra pessoa né É Ela tem a intenção ela tem a duração né então ele tem um conceito muito Claro bullying é bullying não tem diferença se ele é aqui se é nos Estados Unidos, se ele é na Alemanha, se ele é em Portugal, se é na China, bullying é bullying né a intenção ele está dentro de

um conceito é não dá para você distinguir quem é que ele pode ser diferente daqui ou de outro

É O QUE VOCÊ PENSA ASSIM PORQUE O BULLYING JÁ QUE VOCÊ DIZ QUE NÃO HÁ DIFERENÇA O ELE É O MESMO NÉ ISSO NA AGRESSÃO É MESMO ENTÃO O QUE QUE VOCÊ ACHA DOS ESTUDOS POR EXEMPLO DO OLWUES ELES SÃO APLICADOS AQUI NO BRASIL? PORQUE EXISTE UMA DIFERENÇA NÉ DA FORMA COMO ELE ESTUDOU LÁ NA NORUEGA E EXISTE E O QUE A GENTE VEM PESQUISANDO AQUI?

AH! assim né, a gente tem que pensar o seguinte né Dan Olweus foi percurso a ele que que que todo iniciou todos os estudos né mas o bullying também é ele tem uma evolução, como o bullying de antigamente era um, o bullying de hoje é outro né, é tudo se evolui até mesmo acho que até a própria maldade e as intenções né mudou-se muito a forma de se fazer bullying né, é eu tive uma geração que eu fiz muito bullying, que eu sofri muito bullying mas eu não tenho trauma sobre isso né, é essa geração é com o desenvolver é do tempo né, é criou-se muitas coisas em torno né do bullying é deu-se mais atenção a isso né mudou se a gente vive em uma outra era, num outro momento é são outras crianças, outras atitudes né, é existe todo um contexto é que a gente tem que analisar externo tá para comparar o bullying lá quando Dan Olweus começou a estudar com o bullying hoje né, hoje nós temos o cyberbullying, antigamente não tinha Cyberbullying né então vão aparecendo novas formas de se fazer bullying né, O ser humano ele vai criando estratégias né de pregar peças e de fazer maldades né para que fique cada vez mais velados para que eles não se apareçam como apareça tanto entendeu então não dá para comparar houve uma evolução né.

ENTÃO ESSA EVOLUÇÃO ESSAS DIFERENTES FORMAS TÊM A VER COM AS CARACTERÍSTICAS DO BULLYING ESCOLAR PARA VOCÊ?

Depende do que você entende por característica escolar o que é característica escolar?

NÃO CARACTERÍSTICOS DO BULLYING ESCOLAR À AÇÃO DO ISOLAMENTO

Sim sem dúvida, sem dúvida.

E PRA VOCÊ QUAIS SERIAM ASSIM ESSAS CARACTERÍSTICAS QUE TEM A VER COM ESSAS FORMAS COMO VOCÊ ACABOU DE FALAR DA QUESTÃO GERACIONAL NÉ DA DE GERAÇÃO QUE VAI SE MODIFICANDO?

Valores familiares, valores sociais, né valores de maneira geral, é eu acho que é a escola se perdeu muito né os valores eles foram deixados velado em muitas instituições né, o papel do professor né ele mudou também dentro da escola, então é antigamente né é a função da escola, a função do professor que era que é educar e passar os conteúdos né porque a criança elas haviam com valores de casa, hoje um professor além de ser professor de passar todo o conteúdo pedagógico, metodológico, técnico, ele também tem que assumir uma responsabilidade de educar, é a escola escolariza, a família educa isso tem que ficar muito claro não dá para colocar tudo isso dentro da escola e jogar essa responsabilidade para ambiente do professor né então essas características né valores as crianças elas chegam sem valores elas são individualistas elas não aceitam não né se você chama a atenção dela o professor é o errado então foi-se criando um cenário né onde é tudo isso parece que favorece né para que as violência, a discussão né, valor do não para uma criança ele é muito julgado dentro da escolas, o valor das limitações dos limites para as crianças são muito julgados né então isso vai se criando toda uma atmosfera que se cria um ambiente né que é totalmente desfavorável.

E VOCÊ ACREDITA QUE ESSAS CARACTERÍSTICAS ESTÃO PRESENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SE ESTÃO DE QUE FORMA SE NÃO ESTÃO É POR QUE QUE ELAS VÃO ESTÃO ESSES CARACTERÍSTICAS DO BULLYING ESCOLAR ESTÃO NAS AULAS NAS PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA?

Há isso acontece né isso está presente dentro de uma aula né, é o professor ele tem que ter a percepção, aí entra num outro em um outro cenário né, o professor de educação física, ele o professor de forma geral ele tem que saber, ele tem distinguir o que que é bullying, o que que é indisciplina, de o que que é violência se ele não souber distinguir isso tudo vai ser bullying para ele, ,eu posso ter um aluno indisciplinado na minha aula de educação física, “não chute a bola de vôlei daí ele vai lá e chuta a bola de vôlei” mas ele não é um aluno violento, o aluno que não prejudique ninguém ele é um aluno indisciplinado, o professor precisa entender que o bullying é aquele que exclui, é aquele que chama é quando o coleguinha erra lá, ele vai lá e xinga e agride verbalmente né, que ele empurra, ele bate, entendeu! o professor precisa entender as características do bullying, para ele entender se realmente isso acontece dentro da aula de educação física, porque em um jogo, um

jogo normal né, a gente inflama a gente é professor de educação física né, a gente quer ganhar, a gente discute, a gente fala mas isso não é bullying, isso é o momento do jogo, então precisa, precisa entender, o professor ele precisa de orientação tudo parece que é bullying tudo é colocado dentro do mesmo pacote não é, existe diferença muito clara o que que é violência, o que que é de indisciplina, e o que que é bullying, às vezes você tem alunos indisciplinados mas eles não são violentos eles não fazem bullying.

APÊNDICE E – Autorização de Pesquisa Acadêmica na Escola Municipal



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Educação
Subsecretaria de Ensino

AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Sr (a) Coordenador (a) da E / 8ª CRE

Autorizamos a realização do Projeto de Pesquisa Acadêmica apresentado por **Flavia Fernandes de Oliveira**, doutoranda do Programa de Pós-Graduação Ciências do Exercício e do Esporte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, denominado: **“BULLYING NO RIO DE JANEIRO: PERSPECTIVA CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR”**, processo nº 07/007.642/2019.

A pesquisa conta com o Parecer Favorável do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ / Plataforma Brasil e da equipe Técnica da E/SUBAIR/CAGE/GPE/NIAP.

O objetivo consiste em analisar como acontece o *Bullying* em escolas do Rio de Janeiro dentro da perspectiva cultural das aulas de Educação Física.

A pesquisa será realizada através de observações de campo, sistematizadas em um diário de campo buscando interpretar se durante as aulas de Educação Física as características do *Bullying* acontecem.

A pesquisadora se compromete a respeitar a rotina da UE e a divulgar os resultados a Subsecretaria de Ensino, conforme a Portaria E/SUBE nº 3/2020.

A pesquisa terá validade até dezembro de 2022 e este documento deverá ser entregue na sede da E/8ª CRE.

Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 2021



CHARLES WILSON MARTINEZ REJALA
Assistente I – E/SUBE
Matrícula: 11/177137-7

APÊNDICE F – Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Professores de Educação Física



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PEDRO ERNESTO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa denominada *Bullying* no Rio de Janeiro: Perspectiva Cultural da Educação Física Escolar, realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências do Exercício e do Esporte – PPGCEE UERJ e que diz respeito a uma tese de doutorado. O objetivo do estudo é analisar como acontece o *bullying* em escolas do Rio de Janeiro dentro da perspectiva cultural das aulas de Educação Física. A pesquisa que será realizada durante as aulas de Educação Física e nas demais atividades no local da Educação Física nas quais você estará envolvido (a). Você será observado que inicialmente poderá te levar a estranhar a presença da pesquisadora, ela vai explicar sempre que necessário sobre sua participação nas aulas, além de te ajudar para que você se sinta mais a vontade com a sua presença. Durante o período da observação, ela poderá fazer algumas anotações sobre os acontecimentos durante a aula que considere interessante para estudar sobre as ações que ocorreram em que houve desentendimento ou formas de tratar o outro que gerou desconforto. Essas anotações feitas serão usadas apenas na pesquisa e não trarão a sua identificação.

Nesta pesquisa o risco pode ser avaliado como mínimo, pois todos os cuidados serão tomados para que a sua privacidade seja respeitada. Os benefícios serão indiretos, visto que na medida em que se produz conhecimentos sobre o *bullying*, podem ser geradas novas estratégias para o seu enfrentamento.]

Os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas e apresentados a todos de acordo com a disponibilidade. A pesquisadora responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. A sua participação é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. A participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido à participação no estudo. Fica garantido o direito de buscar indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei. Você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com a pesquisadora. Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pela pesquisadora. A pesquisadora garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso a pesquisadora Flávia Fernandes de Oliveira pelo telefone pelo telefone (21) 996858547 ou pelo e-mail: tabininha@gmail.com. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto/UERJ, que é um órgão que protege o participante de pesquisa de atitudes da pesquisadora que não estejam de acordo com o combinado neste termo. Av. Vinte e Oito de Setembro, 77 Térreo - Vila Isabel - Cep 20551-030. TEL: 21 2868-8253 – Email: cep-hupe@uerj.br.

CONSENTIMENTO

Eu, _____ li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante	Data: ____/____/____
-------------------------------	----------------------

Rubrica Pesquisador: _____
Rubrica participante: _____



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PEDRO ERNESTO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Eu, _____ obtive de forma apropriada e voluntária o
Consentimento Livre e Esclarecido do(a) participante da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a)	Data: ____/____/____
---------------------------------	----------------------

Rubrica Pesquisador: _____ Rubrica participante: _____

Página 2 de 2

APÊNDICE G – Modelo de Termo de Consentimento Livre do Responsável Legal



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PEDRO ERNESTO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RESPONSÁVEL LEGAL

Prezado(a) responsável/representante legal:

Gostaríamos de solicitar o seu consentimento para o(a) menor participar como voluntário(a) da pesquisa denominada *Bullying* no Rio de Janeiro: Perspectiva Cultural da Educação Física Escolar, realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências do Exercício e do Esporte – PPGCEE UERJ e que diz respeito a um (a) tese de doutorado. A pesquisa que será realizada durante as aulas de Educação Física e nas demais atividades no local da Educação Física nas quais o (a) menor de idade estará envolvido (a). O objetivo do estudo é analisar como acontece o *bullying* (situações de violência física e/ou psicológica) em escolas do Rio de Janeiro dentro da perspectiva cultural das aulas de Educação Física. A criança/adolescente será observado(a) e isto poderá levar a estranhar a presença da pesquisadora, inicialmente. Ela vai explicar sempre que seu (sua) filho (a) achar necessário sobre sua participação nas aulas, além de ajudar a criança/adolescente achar necessário para que você se sinta mais à vontade com a sua presença. Durante o período da observação, ela poderá fazer algumas anotações sobre os acontecimentos durante a aula que considere interessante para estudar sobre as ações que ocorreram em que houve desentendimento ou formas de tratar o outro que gerou desconforto. Essas anotações feitas serão usadas apenas na pesquisa e não trarão a identificação do (a) seu (sua) filho (a), respeitando a sua privacidade.

Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, pois todos os cuidados serão tomados para que a privacidade do seu (sua) filho (o) seja respeitada. Essa pesquisa poderá trazer coisas boas, pois é possível sua contribuição para um melhor conhecimento sobre o *bullying*, podendo ajudar para que aconteça menos. O que poderá levar a diminuição de seus impactos na vida dos adolescentes participantes da pesquisa e outros adolescentes dentro do cenário escolar.

Os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas e apresentados aos responsáveis e as crianças/adolescentes de acordo com a disponibilidade do(a) professor(a) de Educação Física. Asseguramos que a privacidade do (a) menor será respeitada e o nome dele (a) ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o(a) identificar, será mantida em sigilo. A pesquisadora responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. A participação do (a) menor neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a permitir que ele (a) participe do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar que o (a) menor saia da pesquisa ele (a) não sofrerá qualquer prejuízo. A participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido à participação do (a) menor no estudo. Fica garantido o direito de buscar indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei. Você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com a pesquisadora. Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pela pesquisadora. A pesquisadora garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso a pesquisadora Flávia Fernandes de Oliveira pelo telefone pelo telefone (21) 996858547 ou pelo e-mail: tabininha@gmail.com (21) 996858547 ou pelo e-mail: tabininha@gmail.com. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto/UERJ, que é um órgão que protege o participante de pesquisa de atitudes da pesquisadora que não estejam de acordo com o combinado neste termo. Av. Vinte e Oito de Setembro, 77 Térreo - Vila Isabel - Cep 20551-030. TEL: 21 2868-8253 – Email: cep-hupe@uerj.br.

Rubrica Pesquisador: _____
Rubrica participante: _____

Página 1 de 2



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PEDRO ERNESTO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



de Oliveira pelo telefone pelo telefone (21) 996858547 ou pelo e-mail: tabininha@gmail.com (21) 996858547 ou pelo e-mail: tabininha@gmail.com. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto/UERJ, que é um órgão que protege o participante de pesquisa de atitudes da pesquisadora que não estejam de acordo com o combinado neste termo. Av. Vinte e Oito de Setembro, 77 Térreo - Vila Isabel - Cep 20551-030. TEL: 21 2868-8253 – Email: cep-hupe@uerj.br.

CONSENTIMENTO

Eu, _____ li e concordo com a participação do
menor _____ na pesquisa.

Assinatura do(a) responsável /representante legal	Data: ____/____/____
---	----------------------

Eu, _____ obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do (a) responsável /representante legal pelo (a) menor participante da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a)	Data: ____/____/____
---------------------------------	----------------------

Rubrica Pesquisador: _____
Rubrica participante: _____

APÊNDICE H – Modelo de Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PEDRO ERNESTO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa *Bullying* no Rio de Janeiro: Perspectiva Cultural da Educação Física Escolar. Queremos saber como acontece o *bullying* em escolas do Rio de Janeiro dentro das aulas de Educação Física.

As pessoas que irão participar desta pesquisa têm de 11 a 15 anos de idade. A pesquisa será feita no (a) _____. Durante a pesquisa, você será observado, que com isto poderá levar você a estranhar a presença da pesquisadora, inicialmente. Ela vai explicar sempre que você achar necessário sobre sua participação nas aulas, além de ajudar no que você achar necessário para que você se sintam mais a vontade com a sua presença. Durante o período da observação, ela poderá fazer algumas anotações sobre os acontecimentos durante a aula que considere interessante para estudar sobre as ações que ocorreram em que houve desentendimento ou formas de tratar o outro que gerou desconforto. Essas anotações feitas serão usadas apenas na pesquisa e não trarão sua identificação, respeitando a sua privacidade. Caso aconteça algo errado, você pode procurar a pesquisadora Flavia Fernandes de Oliveira, pelo telefone (21) 996858547 ou, ainda, pelo e-mail: tabininha@gmail.com.

Essa pesquisa poderá trazer coisas boas, pois é possível sua contribuição para um melhor conhecimento sobre o *bullying*, podendo ajudar para que aconteça menos. O que poderá levar a diminuição de seus impactos na vida dos adolescentes participantes da pesquisa e outros adolescentes dentro do cenário escolar.

Você não precisa participar desta pesquisa se não quiser. Ninguém ficará irritado(a) ou chateado(a) com você se você disser “não”: a escolha é sua. Você pode pensar nisto e falar depois se você quiser. Você pode dizer “sim” agora e mudar de ideia depois e tudo continuará bem. É importante que você converse com seus responsáveis sobre a sua decisão. Saiba o que eles acham, fale a eles o que pretende fazer, se quer ou não participar. Você tem o tempo que precisar para isso. Também pode conversar com a pesquisadora, quando quiser. Ela responderá todas as suas dúvidas, em qualquer momento.

Você não receberá nenhum dinheiro nem terá que pagar nada para participar da pesquisa. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as pessoas que participaram da pesquisa. A pesquisadora também apresentará os resultados para vocês em uma data que vai combinar com o(a) professor(a).

ASSENTIMENTO

Eu _____ entendi este termo e aceito participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante	Data: ____/____/____
-------------------------------	----------------------

Rubrica Pesquisador: _____
Rubrica participante: _____



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PEDRO ERNESTO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Eu, _____ obtive de forma apropriada e voluntária o Assentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a).

Data: __/__/__

Rubrica Pesquisador: _____
Rubrica participante: _____

APÊNDICE I – Alguns Registos do Diário de Campo das 102 Aulas Observadas

ESCOLA PÚBLICA

24/10/22 Ed. Física 1707 (35 alunos)
 24 alunos presentes
 A professora informou que na última aula observada o aluno Francisco, reatou em uma discussão e o colega enfureceu-se e saiu a quebrar coisas. Sendo que no início da aula ele e uns colegas estavam brigando por causa de lugar na frente (primeira fila de frente para o quadro)
 ⇒ Hq o aluno não está na turma.
 A professora iniciou a aula expondo a atividade que será realizada no tempo futebol de praia ⇒ negociação ao tempo que eles fizeram a atividade
 Os alunos que não fazem roupa não fazem EDF, um aluno diz que não quer fazer aula e por isso não faz roupa.
 Obs.: No momento em que a professora saiu da aula, os alunos saíram do lugar...

* A professora pediu que todos caminhassem em volta do campo, os que não estavam fazendo nada, ela não refutou o francês o nem os alunos que os dois de caminhassem sentaram na obra junto.
 ⇒ O aluno F retornou ao aula com o braço enfiado
 A aula iniciou com os alunos indo buscar de roupa, os que ficaram na sala aguardando, sendo que 3 meninas ficaram brincando de dançar no mínimo.
 - Tema: GINÁSTICA
 10 Alunos além de roupa de prática. Não fizeram aula.
 O aluno saiu da aula dizendo que não vai fazer que prefere fazer trabalho, depois saiu um grupo de meninas
 só ficaram 34 alunos sendo a maioria meninas fazendo atividade
 * Sempre são os mesmos alunos que ficam de fora.

25/10/22 Briga reformada quadra de volei de praia
 ⇒ Olimpíadas *
 Um aluno se queixou dizendo que um colega havia se queixado dele na mesma hora com a aluna.
 A turma se dividiu para fazer um grupo p/ o queimado (meninos), e os (meninos) de futebol.
 Um grupo ficou de fora no parquinho
 Dois meninos foram até a professora a pedir para p/ fazer a corrida.
 Uns ficaram na trilha também nem todos não jogam fora a critério dos alunos
 No queimado... Enquanto eles jogavam um menino ficou gritando o tempo todo "vai gozo", por este hábito os queimados depois foram gritando "vai gozo" quando eles jogavam a bola longe para ele correr... e jogar no campo dos queimados, os que uma aluna gritou para com isso tá "isso é bullying"
 Depois de um tempo todos pararam e dois meninos ficaram de fora gritando... "vai gozo" enquanto os outros que jogavam gritavam com...

* A professora pediu que todos caminhassem em volta do campo, os que não estavam fazendo nada, ela não refutou o francês o nem os alunos que os dois de caminhassem sentaram na obra junto.
 ⇒ O aluno F retornou ao aula com o braço enfiado
 A aula iniciou com os alunos indo buscar de roupa, os que ficaram na sala aguardando, sendo que 3 meninas ficaram brincando de dançar no mínimo.
 - Tema: GINÁSTICA
 10 Alunos além de roupa de prática. Não fizeram aula.
 O aluno saiu da aula dizendo que não vai fazer que prefere fazer trabalho, depois saiu um grupo de meninas
 só ficaram 34 alunos sendo a maioria meninas fazendo atividade
 * Sempre são os mesmos alunos que ficam de fora.

ESCOLA PRIVADA

Como continuaram estranhos entre eles na sala.

23/04/22

=> Tema da aula: Dodgeball 4 bolas

Antes de iniciar a aula o professor explicou as regras do jogo, mas antes em envelope o termo de consentimento da pesquisa.

A turma antes da aula ficou bastante agitada, mesmo na presença do professor que pediu a sala e entrou a eles que pediram 25 minutos da aula.

Na quadra um grupo de meninos foram para o banheiro, a professora iniciou e eles saíram do banheiro.

* Retorno na hora da saída para o recreio, eles saíram correndo da quadra e o aluno O o menor da turma foi empurrado contra o portão, ele se acidentou e foi para cadeira.

* Os meninos que estavam de fora da sala 2 dez estão misturados e a aula

26/05/22

TEMA DA AULA: Queimado

OCCORRÊNCIA: Uma aluna no início da aula falou que a turma não ia ter aula de EDE, porque a coordenadora disse uma coisa. Ela contou que a professora de Inglês não conseguiu dar aula e pediu que todos ficassem calados, com isso eles começaram a rir e a professora foi embora e não quis dar aula.

O PROFESSOR: Chegou antes da aula

No término da aula o professor foi chamado para ir ali a depois por conta da queda de dois alunos que chegaram antes da sua aula e isso acabou.

CADERNO INTELIGENTE

sem fazer a prova. O professor disse para os meninos não ficarem no banheiro nenhum que estava de fora estava com celular e o professor pediu que o mesmo guardasse na sala. Ele pediu voltar para o banheiro pelo banheiro.

=> 2ª turma voltou da aula que estavam de fora e uma delas no último aula o professor chamou atenção que ela estava no banheiro ela voltou ao banheiro com uma amiga que também estava de fora da aula.

Os alunos se aproximaram de mim como se eu não existisse. Durante o jogo um grupo de meninos ficaram com uma bola e começaram a jogar.

Depois que acabou a aula, a professora chegou e falou que os alunos estavam muito agitados e que eles estavam muito agitados.

* O professor chegou no recreio e os meninos começaram a jogar no recreio.

Eles estavam bem agitados como se fossem meninos e meninas como estava o menino e a menina e o time que perdeu foi o time

com ele

* Somente 2 alunos estavam de fora da atividade. Todos estavam participando.

Até depois 2 meninos saíram, e o menino que estava de fora sem o uniforme, pediu para participar. No jogo da AMÉBA, todos gostam muito de jogar. O menino pegou a bola e só queimou menina.

Os meninos começaram a se agitar e um deles deu briga no resto do grupo e o professor não conseguiu controlar a situação e chamou um dos meninos que começaram a chorar.

* O menino que a coord. diz que é muito inteligente e alguns alunos foram mal.

Até o banheiro um grupo de meninos entrou no banheiro, e os meninos também.

Porém o professor foi somente chamar os meninos com medo deles fazerem alguma coisa errada. Os meninos que estavam no banheiro fecharam a porta e ficaram dentro do banheiro.

* O professor notou que os meninos saíram da sala e eles estavam

Cerca de 10 minutos no banheiro, eles ficaram espantados, achando que não havia mais nada.

Um grupo de meninos no banheiro

O professor iniciou a aula na sala deu alguns informes e fez a chamada. pediu que os alunos entrassem para a quadra sem bagagem.

Até os alunos estavam em fila, e o professor colocando os nomes na quadra, eles ficaram zangados "agitados" entre si. Durante a atividade um casal de alunos ficou brincando de tapa no pé e depois no um outro.

RESOLUÇÃO => O nome da brincadeira

* O aluno 4A

Início da aula os alunos ainda na sala quando professor entrou muitos ainda muito agitados, de pé, gritando um grupo no fundo da sala jogando bola